NA MESA-REDONDA: NOVO ENCONTRO NACIONAL DE CINE-CLUBES?

Diário de Lisboa

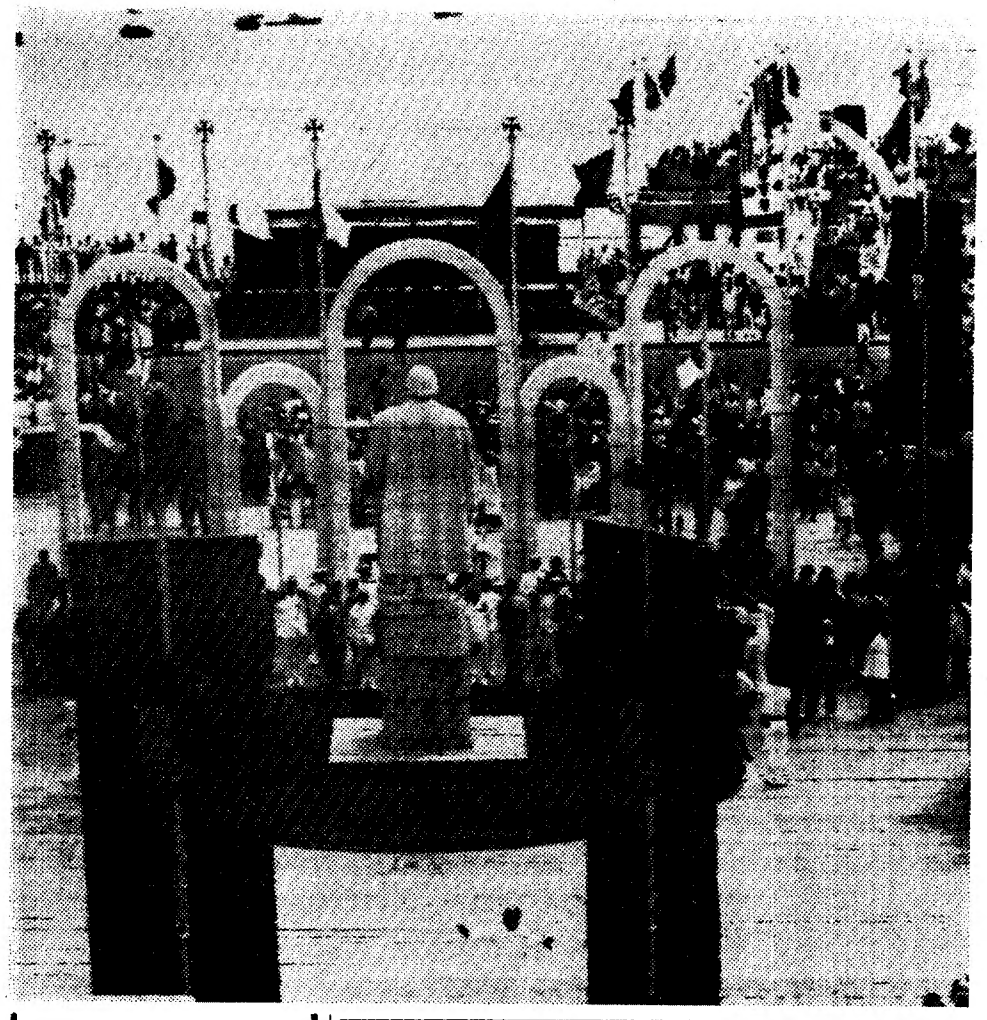
FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 24 DE JULHO DE 1970 N.º 17 094 ANO 50.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS



A visita oficial do Chefe do Estado a S. Tomé e Príncipe, no ano das comemorações do V Centenário da descoberta daquelas ilhas, começou ontem, em ambiente simultaneamente solene e festivo, conforme a gravura documenta. Os objectivos da viagem estão a ser plenamente atingidos e, mesmo, ultrapassados, estando o sr. almirante Américo Thomaz a ser alvo de aparatosa recepção, quer por parte das entidades oficiais, quer por parte da população. O programa da visita está a ser cumprido escrupulosamente e está hoje a decorrer com as mesmas características do dia anterior

(Ler not. na pág. central)

NOS PRIMEIROS MESES DE 1970 (EM RELAÇÃO A 1969)

AUMENTOU O NÚMERO DE TURISTAS

PARIS, 24 — (F. P.) — O turismo internacional teve um notável desenvolvimento em 1969 e, segundo as últimas informações disponíveis, este progresso continuou em muito bom ritmo durante os primeiros meses deste ano, designadamente em Portugal.

Um estudo da OCDE, abrangendo os seus 228 membros, mostra que 120 milhões de turistas foram ao estrangeiro em 1969, gastando 12,3 biliões de dólares (uns 344,5 biliões de escudos). A taxa de crescimento em relação ao ano anterior subiu de 10 a 12 por cento, quando nos anos anteriores o seu progresso tinha baixado fortemente.

Nos países membros euro-

(Continua na 13.ª página)

A princesa Ana tem, a partir de agora a sua figura, em tamanho natural, no museu de cera de madame Tussaud

COMEÇOU O JULGAMENTO DOS ASSASSINOS DE TATE

LOS ANGELES, 24—(R.) — A acusação inicia hoje o julgamento do caso de Sharon Tate com a leitura de um documento afirmando que os «hippies» acusados tentavam provocar uma guerra racial.

O magistrado da acusação Vincent Bugliosi que estará presente durante a abertura do julgamento afirma que vai revelar um motivo «quase tão bizarro como os próprios assassinos.»

Segundo fontes ligadas á acusação, o documento sublinhará que Charles Manson, chefe de um culto «hippie» tinha uma visão da sociedade caminhando para um fim em que pretos e brancos se degolavam mutuamente, visão essa baseada na canção dos «Beatles» «Helter Skelte».

Manson e dois membros da sua «família», Patricia Krenwinkel e Susan Atkins são acusados do assassínio da actriz Sharom Tate e mais quatro pes-

(Continua na página seguinte)

DANIFICADA A SEDE DA FRELIMO EM DAR-ES-SALAAM

DAR-ES-SALAAM, 24. — (R.) — A explosão de uma bomba danificou os escritórios da sede da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) estabelecida em Dar-Es-Salaam.

A explosão ocorreu ontem e ficou ferido gravemente um mensageiro.

A Frelimo é uma organização africana antiportu-

(Continua na 16.ª página)

HOJE 36 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

VOLTAMOS A PUBLICAR AMANHÃ O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO

A fim de satisfazermos os já numerosos pedidos que nos têm chegado à redacção, voltamos a publicar amanhã o boletim duplo de Identificação

(Cont. na pág seguinte)

Doutoramentos em Coimbra pelas Faculdades de Ciências e Medicina

COIMBRA, 24 — Na Sala Grande dos Actos da Universidade têm decorrido as provas de doutoramento, pelas Faculdades de Ciências e de Medicina, dos candidatos srs. drs. José Firmino Moreira Mesquita e Jorge Manuel de Oliveira Fagulha, respectivamente.

Às provas do sr. dr. Moreira Mesquita presidiu o vice-reitor da Universidade, sr. prof. dr. Fernandes de Carvalho e a prova constou de um ponto tirado á sorte, cujo tema foi: «Poliploidia e sua importancia teórica e prática». Arguente, o sr. prof. dr. Abílio Fernandes, da Faculdade de Ciências de Coimbra.

Esta manhã, o sr. dr. Moreira Mesquita Martins, terminou as suas provas, com a defesa da dissertação: «Ultra-estrutura do maristema radicular do *Allium Cepa L.* e suas alterações induzidas por agentes microplásticos e radiométricos». Foram arguentes os srs. profs. drs. Carlos Tavares e Barros Neves, respectivamente, das Faculdades de Ciências de Lisboa e Coimbra.

O juri, reunido no final, aprovou, por 18 valores, o candidato, que foi muito cumprimentado.

Por sua vez o sr. dr. Jorge Manuel de Oliveira Fagulha, perante o juri presidido pela vice-reitora da Universidade, sr.ª prof.ª dr.ª Maria Helena da Rocha Pereira, defendeu a disertação, que apresentou, sobre «Contribuição para o estudo de possíveis fenómenos patológicos no feto de origem imunológica». Foram arguentes os srs. profs. drs. Gonçalves de Azevedo e Henrique de Oliveira, das Faculdades de Medicina do Porto e de Coimbra, respectivamente.

As provas terminam ao fim da tarde.

Artes plásticas

A exposição de Fernando Calhau

Encerra no domingo a exposição do artista Fernando Calhau, que tem estado patente ao publico na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes. A exposição pode ser visitada das 14 ás 20 horas.

O julgamento dos assassinos de Sharon Tate

(Continuação da pág. anterior)

soas na residência da primeira em 8 de Agosto de 1969.

Os mesmos e Leslie van Houten são também acusados de assassínio do dono do supermercado Leno la Bianca e sua mulher Rosemary, na sua residência, na noite seguinte.

A criada de Sharon Tate, Winifred Chapman, será a primeira testemunha a depor descrevendo o estado em que encontrou a casa quando chegou para trabalhar na manhã seguinte aos crimes.

Fontes de acusação afirmam que o «Helter Skelter» seria apenas um dos motivos prováveis, talvez o mais provável.

Há também a teoria de que os crimes são originados por algum mau imaginário feito á «família» Manson ou teriam por fim encobrir o assassínio do musico Gary Hinman do qual Manson e Susan Atkins foram acusados logo de início.

CONFERÊNCIA SOBRE VIEIRA DA SILVA

«Vieira da Silva: la transparence apprivoisé» é o título da conferência proferida ao fim da tarde, no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian, pelo prof. René Berger, presidente da Associação Internacional dos Críticos de Arte. A conferência integra-se no programa cultural estabelecido para a exposição de Vieira da Silva — a qual continua patente ao publico até ao fim do mês, na sala de exposições temporárias da Fundação.

Diario de Lisbôa — CUPÃO N.° 11

férias no MUNDO

TAP — PRESENÇA PORTUGUESA NAS ROTAS DO MUNDO

Voltamos a publicar amanhã o boletim de identificação

(Continuação da 1.ª pág.)

que os concorrentes de FÉRIAS NO MUNDO devem preencher e remeter-nos juntamente com as suas colecções de cupões e um selo de $50. Chamamos a atenção de todos os concorrentes para a necessidade que têm de preencher os seus boletins de Identificação em letra bem legível e de indicarem a sua morada com toda a clareza. Já nos chegaram boletins com a simples indicação do nome do concorrente e da província em que reside, o que é manifestamente insuficiente. Voltamos a repetir que o prémio de 15 dias de estadia em qualquer local de Portugal continental é um prémio opcional, isto é, destina-se apenas aos concorrentes que, tendo sido premiados com uma visita a uma grande cidade do mundo, não possam ou não queiram beneficiar desse prémio.

DE ONTEM PARA HOJE

OS PRÉMIOS DA ACADEMIA

«É, sem dúvida, pela singularidade da concepção, pela força dramática da narrativa, pelo desenho modelar dos personagens, pela evocação dos ambientes em que a acção decorre, pela extraordinária penetração psicológica nela revelada e pela pureza do estilo, um dos mais notáveis e belos romances publicados nas últimas décadas».

Foi com estas palavras que o respectivo júri se referiu ao romance «Jerónimo e Eulália», de Graça Pina de Morais, distinguido com o Prémio Ricardo Malheiros da Academia de Cinêcias. Este prémio, assim como os restantes atribuídos pela Academia em 1969, foi entregue ontem á tarde, durante uma reunião a que presidiu o prof. Moses Amzalak, ladeado pelos profs. Amorim Ferreira e Pereira Forjaz.

Iniciou a cerimónia o prof. Amzalak que, depois de acentuar o prazer que tinha em receber os autores laureados, procedeu á distribuição dos prémios: ao prof. Cortez Zimentel, o Prémio Alvarenga do Piaui pelo seu trabalho «O pulmão do peleiro — Um novo aspecto da doença provocada pela inalação de pelos de animais»; ao dr. Fernando Manuel Coutinho da Costa, o Prémio Manuel Alves Monteiro pelo seu estudo «A Metrópole Portuguesa e a importação das doenças parasitárias tropicais»; ao sr. Eduardo dos Santos, o Prémio Abílio Lopes do Rego, pelo seu estudo «Movimentos profétios e mágicos de Angola — Um problema administrativo»; a D. Soledade Summavielle e Mário António, o Prémio General Casimiro Dantas (ex-aequo) pelos seus livros «Canto Incerto» e «Rosto da Europa», respectivamente; a Graça Pina de Morais, o Prémio Ricardo Malheiros, pelo romance «Jerónimo e Eulália». Ficou por atribuir o Prémio Artur Malheiros, porque nenhum dos trabalhos apresentados satisfazia as condições do concurso.

O SEU AUTOMÓVEL

Tinha comprado o automóvel há dois meses para ofreecer á filha, mas esta recusara-o, porque o veículo era muito grande. Por isso, o sr. Manuel Coelho Caetano, de 67 anos, industrial de cortumes, natural de Alcanena e residente em Povos (V. Franca de Xira), quando precisava de dar umas voltas ou qualquer passeio, convidava um amigo que conduzisse o carro, já que ele não tinha carta de condução. Assim aconteceu ontem. Com alguns amigos, o sr. Manuel Caetano regressava a Vila Franca, no seu automóvel, conduzido pelo mecânico Joaquim Agostinho dos Santos, de 38 anos. Cerca da uma hora de hoje, perto de Alcochete, o carro foi embater numa camioneta de carga, pertencente á Empresa Transporte e Comércio de Zambujal, Lda., estacionada no eixo da via. Ficaram feridos os ocupantes do automóvel e o sr. Manuel Caetano veio a falecer mais tarde no Hospital de Alcochete.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

SUBDIRECTOR DO I. C. L.

Escolhido pelo respectivo Conselho Escolar para subdirector do Instituto Comercial de Lisboa, o dr. José da Silva, tomou posse do cargo ao fim da tarde de ontem. Presidiu á cerimónia o actual director, dr. Julio César da Silva Gonçalves, que conferiu a posse e proferiu algumas palavras sobre a actividade do Instituto e seus problemas. Acentuou «a legitimidade da luta por uma reforma que actualize e eleve a estrutura do Instituto» a qual, sendo já hoje uma verdade unânimemente reconhecida e aceite, só espera o momento oportuno da sua concretização.

CONSELHO DE MINISTROS PARA ASSUNTOS ECONÓMICOS

Sob a presidência do sr. prof. Marcello Caetano reuniu, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos que concluiu a apreciação do relatório de um grupo de trabalho que estudou as bases para a definição de uma política de utilização do solo, com vista, nomeadamente, ao desenvolvimento urbanístico, habitacional e industrial.

SINDICATO DOS CAIXEIROS

As diligências já efectuadas para a elaboração de um contrato colectivo de trabalho para o ramo dos editores e livreiros foram tema de um colóquio ontem realizado no Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa. Na reunião, a que presidiu o sr. Tolentino Poeira Lourenço, foram tornados publicos os termos do referido contrato, já em fase de conciliação na Corporação das Artes Gráficas.

MAIS 19 PILOTOS

O secretário de Estado da Aeronáutica, brigadeiro Pereira do Nascimento, assistiu ontem, na Base de São Jacinto, em Aveiro, ás cerimónias da entrega de 19 «brevets» do segundo curso de pilotagem para sargentos realizado no ano de 1969. De acordo com a tradição, os «brevets» foram entregues pelos respectivos instrutores. Depois do desfile em continência das forças em parada, houve um desfile aéreo de um grupo de aviões pilotados pelos novos brevetados e a exibição de figuras de acrobacia por um T-6.

ASSINATURAS

PELO PERÍODO DO CONCURSO

Aceitam-se assinaturas pelo período do concurso, com pagamento antecipado, em selos, vale do correio ou cheque.

A QUEM PERTENCE O CASCO DO BARCO?

A Polícia Marítima está a tentar averiguar a quem pertence o casco de um barco de recreio, que se supõe ser português, e foi recuperado, em Abril, pelo navio francês «Etoile Marie», a cem milhas do Cabo de S. Vicente. Se o proprietário do casco do barco (de plástico, com dispositivo à ré para motor fora de borda) não for encontrado no prazo de três meses, será vendido em hasta pública.

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Por necessidade de melhorar alguns elementos da rede em serviço, será cortada a corrente no próximo Domingo, nos seguintes locais:

4.° Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua dos Soeiros, Alto dos Moinhos, Quinta do Moinho Encarnado, Quinta dos Pilares e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

5.° Sector — Cais do Sodré de 2 a 30 e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

6.° Sector — Rua da Glória de 2 a 22. (Das 8 ás 12 horas).

6.° Sector — Praça D. João da Câmara de 20 a 23 e Galerias do Metro. (Das 8 ás 12 horas).

8.° Sector — Av.ª de Berna 60 e 64 e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

1.° Zona — **Concelho de Oeiras: DAFUNDO:** Trav.ª Pinto Correia; Rua Policarpo Anjos: Av.ª Marginal (parte). (Das 8 ás 17 horas).

2.° Zona — **DAFUNDO:** Rua Paulo Duque; Rua 1.° de Maio; Bairro Clemente Vicente. (Das 8 ás 17 horas).

3.° Zona — **Concelho de Cascais:** MURTAL. (Das 8 ás 15 horas).

4.° Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** ALHANDRA (parte). (Das 8 ás 14 horas).

5.° Zona — VALA DO CARREGADO. (Das 8 ás 14 horas).

O alargamento do Mercado Comum e as últimas amarras da Inglaterra

A Inglaterra do sr. Heath enceta as negociações com o Mercado Comum não totalmente despida de ambições internas e externas, mas, com muito menos do que tinha quando das suas tentativas anteriores. Corrigiu ou propõe-se corrigir as duas opções principais da sua política do após-guerra: no exterior, o papel mundial; no interior, um proteccionismo social sem equivalente nos outros países ocidentais. Uma e outra opção contribuiram até agora para afastar os ingleses de um estado de espírito verdadeiramente europeu, dando-lhes o sentimento de contribuirem, por si sós, um mundo acabado.

Por RENÉ DABERNAT
(«Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

Em 1964, a derrota eleitoral dos conservadores materializou a impossibilidade de prosseguir isoladamente objectivos internacionais que as devastações da guerra, a perda do Império e a ascensão da América e da U. R. S. S. tinham tornado impossíveis. Daí resultara, a maioria das vezes, a humilhação, nomeadamente em 1953, no Suez, ou o agravamento da dependência face aos E. U. A., em especial, no domínio militar, depois dos acordos de Nassau de 1962. Quando o sr. M. Macmillan se apercebeu do vento da mudança, era já demasiado tarde para anular a consequências das opções anteriores. O momento de votar, uma maioria considerou o custo dessas opções demasiado elevado e de natureza a comprometer outras tarefas nacionais.

O sr. Wilson foi batido, entre outras razões, porque as «trade-unions», por sua vez, cometeram excessos. Não se trata, principalmente das greves (dois mil e oitocentos dias de trabalho perdidos no ano passado, e dois milhões cento e vinte e seis mil, perdidos no primeiro trimestre de 1970). Estas fazem parte integrante, com modalidades variáveis, das relações sociais no Ocidente. Trata-se dessa gama de privilégios concedidos aos sindicatos traumatizados pela recordação dos milhões de desempregados dos anos 30. Um deles consiste em impor, ás empresas, como aos particulares, por um serviço, seja ele qual for, mais operários e mais tempo do que os necessários. As «trade-unions» retiram daí um sentimento de inviolabilidade que sobrevive ao desaparecimento das causas profundas do perigo e contra o qual se ergueu o sr. Wilson, em Abril de 1969. Daí a dois meses, dobra-va-se, selando, ao mesmo tempo, o seu destino eleitoral.

Um reflexo típico

Esta dupla evolução, externa e depois interna, explica-se apenas em parte pelo jogo das forças de esquerda ou de direita tais como se concebeu ainda nalguns meios continentais. Nos dois casos, foi sobretudo a classe média que, deslocando os seus sufrágios, fez inclinar a balança. Desde os Tudors que ela, de orçamento em punho, tem arbitrado os debates ou as batalhas entre a aristocracia e o povo. Os conservadores, em 1964, os trabalhistas, em 1970, foram, acima de tudo, vitimas do velho reflexo britanico, típico desta classe, em virtude do qual não é concebivel, e, por maioria de razão, duradoura, no meio deste povo mercador, uma política que recorre ás finanças do Reino sem necessidade ou contrapartida. Porque razão reduziu Pitt em 1792, a Royal Navy a dois mil marinheiros? Porque entendia que a Revolução Francesa suprimira um poder rival da Inglaterra em Paris e considerava que já não era necessário gastar tanto. A História britanica absurda em exemplos do género.

O processo de autocorrecção por via democrática, novamente desencadeado, traz no seu selo a ruptura progressiva das ultimas amarras que ligam a Inglaterra ao seu passado. Por esta razão o seu desenrolar, as suas peripécias previsiveis, os seus dramas, talvez, comandam muito mais o futuro do alargamento europeu que as divergências entre Londres e os Seis no tocante a este ou áquele problema técnico. Não se modifica um estado de espírito com a mesma facilidade com que se altera um decreto. Por exemplo, o abandono o papel mundial já é admitido por todos os responsáveis e já entrou nos factos. No entanto, as recordações e as saudades do Império, os seus resquícios ou os seus destroços — nomeadamente os imigrantes de cor munidos de passaporte britânico — mantêm um peso de que a Inglaterra dificilmente consegue libertar-se. Devemos, pois, admitir que a revisão da superpotência sindical, que o trabalhista Harold Wilson declarou, em 1969, essencial «para a restauração económica e para a balança de pagamentos», e que Heath se prepara para abordar, levanta problemas políticos ou humanos ainda mais sérios. Contudo, é inelutável.

Sair do proteccionismo social

Assim como a renúncia ás ambições solitárias determinou a candidatura da Inglaterra ás Comunidades Europeias (única saída possível para um país que já não estava em condições de contrabalançar a Europa com uma força exterior maior), assim esta candidatura colocará, a partir de agora, todos os problemas internos sob o ângulo europeu. Certas sobrevivências, certos privilégios pareciam toleráveis, por vezes deliciosos, enquanto o Império proporcionava á nação os réditos indispensáveis ou enquanto o continente europeu, devastado e desunido, não tinha formado uma comunidade cujo desenvolvimento económico se mostrava perigoso para certas empresas inglesas. Não é esse agora o caso. A Grã-Bretanha, sob pena de retroceder — segunda potência económica do mundo livre, em 1960, daqui a dez anos será a sexta, se continuar fora do Mercado Comum — tem que se tornar mais competitiva e deduzir, portanto, os seus custos de produção, melhorando, ao mesmo tempo, a sua produtividade. Ora, de 1964 a 1969, a sua taxa anual de expansão foi de apenas 2,3 %, em média — a taxa mais baixa dos 22 países da O.C.D.E. A instabilidade social, uma série de pequenos acordos de Grenelle sobre os salários, os privilégios das **trade-unions** têm certamente a sua quota parte de responsabilidade neste domínio.

O problema sindical não é a única amarra que prende a Inglaterra a um universo inadaptado; poderia

(Continua na 7.ª página)

Nota do dia

TERRENO PERIGOSO

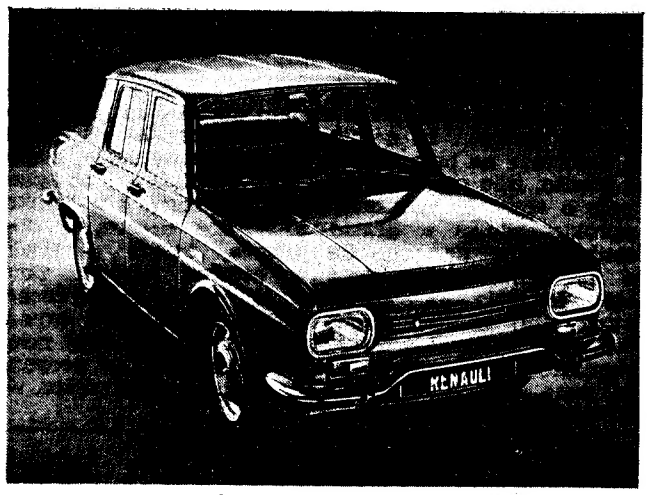
UM DOS PONTOS de que por mais vezes nos temos ocupado sempre que se tem aqui abordado o problema da habitação, com todas as suas profundas implicações sociais, é o que diz respeito à necessidade urgente de se assentar numa política firme de utilização dos solos. Sem isso, efectivamente, nada feito. Sem isso, não se dispõe de qualquer instrumento capaz de travar a especulação no preço dos terrenos. Sem isso, não se vê meio de alcançar custos mais razoáveis na construção. Sem isso, nenhuma esperança de que as rendas possam ser fixadas a um nível de acordo com as condições gerais do próprio nível médio de rendimentos da população.

O que tantas vezes tem sido apontado de todos os quadrantes como necessidade urgente chegou esta semana ao Conselho de Ministros, segundo os termos do comunicado, para «apreciação». Essa apreciação «foi iniciada». O documento em apreço é o «relatório de um grupo de trabalho encarregado de estudar as bases em que há-de assentar a definição de uma política de utilização do solo, tendo especialmente em conta o aproveitamento de terrenos necessários ao desenvolvimento urbanístico, habitacional e industrial». O assunto está, pois, em cima da mesa. Tantas vezes, porém, tem sido abordado que é bem de supor que haja ideias pelo menos esclarecidas sobre ele.

As três finalidades principais de uma política do solo são, de resto, as que vêm, de certo modo expressas no comunicado do Conselho de Ministros: conter a tendência para o aumento do custo dos terrenos, dispor de espaços urbanizados para utilização coerente e controlar a localização dos empreendimentos nesses espaços, reduzindo-lhes os custos e procurando obter um rendimento melhor da exploração dos equipamentos. Todas estas ideias fazem parte do património comum de todos quantos, por alguma razão de interesse (sem que à palavra interesse tenha necessàriamente de se ligar a qualificação de lucrativo), por todos quantos tenham alguma vez pensado nestas coisas e meditado ou procurado informar-se acerca dos meios técnicos de lhes encontrar solução.

Fez agora um ano, foi precisamente o Ministério das Obras Públicas que tomou a iniciativa de promover um colóquio sobre política da habitação, cujo grande animador foi o então subsecretário Silva Pinto, hoje afastado dessas funções embora colocado noutras onde o problema, depois de esclarecido, pode encontrar meios de execução. A discussão que então se fez tornou possível esclarecer muitos pontos que, no nosso meio, permaneciam numa zona de penumbra onde era difícil penetrar sem o risco de esbarrar em sucessivos embaraços e acidentes que começavam, a maior parte das vezes, pelo receio de que o simples falar fosse do pior que se pudesse fazer para a evolução fosse do que fosse.

Pode bem dizer-se que tudo foi mais ou menos aflorado nesse colóquio, incluindo a resenha dos possíveis meios jurídico-fiscais capazes de assegurar a disponibilidade de terrenos a custo compatível com objectivos sociais; comprar, expropriar, controlar, remodelar os esquemas da aquisição ou de qualquer modo intervir na oferta e na procura, por intermédio do Estado, por intermédio das câmaras, por intermédio de organismos para isso especialmente intitulados. Tudo está pensado. É preciso é escolher. Escolher e fazer. Ver o que vale a obra sem o temor das palavras que às vezes permanecem como sinal e lembrança de «tabus» em que todos deixámos de acreditar. E principalmente acautelar que a interesses suspeitos pudessem vir a substituir-se outros da mesma estirpe.



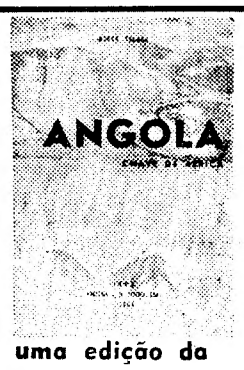
música nas férias

A melhor oportunidade, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, para comprar um Renault 10, 1300 c. c., já equipado com um rádio Voxson.

RENAULT 10 ELEGÂNCIA E CONFORTO EXCEPCIONAL

VOXSON RADIO TV

EM COLABORAÇÃO COM O AGENTE DISTRITAL
MÁRIO GONZAGA RIBEIRO
RUA GENERAL SINEL DE CORDES, 15-C T. 767167

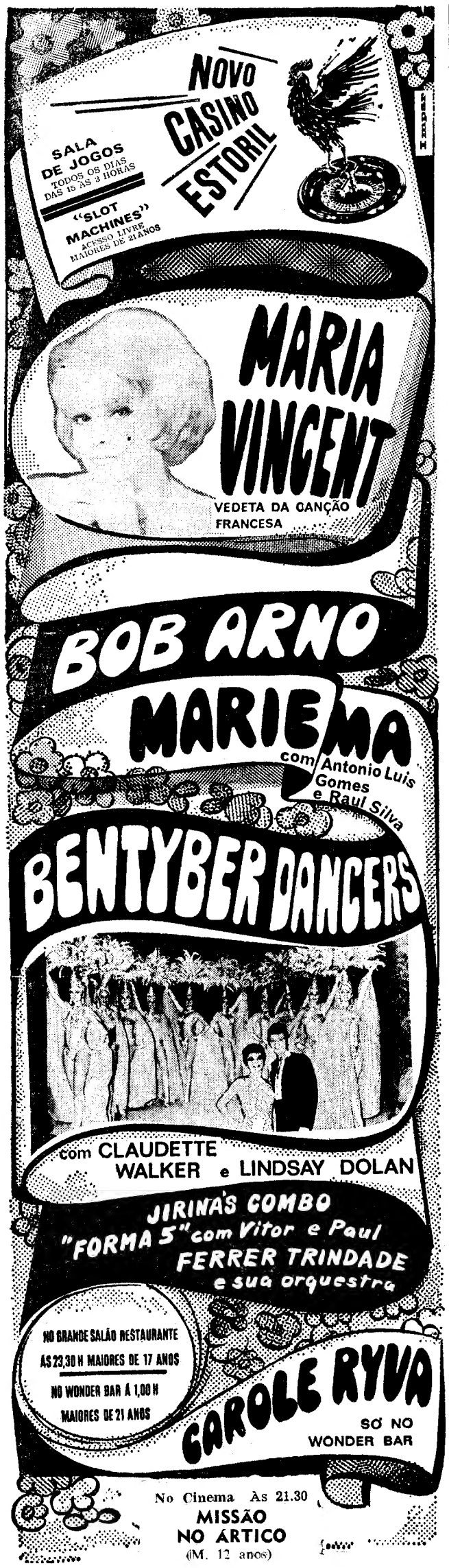


ANGOLA
CHAVE DE ÁFRICA
por MUGUR VALAHU
Uma obra imparcial sobre um assunto da maior actualidade
uma edição da
Parceria A. M. Pereira, L.ª
LIVREIROS-EDITORES
R. AUGUSTA, 44-54 - TELEF. 36.17.30 LISBOA

dixan
O Detergente de qualidade para todas as máquinas de lavar roupa.

MÓVEIS
Nórdicos e todos os estilos. Estofos — Colchões — Maples-cama
FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA
MOFEL
MÓVEIS FERLIM, LDA.
Rua de S. Bento, 243
Telef. 67 62 69

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



NOVOS NÚMEROS TELEFÓNICOS DO CASINO ESTORIL 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946

AOS QUE SE DESLOCAM EM AUTOMÓVEL A INGLATERRA

A C P informa que tem a disposição dos turistas nacionais e estrangeiros, que se desloquem à Inglaterra e desejem levar o seu carro, um novo serviço combinado para o transporte de automóveis através do Canal da Mancha.

Peça informações e folhetos Agências de Viagens autorizadas nas Secções de Informações, nas e Empresa Geral de Transportes.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO: «A vida íntima de 4 mulheres» («The Chapman Report»).

REALIZAÇÃO: George Cukor, 1962 (E.U.A.).

ARGUMENTO: Wyatt Cooper e Don M. Mankiewicz, segundo romance de Irving Wallace.

FOTOGRAFIA: Harold Lipstein (Technicolor).

INTÉRPRETES: Claire Bloom, Jane Fonda, Glynis Jones, Shelley Winters, Efrem Zimbalist Jr., Ray Danton, Ty Hardin, etc.

DISTRIBUIÇÃO: Astória Filmes.

Jean Domarchi, crítico dos *Cahiers du Cinema*, disse de *The Chapman Report* (numa obra inteiramente dedicada á análise do cinema de Cukor) que este «*era um dos filmes mais importantes dos ultimos dez anos, pelo menos pelo que nos deixa adivinhar*». *Cukor*, por seu lado, numa entrevista publicada no mesmo volume, afirma que se trata de «*um filme catastrófico que merece muito justamente ser esquecido*». Acontece que, sendo uma produção de Richard D. Zanuck, *The Chapman Report* foi completamente arruinado pelos cortes impostos pelo produtor e pela censura americana. Tal como se projecta, e para mais em Portugal com oito anos de atraso, *A Vida Íntima de 4 Mulheres* é uma obra extremamente desequilibrada, com excelentes momentos que nos fazem pensar no melhor Cukor e sequências de uma vulgaridade assinalável.

Um pouco á maneira do relatório Kinsey, esta obra de Cukor diz basear-se num estudo médico e psicológico da conduta sexual de um grupo de mulheres pertencentes á alta burguesia americana. Exemplificando este estudo, Irving Wallace (o autor do livro — medíocre — donde foi extraído o filme) escolhe quatro mulheres que irão caracterizar os problemas maiores da mulher americana: a ninfomania (Claire Bloom), a frigidez (Jane Fonda), a aventura passageira que a monotonia da vida de casada impõe (Shelley Winters) e a tentação do desconhecido praticada com certa frivolidade e muita cobardia em meios de um pseudo intelectualismo (Glynis Jones). Esta exemplificação é, primeiramente, insubsistente (nada nos leva a descobrir as razões que levarão Wallace a optar por aqueles casos e não por outros) e depois superficial. Cukor não condena, nem enaltece figuras, limita-se a desenhar-lhes perfis. Aqui fica uma das suas virtudes. Outro será o retrato de Claire Bloom, uma mulher de uma nobreza impressionante que ela própria (ou as circunstâncias — nada nos dizem de concreto sobre isso) se condena a acções descontroladas que a levarão ao suicídio. O resto será uma obra cinzenta e algo reaccionária no plano moral que o próprio Cukor prefere esquecer mas onde apesar de tudo (ou se calhar por causa de tudo isso) se descobre muito da mentalidade americana, dos precon-

(Continua na 6.ª página)

ÚLTIMOS DIAS!!!

O VISON VOADOR

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET

IO APOLONI (ADULTOS)

— HOJE, ÀS 21 E ÀS 23 HORAS —

COM RAUL SOLNADO

IO APOLONI ★ FERNANDA BORSATTI ★ YOLA ★ GEORGINA CORDEIRO ★ MARIA e ainda ARTUR SEMEDO ★ VASCO DE LIMA COUTO ★ DAVID SILVA ★ ROLANDO ALVES e a colaboração de MARIA PAULA

FEIRA POPULAR DE LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

HOJE — NOITE DA MODA — HOJE

REUNIÃO DAS FAMÍLIAS NO PARQUE DE ENTRECAMPOS

O GRANDIOSO CARTAZ LUMINOSO DA CIDADE

ATRACÇÕES DE TODOS OS GÉNEROS — DE TUDO PARA COMER E PARA BEBER

TODAS AS NOITES, NO TEATRO ARCO-ÍRIS, APRESENTAÇÃO DO GIGANTE DE MOÇAMBIQUE GABRIEL MONJANE

ABERTURA ÀS 19 HORAS — ENTRADA 2 ESCUDOS

«CINEMA NACIONAL»

ÊXITO NA CURTA-METRAGEM «LISBOA É SEMPRE LISBOA»

Desde a sua estreia no Cinema Monumental, tem sido aplaudido por milhares de espectadores esta REALIZAÇÃO e PRODUÇÃO de FRANCISCO SAALFELD.

DIÁRIO POPULAR — 5.ª COLUNA

Não queremos deixar de fazer aqui uma referência ao excelente trabalho de Francisco Saalfeld — o documentário cinematográfico «Lisboa é sempre Lisboa», que se exibe no Monumental. É um quarto de hora colorido e não falado, durante o qual nos é dada uma síntese das duas Lisboas: a velha e a nova, os seus contrastes, a palpitação da sua vida quotidiana, traduzida em risos, lágrimas, dores e alegrias das gerações que a povoam, para o bem e para o mal... Aproveitando discretamente uma publicidade que, afinal, foi a financiadora do seu novo trabalho, Saalfeld mais uma vez demonstrou ser um entendido homem de cinema. Esperamos, agora, vê-lo a assinar uma longa metragem. — **P.**

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

De entre os complementos de bom nível, destaca-se a excelente curta-metragem de Francisco Saalfeld «Lisboa é sempre Lisboa», tanto pela beleza plástica das imagens, como pela intencionalidade com que põe em evidência os contrastes bem visíveis dia a dia entre uma cidade simultaneamente antiga e moderna. — **C. F.**

PLATEIA

Finda a projecção do filme, que atesta os progressos deste autodidacta do cinema, vindo do campo amador, o publico rompeu em prolongados aplausos, quer pela excelente técnica fotográfica que tira todo o aproveitamento do colorido de Lisboa, com os seus mármores, os seus bairros antigos, as suas construções modernas, os seus jardins e praças, quer pelo desenvolvimento de uma narrativa rica de sugestões, que dispensa totalmente o uso da palavra, tal o poder das imagens e dos seus encadeados. — **VITORIANO ROSA.**

DIÁRIO POPULAR

Há que destacar o novo documentário colorido de Francisco Saalfeld, «Lisboa é sempre Lisboa», que o publico aplaudiu carinhosamente. É um trabalho ambicioso, contado em estilo de reportagem, sobre a nossa capital. Boa fotografia, boa musica, bons apontamentos — excepto aquele momento de guerra no Ultramar que, por repetido nos pareceu bastante infeliz. — **PORTAL DA COSTA**

DIÁRIO DE LISBOA

«Lisboa é sempre Lisboa» vem demonstrar que Francisco Saalfeld continua a ser um amador na pior acepção do termo... vá de filmar com grandes angulares e deformar as perspectivas todas, porque assim é que é bonito. Não contente com isso, multiplica a imagem pelo o «écran» ou utiliza «zoom» a torto e a direito, aproximando-se e afastando-se dos coretos e das senhoras a dançar. De Lisboa, temos o título e basta-nos saber que é sempre Lisboa. Com esta consoladora certeza, já poderemos encaixar muito melhor a publicidade aos artigos expostos e ás possibilidades técnicas do autor. Este novo riquismo tem adeptos? Não duvidamos. Só se pergunta para que filma quem nada tem para dizer. — **LAURO ANTÓNIO**

MONUMENTAL DE CASCAIS

M/6 ANOS

DOMINGO 26 DE JULHO ÀS 17.30 H.

Imponente corrida à portuguesa

A favor do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Cascais

CAVALEIROS

MANUEL CONDE
MESTRE BATISTA
LUÍS M. DA VEIGA

FORCADOS AMADORES DE LISBOA

COMANDADOS POR NUNO SALVAÇÃO BARRETO

CONCURSO DE GANADARIAS COM 6 PODEROSOS TOIROS

DE: PINTO BARREIROS (HERD.), FRANCISCO PALHA, JOAQUIM GRAVE, JOSÉ LUPI, FRANCISCO DE GOES E CONDE DE MURÇA

BILHETEIRAS: AGÊNCIA ABEP, RESTAURADORES EM LISBOA ■ EM CASCAIS NA RUA DA PALMA, 27 E NAS BILHETEIRAS DA PRAÇA

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

TODAS AS NOITES ÀS 21.45 HORAS
Sábados e Domingos também às 16 horas

SÁBADO, ÀS 16 H. TARDE POPULAR
com a mesma tabela das noites de quinta-feira
BALCÃO: 10$, 15$ e 30$00
PLATEIA: 30$00 e 50$00
Os jovens dos 17 aos 24 anos têm nas tardes de sábado e nos 2 espectáculos de domingo 50% de desconto nas normas habituais

ÚLTIMAS SEMANAS!
DA DIVERTIDÍSSIMA SÁTIRA
A RELÍQUIA de EÇA DE QUEIROZ
AR REFRIGERADO
Maiores de 17 anos

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
Hoje, dia 24, ás 21,15 horas 4.ª representação da ópera
FAUSTO
de Gounod
Com: Carlos Jorge, Zuleica Saque, Álvaro Malta, Hugo Casais, Helena Cláudio, Suzete Dias e João Veloso
Direcção: Silva Pereira
Encenação: Álvaro Benamor
Orquestra de Ópera da Emissora Nacional
Coro do Teatro Nacional de S. Carlos
Grupo de Bailado de Anna Mascolo
Maiores de 12 anos

AMANHÃ, DIA 25—QUINTA REPRESENTAÇÃO DA ÓPERA «MADAME BUTTERFLY», DE PUCCINI

MARIA VINCENT
(A VOZ DA FRANÇA ETERNA)
É A VEDETA DO «SHOW» DO CASINO ESTORIL

Nome famoso, na linha das vedetas que popularizaram a canconeta francesa em todo o Mundo, a artista Maria Vincent está de novo entre nós. Com a sua voz agradável, o seu estilo pessoalíssimo e um «charme» irresistível, é ela presentemente a vedeta do «show» que todas as noites se exibe no Casino Estoril. A sua presença física, que lhe valeu já o ser considerada, para o «music-hall» francês, como a equivalente de Marylin Monroe no cinema americano, seria suficiente para justificar os aplausos da assistência, mas estes ganham nova justificação pela qualidade do repertório da artista e pela maneira como Maria Vincent canta coisas admiráveis, que nos falam de Paris, de amor, da vida livre, do prazer de viver. Classificada hoje como excelente «show-woman», Maria Vincent é, efectivamente, um espectáculo a não perder.

Como o são, também, os restantes artistas que actuam no Casino Estoril: o insuperável fantasista Bob Arno, a popular vedeta portuguesa Mariema e o já consagrado, entre nós, Bentyber Dancers.

Solnado e Io Appoloni numa cena da comédia «O Vison Voador», em exibição no Teatro Villaret.

Praça Carlos Reis
SETÚBAL
DOMINGO, 26 DE JULHO ÀS 18 HORAS
1.ª CORRIDA DA FEIRA DE SANTIAGO
6 Toiros de JOSÉ PEDROSA para os Matadores:
JOSÉ JÚLIO
ARMANDO SOARES
MÁRIO COELHO
M/6 ANOS

ONDE SE REVELA UM MUNDO DE PAIXÕES PRIMITIVAS
BENEDICT BOGEAUS APRESENTA
DANA ANDREWS · JANE POWELL
A ILHA DOS HOMENS SELVAGENS
"ENCHANTED ISLAND"

EXCLUS.
ESTREIA no EUROPA
Maiores de 12 anos

Voe no 747 da Pan Am para Nova York

A Companhia que trouxe o Boeing 747 às rotas aéreas do Mundo inaugura as viagens Lisboa - Nova York. E, a partir de agora, tem uma boa razão para voar na Pan Am para os E. U. A.
O 747 oferece-lhe mais salas de descanso, e mais áreas livres, do que qualquer jacto até hoje concebido. E, o que também conta para si, não lhe custa nem mais um centavo que uma viagem num avião normal.
Consulte o seu Agente de Viagens ou a Pan American, (Praça dos Restauradores, 46 em Lisboa — Serviço de Reservas: Telefone 362591).
Escolha o seu dia. O resto é connosco. Pan Am 747
O novo transatlântico do espaço

GRUPO LATINA

TAUROMAQUIA

QUANDO HÁ TOUREIROS...

Quando há toureiros não á touros — foi o que ontem conteceu no Campo Pequeno. eaparecia o mestre incontesível, João Nuncio, e com ele ternava Luís Miguel da Veia, o que mais se lhe aprooima na delicada perfeição, nda que com ímpetos a reordarem seu tio, o inesquecíel Simão, o cavaleiro do Lare que com o de Alcacer enheu uma época.

E a pé o da valentia inteligente, Armando Soares, e o da fina filigrana, Amadeu dos Anjos. Mas, os touros...

No 1.º, de Passanha, um boi pachorrento até para recolher, só o muito impar de João Nuncio o obrigou, entrando de frente e bem, a algumas boas farpas, entre ovações de boa compreensão do publico que se prolongou até á chamada ao centro e á volta á arena com Luís Medeiros do grupo do Ribatejo, que pegou bem.

O 2.º, idem, e coxo, foi recolhido e substituído por outro, que Luís Miguel bem toureou em lide admirável, com cinco compridos e quatro curtos, e tal arte, que soou a musica e ferveram as ovações, até á volta á arena com Pires de Lima e ida do cavaleiro ao centro.

Ao 3.º, de Cabral Ascensão, lanceou muito bem Armando Soares, de frente e depois por «Chicuelinas». Cravou três bons pares ao quarteio e, brindando ao sr. César Pombo e senhora, usou da muleta com valentia e mando, ao som da musica e entre ovações e com volta á arena.

E bem lanceou Amadeu dos Anjos o 4.º, do mesmo ganadeiro. Bandarilhado por Costa e Tinoca, lidou Amadeu dos Anjos com sua arte fina, por ajudados e naturais, sofrendo uma colhida, mas merecendo aplausos.

No 5.º, outro manso de Passanha, voltou João Nuncio a exibir sua maestria, mas houve de mudar de cavalo por não poder mudar de touro. Pela arte do cavaleiro, que brindou a Ernesto Costa, levou o manso boas compridas e uma curta, magníficas, com fortes ovações. Volta á arena com o pegador e chamada do cavaleiro ao centro. Outra meia hora, como o primeiro, e houve de ser lacado, tanto tardou o manso para recolher.

De António Teixeira foi o 6.º, e Luís Miguel da Veiga, que brindou a este velho, lidou-o com total perfeição, cravando belas farpas e uma extraordinária curta. Ovações,

O melhor da noite

musica, volta á arena com Fernando Cabecinha, que pegou bem, e outra volta apoteótica do cavaleiro triunfador.

Armando Soares recebeu de joelhos o 7.º, de Cabral Ascensão, difícil. Bandarilhado por Agostinho e Mário Freire obrigou-o Armando a bons ajudados, e com valentia e mando, por oito, merecendo aplausos.

Amadeu usou bem da capa no ultimo que, bandarilhado por Tinoca e Costa, chegou difícil á muleta, o que não impediu que o fino toureiro desenhasse bonitos passes naturais. Simulando a morte, foi colhido com perigo, mas mereceu aplausos.

Bem bregaram Manuel «Badajoz», Bacatum, Olegário e Guilherme Pereira. E bem dirigiu Sebastião Saraiva.

Enfim, ontem, no Campo Pequeno tivemos toureiros que não touros, e difíceis os de Cabral Ascensão. Seria da Lua Cheia? Quase cheia esteve a praça para ver tão bons toureiros, mas os touros...

«EL T. PÉREZ»

«A RELÍQUIA» no «Maria Matos»

Continuam a registar assinalável êxito os espectáculos com «A Relíquia» que agora se apresenta em ultimas semanas de representações, oferecendo ao publico a facilidade de comunicação e a crítica irónica e subtil de Eça de Queiroz, na notável teatralização de Staau Monteiro e Artur Ramos.

A ópera «Fausto» no Teatro da Trindade

Esta noite, pelas 21 e 15, efectua-se o quarto espectáculo do novo grande êxito da Companhia Portuguesa de Ópera da F. N. A. T., no Teatro da Trindade, a popularíssima ópera «Fausto», de Gounod.

Direcção musical do consagrado maestro Silva Pereira e encenação moderna e altamente sugestiva de Álvaro Benamor, com maquetas de cenários de Hugo Casero.

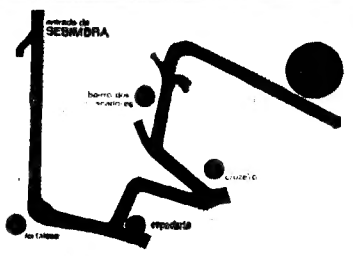
Interpretação excelente de alguns dos melhores cantores portugueses: Carlos Jorge, que retoma com brilhantismo a parte do protagonista, Zuleica Saque, como grande cantora que é, em Margarida, Alvaro Malta, que tem uma autêntica criação de cantor-actor no Mefistófeles, e Hugo Casais, que interpreta a primor o Valentim, formam o núcleo central de intérpretes, bem acompanhados por Helena Cláudio, Susete Dias e João Veloso.

VOCÊ PODERÁ TER UM LUGAR AQUI
A PRÓXIMA ÉPOCA BALNEAR
ONDE PODERÁ DESFRUTAR DE VISTAS
NEGUALÁVEIS EM CONDIÇÕES DE PREÇO E AMORTIZAÇÃO
ABSOLUTAMENTE EXCEPCIONAIS

edifícios 'panorama'

faça uma visita ao local onde estão a ser erguidos os nossos apartamentos

os apartamentos panorama dispõem de ar climatizado e de "kitchenettes" apetrechadas com todos os aparelhos necessários ao seu bem estar pessoal.



REALTUR

Exposição e vendas: no local e na Av. da Republica, 36 - lado B - 6º Dto - Lisboa 1

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 4.ª página)

ceitos e tabus que ela engendra e quotidianamente alimenta.

LAURO ANTÓNIO

• NO CONDES

Título: «As Viagens de Gulliver» («Gulliver's Travels»)
Realização: Dave Fleischer, 1949 (E. U. A.)
Argumento: Dan Gordon, segundo Jonathan Swift
Musica: Victor Young
Produção: Max Fleischer (Technicolor)
Distribuição: Filmes Castello Lopes

Eis uma excelente oportunidade para um primeiro contacto com o cinema, com o seu mundo fabuloso de fadas e duendes.

Filmes Castello Lopes e o cinema Condes apresentam novamente um programa especialmente dedicado aos *maiores de 6 anos*, desta feita uma adaptação já antiga (data de 1949) da famosa obra de Jonathan Swift — *As Viagens de Gulliver*, empreendida por Dave Fleischer.

Com um desenho de raiz realista (muito próximo do de Walt Disney de *Branca de Neve e os 7 Anões*), mas prodigioso de invenção e delicadeza, *As Viagens de Gulliver* colhem a lição de Disney, esquecendo felizmente o seu reaccionarismo moral e didáctico e o mau gosto de muitas das suas soluções plásticas. Sendo assim, o que fica é um filme excepcionalmente divertido, condenando a guerra e propondo em troca a amizade, a concórdia, o amor. Tudo isto em desenhos de uma animação exemplar e de um colorido rico e quente. Dentro do desenho animado de feição realista e factura tradicional, *As Viagens de Gulliver* assinalam uma etapa importante. Por isso se recomenda.

L. A.

• NO AVIS

Título: «O salário do crime» («El salário del crimen»)
Realização: Julio Buchs, 1969 (Espanha)
Argumento: Alonso Oribe, Martinez Mola e Julio Buchs
Fotografia: Antonio Macassoli
Intérpretes: Arturo Fernandez, Françoise Brion, José Bordalo, Manuel Alexandre, Manuel Diaz Gonzalez, etc.
Distribuição: Doperfilme
Género: policial

O crime não compensa, mesmo quando o criminoso é polícia e morre de amores por uma esbelta Françoise Brion. Isto querem-nos eles dizer, pois a verdade é outra: o crime compensa e largamente. Veja-se Julio Buchs, péssimo realizador, ganhando o *seu*, fazendo uma *coisa* que ele manifestamente não sabe fazer. Será ou não *o salário do crime?*

L. A.

NAZARÉ

M/ 6 ANOS

SÁBADO, 25 DE JULHO — ÀS 22 H.
GRANDIOSA CORRIDA NOCTURNA
CAVALEIROS ALFREDO CONDE
D. FRANCISCO AZARUJINHA
ESPADAS GUILLERMO MONTES
MORENITO DE CACERES
FORCADOS AM. ACADÉMICOS DE VILA FRANCA
CABO MIGUEL PALHA VAN-ZELLER
6 TOIROS DE ANTÓNIO M. HENRIQUES DA SILVA

QUATRO ANOS DEPOIS...

Não receberam os saldos os editores representados no Festival do Livro de Angola

Não foram ainda satisfeitos os pagamentos dos saldos do Festival do Livro de Angola, realizado em 1966 e da II Feira do Livro de Bissau de 1968.

Como se lê no relatório do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, referente ao exercício de 1969, «*o Centro de Informação e Turismo de Angola no primeiro caso, e o Centro de Informação e Turismo da Guiné, no segundo, não obstante todas as nossas insistências, ainda não se dispuseram a habilitar o Grémio com as quantias em dívida aos editores presentes em tais certames.*»

O relatório informa que foi dirigida ao director-geral do Ensino do Ultramar uma exposição «*dando conta do aparente impasse em que o assunto se encontra.*»

JANTAR ANUAL DA ESCOLA DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

No restaurante de Montes Claros decorre, esta noite, o jantar anual dos alunos, professores e antigos alunos da Escola Superior de Organização do Trabalho.

VIDA MUSICAL

Concerto na Estufa Fria

É aguardada com muito interesse a audição do All Ohio State Fair Youth Choir, dedicada ao publico de Lisboa. O concerto efectua-se esta noite, na Estufa Fria, com numeros de autores clássico e de musica coral moderna

Os componentes do conjunto são todos estudantes americanos, agora em fim de férias na Europa, e já actuaram entre nós em anos anteriores.

A distribuição dos bilhetes faz-se das 18 ás 20 horas, nos Restauradores, e a partir das 21 e 15, á entrada daquele recinto.

VIRGINIA VEE DAS «PETERS SISTERS»

AMANHÃ NO «CURTO-CIRCUITO»

Durante anos, Virginia Vee e duas das suas irmãs formaram um conjunto vocal que se tornou mundialmente famoso — as «Peters Sisters» — que na interpretação dos espirituais negros e em trechos de «jazz» conquistaram lugar de excepção.

No trio, Virginia Vee foi sempre a vedeta e daí o facto de ter actuado com Duke Ellington, Louis Amstrong, Count Basie, Lionel Hampton, Cab Calloway e outros reis do «jazz». A sua carreira na Europa foi tão estrondosa como na América e ela, rendida ao acolhimento do velho continente casou com o pintor Michel Engel e fixou residência em Paris, donde tem percorrido todas as grandes salas de espectáculo — de Moscovo a Londres, de Berlim a Madrid. Pois é esta grande atracção (paga a peso de oiro em toda a parte) que estará amanhã no «Curto-Circuito», que a recebe entre dois programas da televisão francesa.

Como atracção nacional, o programa apresentará o Conjunto Introito (revelação do recente Festival da Canção) valorizado com a participação de Pedro Barroso.

Dois temas do maior interesse serão discutidos no programa: «Os escritores e a televisão» no qual participam os drs. Vitorino Nemésio, Devid Mourão-Ferreira e Joaquim Magalhães e «A estatística em Portugal» no qual será tratado o recenseamento em curso da população.

O conjunto de Pedro Osório e as duas edições do Concurso Sim ou Não, no qual o primeiro concorrente poderá receber cerca de 10 contos, são presenças certas de «Curto-Circuito».

AMIGOS DA COSTA

O Grupo de Amigos da Costa (Caparica) promove, no domingo, uma «passeata automóvel», ás 17 horas, percorrendo a Caparica, Trafaria, Almada e volta pelo Monte da Caparica, com bandeiras e música.

À noite, a Banda Filarmónica da Academia Almadense dará um concerto no coreto, agora colocado no Largo da Coroa, mesmo ao centro da Rua dos Pescadores.

Em continuação do programa do mês de Julho, no dia 30, ás 22 horas, desfilará pelas ruas da Caparica o Rancho de Olivais Sul, quarto classificado nas recentes marchas populares de Lisboa.

Após este desfile, a Marcha de Olivais Sul, fará uma exibição no Largo Sá Linhares. Depois, ás 24 horas, será lançado fogo de artifício na Falésia.

O ALARGAMENTO DO MERCADO COMUM

(Continuação da 3.ª página)

citar-se o sistema imobiliário, em virtude do qual a cidade de Londres pertence quase totalmente a um pequeno número de capitalistas; ou então a mentalidade insular de uma grande parte da população da província. Mas a inviolabilidade das **trade-unions**, a maneira como elas se barricam atrás dos regulamentos, pode considerar-se um dos problemas mais prementes de agora.

O debate, por agora, não envolve os princípios adoptados além-Mancha, depois da guerra, na esteira de Reynes e de Beveridge: segurança social, redistribuição dos rendimentos, fim do «laissez faire, laissez passer». Esses princípios, certa influência foi considerável na Europa, subsistirão. Trata-se apenas de modular algumas das suas aplicações, como está a acontecer em diversos países do continente, que se esforçam por conseguí-lo. Contudo, isso implica uma tomada de consciência prévia dos sindicatos. Nada será possível se eles se recusarem a admitir que a chicotada do Mercado Comum trará, por via da expensão, maiores garantias de emprego que a maioria dos regulamentos. Será uma tarefa árdua porque, em mais nenhum país, existe um proteccionismo social tão forte. Para o situarmos, teremos de procurar uma comparação num domínio muito diferente na espécie; o longo proteccionismo francês em matéria de comércio externo.

Viver sem risco mas declinar, ou então, entrar na Europa, transformar-se e desenvolver-se: para a Inglaterra de hoje, como para a França de 1958, não há outra escolha.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

EXPO'70 – OSAKA

TUDO INCLUIDO
APENAS POR 31.750$00 *
* TARIFA ECONÓMICA IT

VISITANDO AINDA BANGKOK • HONG-KONG • TÓKIO
VIAGENS A CRÉDITO - PAGAMENTOS ATÉ 12 MESES

SABENA
BELGIAN World AIRLINES

DE 22 DE AGOSTO
A 6 DE SETEMBRO

QUEIRAM ENVIAR-ME FOLHETO DETALHADO
NOME _____
MORADA _____
O MEU AGENTE DE VIAGENS É _____
RECORTE E ENVIE PARA SABENA AV. DA LIBERDADE, 19, 1.º-B-LISBOA

xau é apresentado em pacotes e em sacos de 3 quilogramas

O CHEFE DO ESTADO EM S. TOMÉ VISITOU O HOSPITAL CENTRAL E ESTABELECIMENTOS MILITARES

S. TOMÉ, 24 — (A. N. I. e L.) — Verdadeiramente dia do povo o de ontem, na ilha de S. Tomé. Do povo que empunhava, com orgulho e carinho, milhares de bandeirinhas portuguesas. Do povo que encheu a cidade o dia inteiro com as suas danças e cantares. Hoje, uma visita á sede do Comando Militar Territorial Independente, ás 9 e 30 (10 e 30 em Lisboa), assinalou o início do programa do segundo dia da visita do Presidente da Republica, almirante Américo Thomaz, á província de S. Tomé e Príncipe, no ano das comemorações do V centenário do seu achamento.

Do Palácio do Governo da província á sede do comando, o cortejo presidencial passou pela Avenida Rio Grande e pela Rua Latino Coelho, entrou no Largo Dr. Vieira Machado, seguiu pela Avenida do Santo Condestável até ao Largo do Marquês de Vale Flor, tomando, por último, a Avenida Marcello Caetano e a estrada do Norte.

Durante a visita ao comando, o Chefe do Estado descerrou um padrão implantado diante da porta de armas e em que se reuniram, em redor de uma coluna de ferro com a esfera armilar, dezasseis espeques de madeira, vindos de outras tantas províncias portuguesas: as metropolitanas e as ultramarinas.

O almirante Américo Thomaz foi ali recebido com honras militares e cumprimentado á chegada pelo comandante-chefe das Forças Armadas em Angola, General Francisco da Costa Gomes; pelo comandante militar de S. Tomé, tenente-coronel Joaquim Vaz Junior; pelo chefe do Estado-Maior, major Francisco Fragoso, e por outras altas patentes das Forças Armadas.

Terminada a visita, o Chefe do Estado seguiu para o Hospital Central «Dr. Oliveira Salazar», percorrendo, em automóvel, a estrada de ligação. Ali foi recebido pelas principais entidades oficiais dos Serviços Provinciais de Saude e pelo director e corpo clínico do hospital.

A visita ás instalações daquele estabelecimento hospitalar começou pelo serviço de urgência, onde se encontra a tenda de oxigénio oferecida por Paulo VI, quando ali tratavam crianças que a morte ameaçava no Biafra.

Depois, o presidente da Republica entra no actual bloco cirurgico, onde está exposto o plano do futuro bloco cirurgico que vai ser implantado no local hoje ocupado por outros dois pavilhões do Hospital — um dos quais é a maternidade, que passa a funcionar provisóriamente no pavilhão préfabricado que foi enfermaria das crianças do Biafra.

A visita prosseguiu pelas restantes enfermarias e pelo sanatório «Berta Craveiro Lopes». Entre as informações prestadas ao Chefe do Estado figura o facto de ter diminuído o numero de casos de morte por tuberculose (130 em 1945 e doze em 1969) e, por outro lado, a falta de médicos com que ali se luta.

Do hospital, o sr. Presidente da República seguiu para uma visita ao Comando da Defesa Marítima. Uma guarda de honra, constituída por uma força de fuzileiros da Armada prestou as honras da ordenança. O Chefe do Estado, aguardado pelo comandante naval de Angola, almirante Ferreira de Almeida; comandante da Defesa Marítima e por outras altas patentes das Forças Armadas. Com esta visita terminaram as cerimónias da manhã, tendo o Chefe do Estado e a senhora de Rodrigues Thomaz almoçado com o governador da província e a senhora de Silva Sebastião.

Inauguração do Edifício das Repartições

S. TOMÉ, 24 — (L.) — À tarde, depois de um almoço íntimo no palácio do governo, o Chefe do Estado inaugura o Edifício das Repartições onde vão ficar instalados os principais serviços publicos da província. Neste edifício o almirante Américo Thomaz inaugura as exposições bibliográfica e documental das actividades dos serviços publicos e municipais e, ainda, uma amostra de artesanato.

Daqui, o Chefe do Estado sai para se dirigir ao edifício sede do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio e Industria (SNECI), inaugurando nas suas instalações a exposição de arte fotográfica, que revela como os habitantes vêem as suas ilhas de S. Tomé e Príncipe.

O dia termina com uma recepção oferecida pela Camara Municipal de S. Tomé, nas instalações do Clube Náutico.

O âmbito das amnistias aplicáveis em S. Tomé e Príncipe

O primeiro dia da visita presidencial coincidiu com a publicação no «Boletim Oficial» de S. Tomé e Príncipe de dois diplomas legislativos ministeriais, assinados pelo ministro do Ultramar, que concedem amnistias a civis e militares.

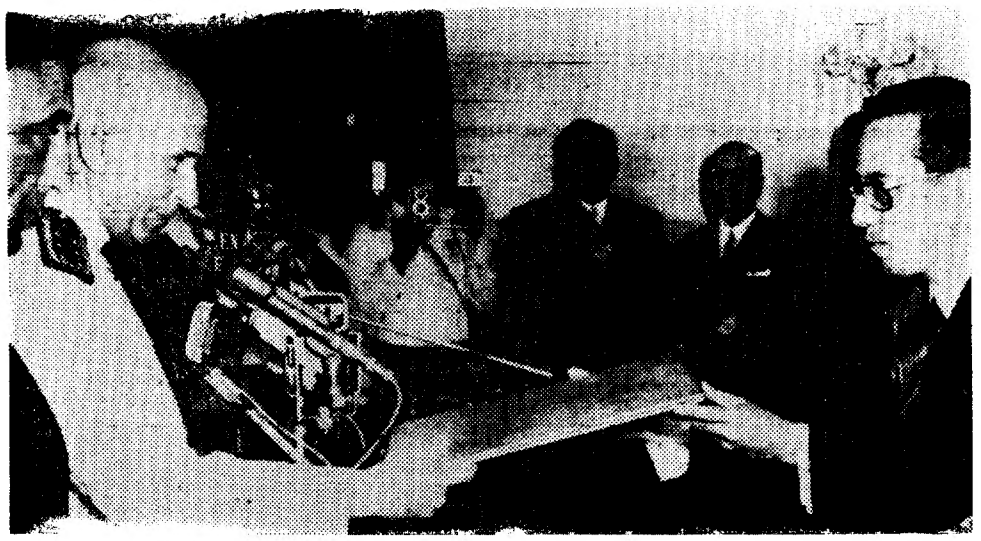
O primeiro amnistia determinadas transgressões e infracções disciplinares, cometidas por funcionários, não reincidentes, e perdoa, em parte, penas aplicadas por decisão transitada em julgado.

O segundo é a expressão do desejo do Chefe do Estado de dar ás Forças Armadas, pertencentes á província ou nelas prestando serviço, «publico testemunho do apreço pelo seu valor, dedicação e lealdade com que se empenham na defesa do País e prestigiam as suas instituições.» Este diploma, que teve o acordo prévio dos ministros da Defesa Nacional e Exército, da Marinha e secretário de Estado da Aeronáutica, determina que cesse o cumprimento de certas penas impostas como consequência de transgressões ao regulamento de disciplina militar. Os dois diplomas entraram imediatamente em vigor.

À margem da visita

● Os presidentes das Corporações enviaram ao Chefe do Estado, na véspera da sua chegada a S. Tomé, o seguinte telegrama: «Presidentes das Corporações do Comércio, da Industria, da Lavoura, dos Transportes e Turismo, da Imprensa e Artes Gráficas, da Pesca e Conservas, dos Espectáculos, do Crédito e Seguros e da Assistência apresentam a V. Ex.ª respeitosos cumprimentos formulando votos pelo melhor êxito da viagem que tão patrióticamente empreendeu á província de S. Tomé e Príncipe».

● A Direcção do grupo onomástico «Os Carlos», aproveitando a ocasião da visita do sr. Presidente da República a S. Tomé e Príncipe, decidiu contemplar alguns recém-nascidos necessitados, de nome Carlos, enviando-lhes enxovais completos, que foram entregues ao governador da província e outras entidades, para procederem á sua distribuição.



Aspecto da cerimónia da entrega do diploma de cidadão honorário de S. Tomé ao Chefe do Estado

A expansão no Brasil da obra literária de Fernando Namora

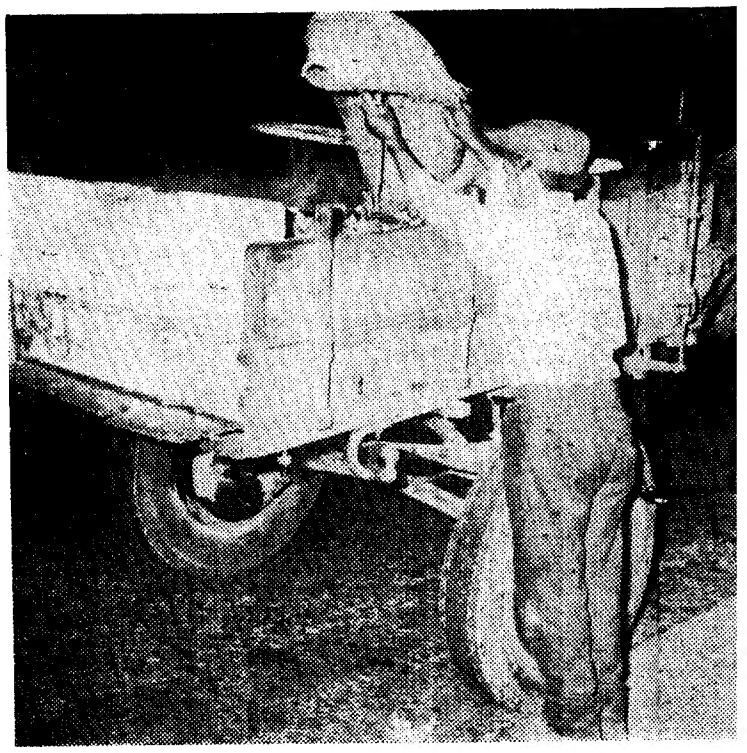
A obra de Fernando Namora, de larga projecção e com inumeras traduções em diversos países, além das fronteiras do mundo de língua portuguesa, tem cada vez mais larga audiência no Brasil, onde, após os êxitos das edições de «Domingo à Tarde» e «O Homem Disfarçado», foi agora lançada, pela importante Editora «Globo», de Porto Alegre, um dos seus romances mais expressivos: «O Trigo e o Joio».

Obra predominante na bibliografia do consagrado romancista, Jorge Amado celebra a importância de «O Trigo e o Joio» na litebatura portuguesa, acentuando a «grandeza do romance» que, diz, é «como uma sinfonia grave e profunda, cuja dramaticidade nos envolve e quase estrangula... um drama de gente dura e tensa...»

Outras edições de livros de Fernando Namora se preparam no Brasil.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

JÓIAS
LINDAS E ORIGINAIS CRIAÇÕES EXCLUSIVAS
Ourivesaria PIMENTA
RUA AUGUSTA, 255 - LISBOA



Alberto, o gandaieiro, encheu a alcofa de hortaliça que despeja

AO TRAPO E À GANDAIA...

VIVEM DE APANHAR QUE OS OUTROS DEITA

Na rua deserta, ás duas da manhã, soam os passos lentos de um cavalo a puxar uma carroça.

O cavalo pára.

Dois rapazes revolvem caixotes de lixo, a procurar restos de hortaliça, pão, cascas de fruta e de legumes, com que vão enchendo uma alcofa, depois despejada na carripana.

O cavalo recomeça a andar. Bate as patas no pavimento negro, a cabecear, marcando o ritmo do seu batuque.

Na rua sózinha os candeeiros parecem olhos fixos na noite.

— Você é da Polícia?

— Boa noite amigos. Vocês andam ao trapo? — inquirimos.

As caras dos rapazes, curvados sobre os caixotes de zinco, os recipientes de cartão canelado, os sacos de plástico, na soleira de uma porta, viram-se para o lado. Olham-nos de soslaio, com um olho só, inquieto e suspicaz.

— Boa noite... não tenham receio — continuamos. — Andam ao trapo?

— *Não somos trapeiros. Nós não apanhamos trapo, apanhamos comida: somos gandaieiros.*

Fala-nos Carlos Rodrigues, de 18 anos. Franzino, imberbe, levanta o dorso e olha-nos de frente. Tem a boca ao lado, repuxada para a metade esquerda da cara. Na mesma face, um olho esbugalhado, saltando das pálpebras arrepanhadas, fixa-se em nós com uma expressão bravia:

— *Você é da Polícia?*

— Não, amigo — respondemos.

E continuamos:

— De onde és tu? Como arranjaste este modo de vida?

— *Nasci na Beira Alta, no concelho de Nelas. Tinha três meses quando vim para Lisboa com o meu pai e a minha mãe. Depois... arranjei este modo de vida porque arranjei. Ando nisto porque ando. E depois?*

Volta a olhar-nos, desconfiado:

— *Não me meta em sarilhos... não me lixe!*

Anda na gandaia porque anda

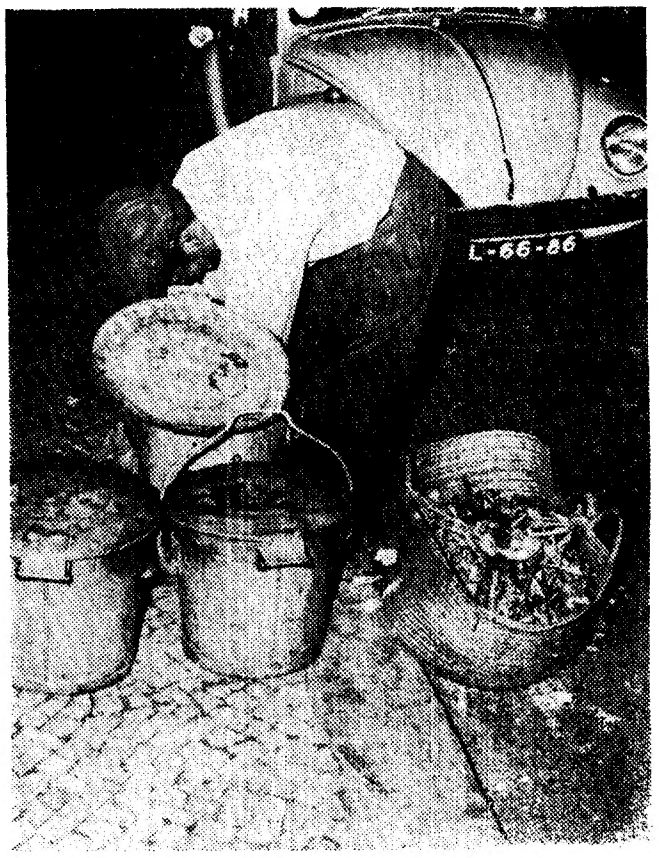
Carlos não sabe ler nem escrever. É fácil reconstituir a sua história, embora ele quase se recuse a falar-nos (não pertencemos ao seu fundo: somos um estranho, quiçá um inimigo).

Seus pais, camponeses beirões, vieram com ele para a grande cidade no comboio da Beira Alta. Mais tarde abandonaram o mísero quarto alugado e instalaram-se num bairro de lata dos arrabaldes, para morarem em casa sua. Fizeram-se vendedores ambulantes para fugirem ás garras do trabalho agrícola e acabaram na ronda do trapo e da gandaia, de caixote em caixote de lixo, pelas ruas da cidade, a horas mortas.

Carlos é um produto do seu meio. É filho do bairro de lata.

Tem a estultícia, a desconfiança, a percepção instintiva, a ligeireza adquiridas no seu a
vida
de m
próp
horta
do,
press
vendi
nas r
temp
escola
manie
tina,
barra
dedor
ros,
res d
outro

(Co



O gandaieiro enterra as mãos no lixo dos caixotes á procura de hortaliça

despeja na carroça

..

R AQUILO TAM FORA

seu ambiente, onde passou a vida a fugir. Aprendeu, desde menino, a bastar-se a si próprio. Apanhava fruta e hortaliça nas quintas, fugindo, se era descoberto ou pressentido. Pedia esmola e vendia pentes e atacadores nas ruas da cidade. Não teve tempo para frequentar a escola. Faz parte de uma humanidade marginal, clandestina, que habita bairros de barracas, composta por vendedores ambulantes, trapeiros, gandaieiros, engraxadores de ar livre, mendigos e outros de várias espécies

(Continua na 12.ª página)

INQUÉRITO À VEREAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ALMADA

ALMADA, 24 — Em virtude de decisão superior está a decorrer um inquérito à acção da vereação da Câmara Municipal deste concelho. Como se sabe os Serviços Técnicos de Obras do Município foram, igualmente e há pouco, alvo de inquérito motivado por reparos postos à sua actuação. As queixas formuladas abrangeram, também, a vereação pelo que, após aquele inquérito ter sido presente a quem de direito, foi superiormente determinado fosse inquirida a Vereação. O caso tem apaixonado a opinião pública local, seguindo Almada o seu desenrolar com viva expectativa.

O magistrado inquiridor, o juiz de Direito dr. João dos Santos Almeida Correia, é o mesmo que efectuou o inquérito aos Serviços Técnicos, coadjuvado pelo subinspector administrativo dr. Tubaldo Vargues.

O inquérito iniciou-se na sexta-feira da semana passada, segundo nos informaram da Inspecção Administrativa do Ministério do Interior.

UM MUSEU ALVES REDOL NO CANADÁ

Por iniciativa do Centro Cultural Português do Canadá, está a ser organizado em Montreal um Museu Alves Redol, no qual serão expostas todas as obras do escritor há pouco desaparecido, bem como jornais com artigos seus e outros que se lhe referiram.

Colóquio no Laranjeiro

Hoje, ás 21 e 30, no Centro de Instrução e Recreio do Laranjeiro, haverá um colóquio sobre a vida e a obra de Alves Redol, orientado pelo escritor Urbano Tavares Rodrigues, nosso prezado camarada de redacção.

Ouvir-se-á a gravação de uma entrevista concedida por Alves Redol ao programa de Igrejas Caeiro «Perfil de um artista» e uma palestra proferida pelo escritor aos microfones da Radiodifusão Francesa em 1945.

AOS COSTUMES DISSE NADA

«VI, CLARAMENTE VISTO...»

O grave acontecimento deste século deu-se nesta Lisboa de muitas e desvairadas gentes, nesta Lisboa de mármore, de granito e de automóveis. Foi assim:

1 — O sr. Prudêncio parou o carro, ali na Calçada da Ajuda, para a esposa descer; o sr. Ferro, que vinha noutro carro, parou atrás dele, á espera igualmente que a esposa do sr. Prudêncio descesse.

2 — O sr. Prudêncio comparece no Tribunal de Polícia *acusado de ter feito marcha atrás e ter batido no carro do sr. Ferro. E diz:*

— É falso. Não fiz marcha atrás nem um centímetro. Foi este senhor que quis passar e «me deu».

3 — Vieram as testemunhas. Uma de acusação, outra de defesa.

a) Diz a de acusação:

— Vi, com estes olhos, o carro da frente fazer marcha atrás e bater no outro carro duas vezes, duas.

b) Diz a de defesa:

— Vi, com estes olhos, o carro de trás bater no carro da frente. Tanto assim que o condutor do carro de trás se chegou ao pé do condutor do carro da frente e lhe disse: «Desculpe, que eu ia a olhar para o lado».

4 — De qualquer modo, o juiz considera que, da parte do sr. Prudêncio, terá havido imprevidência e negligência. Condena-o nas multas inevitáveis e na inibição de guiar durante 15 dias. Entretanto, dado o bom comportamento automobilístico do réu, que tem carta há 17 anos e não sofreu nem provocou um único acidente, a pena ficou suspensa por dois anos.

5 — Acabaram-se as discussões acaloradas. Finou-se a argumentação. Evaporaram-se as exclamações exaltadas, dolorosas, dramáticas. O julgamento encaminha-se para o ponto final.

JUIZ — Os estragos foram avultados?

RÉU — Não, sr. dr. juiz. Foram insignificantes.

Volta o silêncio á sala tranquila do tribunal.

SINES: «dossier» de assuntos pendentes

1—Porque não são regadas as ruas da vila?

SINES, 24 — Tempo houve, no período de outra vereação, que as ruas de Sines eram lavadas, mas, presentemente, tal não se verifica. É certo que as ruas andam bem varridas, e este serviço de limpeza é feito a horas matutinas, o que é de louvar. Mas não há razão para que as ruas não sejam regadas nos meses de Verão, o que, a fazer-se, daria á vila um melhor aspecto de higiene.

Porque não se fazem essas regas?

2—Anti-higiénico processo da venda do leite

O processo da venda do leite, transportado em bilhas sem garantia de invulnerabilidade, não oferece garantia de pureza, e das mais elementares regras de higiene. Dispondo a Câmara de Sines de um posto de fiscalização, havendo um subdelegado de saude, por que razão não se remodela fundamentalmente o precesso da venda do leite, de forma a que seja consumido com a certeza de não ser nocivo á saude do consumidor, especialmente ás crianças?

3—Quando terá, Sines, um mercado decente?

Além de ser de aspecto vergonhoso, numa terra já muito visitada por turistas, mercê da beleza das suas praias e amenidade do clima, o mercado ao ar livre tem a inconveniência de sujeitar á chuva e ao frio, no Inverno, tanto os vendedores, como quem ali vai abastecer-se. Havendo terreno já destinado a um mercado decente e estando o seu projecto aprovado há anos, porque se espera?

4—Plano de urbanização

A densidade demográfica de Sines não é a mesma de há quarenta, ou mesmo trinta anos, não sómente pelo crescimento da população fixa, como pela afluência de estranhos, aqui atraídos, como turistas, pelas belezas naturais, amenidade do clima, e condições excepcionais das suas praias. Desta população flutuante, elevado numero — não exageramos — procura adquirir moradia para passar fins-de-semanas e ficar na época balnear.

Por estas razões, Sines tem urgência de alargar o seu perímetro habitacional, o que exige a estruturação de um plano de urbanização, que facilite as transacções rápidas de terrenos para urbanizar, promovendo-se, assim, o crescimento da vila, evitando-se o recurso á construção clandestina, e satisfazendo reciprocamente os interesses do erário municipal, e os dos que pretendem construir legalmente. Todavia, e embora há muito se fale no plano de urbanização, este continua «emperrado», não se sabe porquê.

Ora, sendo o referido plano de urbanização uma necessidade urgente para o crescimento habitacional da vila, não merece ele que a edilidade siniense lhe vote a sua atenção, fazendo que a sua «gestação» seja breve e não «aborte» ou fique «gorada», mercê de uma inépcia de administração camarária?

Os interesses comunais de Sines, exigem que a edilidade se resolva a ultimar esse plano de urbanização, há muito concebido.

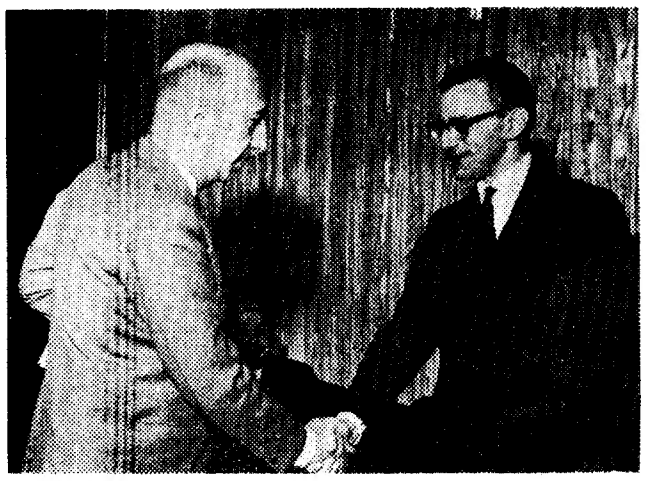
5—Trânsito perigoso numa rua de Sines

O transito de veículos, em dois sentidos, permitido na Rua Candido dos Reis, via muito estreita para esse duplo sentido de circulação, constitui um perigo iminente para os peões, especialmente as crianças, além de dificultar a normal circulação de veículos, principalmente quando sejam camionetas de carga. Todavia, isto tinha fácil solução, desde que a edilidade verificasse qual o melhor sentido unico de circulação de veículos, e sinalizasse a rua com a direcção determinada para essa circulação. A solução deste problema é tão simples, que julgamos não ser necessário contratar técnicos especializados, de qualquer país civilizado, para a determinar.

Ou não será assim?

Cremos não haver duvidas, pois a iminência do perigo está patente a qualquer leigo em regras de transito. E esta solução é urgente.

J. G. S.



O dr. Carlos Ary dos Santos, novo cônsul-geral de Portugal em São Paulo (Brasil), ao ser recebido, no Palácio 9 de Julho, pelo presidente da Comissão de Educação e Cultura da Assembleia Legislativa daquele Estado, dr. Sólon Borges dos Reis, que é filho de um português natural de Coimbra.

Novo governador de Cabo Delgado

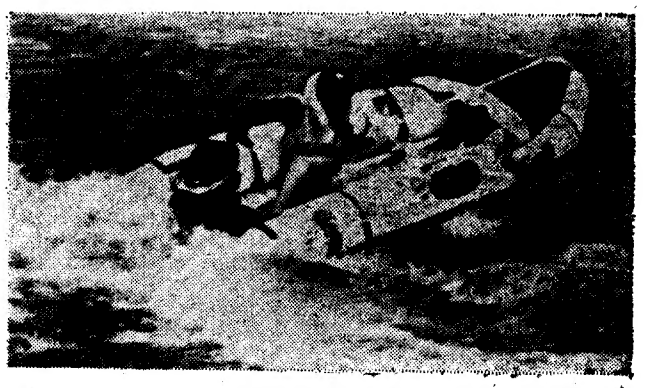
LOURENÇO MARQUES, 24 (F. P.) — Anuncia-se oficialmente que foi nomeado governador do distrito de Cabo Delgado, no norte de Moçambique, o comodoro R. Santos Prado, que substituirá o coronel Carmo Ferreira, recentemente transferido para o distrito de Gaza.

Como se anunciou, a região de Cabo Delgado é presentemente teatro de várias operações militares das tropas portuguesas contra bases dos terroristas.

mini lanche
CHOCOLATES TAGIDES

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CONVITE PARA FÉRIAS
Repimpa



PRINCIPAIS REVENDEDORES:
AUTOMÓVEIS CHANDLER, Lda.
MERCOMAR, Lda.
ORLANDO CORREIA, Lda.
SOCIDEL
UM PRODUTO DE
Indústrias Pereira & Brito, s.a.r.l.

Actualidade internacional

Entregue à África do Sul o seu primeiro submarino

LORIENT, 24 — (R.) — A África do Sul recebe hoje neste porto o seu primeiro submarino no meio de indignação internacional por causa do fornecimento de armas ao Governo de Pretória.

A França vai entregar formalmente o «Maria van Riebeek», de 850 toneladas, um dos três submarinos encomendados aos franceses em 1967 pela África do Sul, a seguir á resolução da noite passada do Conselho de Segurança da O.N.U. pedindo uma proibição incondicional das vendas de armas a Pretória.

O comandante naval sul-africano, almirante Hugo Biermann, assistirá á cerimónia de hoje nesta base naval do Atlântico quando a bandeira francesa for retirada do submarino e hasteado o estandarte do seu país.

O «Maria van Riebeeck», nome da mulher de Jan van Riebeeck, fundador da colónia do Cabo em 1652, é o primeiro de três submarinos a serem entregues. Os submersíveis-irmãos são o «Emily Hobhouse», lançado á água em Outubro passado, e o «Johanna van der Merwe», lançado á água há quatro anos.

REFORÇADO O EMBARGO

NAÇÕES UNIDAS, 24 — (F. P.) — O Conselho de Segurança aprovou ontem por 12 votos a favor e 3 abstenções a moção afro-asiática que ordena o reforço do embargo aos fornecimentos de armas á África do Sul. As abstenções são da França, Estados Unidos e Grã-Bretanha.

A moção pede a todos os Estados que apliquem «integralmente e sem reservas» este embargo e que se abstenham, nomeadamente, de fornecer á África do Sul veículos ou equipamentos que possam servir para forças regulares ou paramilitares, que revoguem todas as licenças e patentes militares, que proíbam os investimentos em oficinas ou empresas de material militar, que cessem toda e qualquer cooperação militar com a África do Sul.

A moção afro-asiática afirma que «a situação actual na África do Sul constitui uma ameaça potencial para a paz e a segurança internacional».

NOVO CHEFE DE ESTADO-MAIOR ESPANHOL

MADRID, 24 — (F. P. e R.) — O «Boletim Oficial» inserirá hoje um decreto anunciando a nomeação do tenente-general Manuel Diez-Alegria para suceder á frente do Estado-Maior Interarmas ao capitão-general Agustin Munoz-Grandes, falecido em 11 do corrente, soube-se de origem bem informada. Na organização das Forças Armadas espanholas, este cargo é altamente importante por não existir um ministro da Defesa acima dos ministros das três armas: Terra, Mar e Ar.

DESVALORIZAÇÃO DO CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO, 24 — (R.) — O Brasil desvalorizou a noite passada o cruzeiro para um câmbio de 4.62/4,65 em relação ao dólar dos Estados Unidos.

A última desvalorização em 9 de Julho foi de 4,59/4,62 em relação ao dólar.

QUARENTA E SETE MIL «DOCKERS» EM GREVE

QUARENTA E SETE MIL «dockers» em greve na Inglaterra, no momento em que o país de Sua Majestade bate à porta do Mercado Comum, eis algo de perigoso para a reputação e para a libra britânicas. De certo modo, uma greve de amplitude nacional só é possível no continente, nos momentos de crise revolucionária — o Maio francês de 68 é exemplo. Os sindicatos, como os partidos, estão profundamente cindidos e a unanimidade entre as várias tendências só é possível nas épocas de ruptura. Nessas, o destino do sistema joga-se — perde-se ou ganha-se. Uma greve de 47 000 «dockers» que imobiliza todos os portos de um país marítimo sem pôr em causa o regime, nem o Governo e muito menos o sistema sócio político — mas apenas a economia nacional — é um luxo caro, que os desconfiados parceiros do Mercado Comum olham suspiciosamente...

As próprias motivações da greve — eis algo de tipicamente britânico. Quarenta e sete mil «dockers» batem-se desde há dias por um aumento do salário de base semanal de 11 para 20 libras (o que significaria um aumento do salário real de 35 para 50 libras por semana). Nos tempos do Império, nos tempos em que a City era rica e poderosa, as greves «estritamente económicas» eram um trunfo britânico: no continente irrequieto, as centrais sindicais lançavam apelos políticos, demitiam Governos e levavam ao poder frentes populares; os operários britânicos contentavam-se, entretanto, com reivindicações salariais. O Império pagava.

O carácter «meramente quantitativo» dessas reivindicações é agora duvidoso. A Commonwealth é hoje politicamente independente e, economicamente, muitos dos «jovens Estados de língua inglesa» (passe o eufemismo) têm outros patronos: os E. U. A., evidentemente, e até o Mercado Comum e, parcialmente (quem diria?), o Japão.

Tendo em conta que a Grã-Bretanha (um país marítimo): importa a quase totalidade das matérias-primas essenciais á sua industria e mais de metade dos produtos alimentares que os seus cidadãos consomem; exporta um quarto da sua produção industrial e agrícola; faz por mar 99 por cento em volume e 90 por cento em valor do seu comércio; tendo em conta que quarenta portos estão imobilizados (apenas continuando a funcionar sete portos administrados pelos caminhos-de-ferro e alguns portos privados) — é possível imaginar as consequências desastrosas desta greve (e deste tipo de greves) para a economia britanica. Segundo estimativas oficiais britanicas esses prejuízos atingem 21 milhões de libras (cerca de 1 milhão e 470 mil contos) por dia.

Em 1966, após uma greve da marinha mercante que não atingiu as proporções da actual, o sr. Wilson viu-se compelido a desvalorizar a libra. Depois disso, enquanto batia ás portas da Europa procurava fazer aprovar leis antigreve — o que era uma maneira de exibir a sua fé «europeia», numa altura em que o sr. Pompidou concebia a legislação «anticasseurs»...

Que fará agora o sr. Heath?

AMADEU LOPES SABINO

WASHINGTON ESTUDA O DISCURSO DE NASSER

JERUSALÉM, 24. — (A. N. I.) — Está a ser estudado atentamente o discurso do presidente Nasser do Egipto, e o Governo israelita não fará, antes desse estudo, qualquer comentário — declara-se em Jerusalém.

Recorda-se aqui que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban, falando ontem, no almoço da Imprensa estrangeira, disse que os quatro pontos essenciais, para Israel, no que Nasser dissesse seriam os seguintes:

— Se o Egipto está disposto a fazer um tratado de paz com Israel.

— Se o Egipto reconhece que fronteiras seguras e aceites devem ser negociadas e que não pode tratar-se do automático regresso ás fronteiras das vésperas da guerra de Junho de 1967.

— Se o Egipto está disposto a encontros bilaterais para negociações processuais num local neutro, se necessário mesmo sob a égide do enviado da O. N. U., Gunnar Jarring.

— Se o Egipto está disposto a regressar ao cessar-fogo imposto pela O. N. U. em 1967, permanente e incondicionalmente.

A Rádio e a Televisão de Israel, ao comentarem a aceitação de Nasser — ao que parece apenas de princípio — das propostas norte-americanas, comentam o facto com hostil desconfiança.

NASSER CONDENA A PRESENÇA BRITANICA NO GOLFO ÁRABE

CAIRO, 24. — (R.) — O presidente Nasser condenou a noite passada qualquer tentativa para manter bases militares britanicas no Golfo e avisou: «Toda a nação árabe lutará para evacuar as forças britanicas ocupantes de todos os territórios árabes».

Nasser declarou num discurso radiodifundido para todo o país, proferido perante 1700 membros do Congresso Nacional da União Socialista Árabe, que a Grã-Bretanha regressava agora com uma política nitidamente imperialista.

Quando o antigo Governo trabalhista britanico anunciou que evacuaria as tropas britanicas do Golfo até fins de 1971, prosseguiu o presidente, «julgámos que a nação árabe tinha conseguido um dos seus maiores objectivos».

«Assim, nós, em todas as partes da nação árabe, sentimos que a Grã-Bretanha se opõe á libertação da nação árabe da ocupação que durou longos anos em vários países, os ultimos dos quais foram os emirados do Golfo».

No meio das aclamações dos membros do Congresso, Nasser acrescentou: «Rejeitamos firme e enfáticamente todas as tentativas do Governo conservador de voltar a existir no Golfo Árabe sob o disfarce da política do Leste do Suez».

ESTA CAPA ÁRABE é uma recordação das férias marroquinas de Yves St. Laurent. Pode usar-se com ou sem botas, evidentemente

ESTAGNAÇÃO DA ECONOMIA BRITÂNICA

LONDRES, 24 — (F. P.) — Dar ou não dar impulso aos pedidos internos: este é o grave dilema a que deve fazer face o novo Governo conservador, apenas um mês depois do seu regresso ao Poder.

Os indicadores económicos demonstram que a economia, depois de um certo desenvolvimento no principio do ano, está de novo em plena estagnação.

O índice da produção industrial, agora publicado, acusa por exemplo em relação ao mês de Maio um recuo de três pontos relativamente ao mês anterior.

«É um acidente», dizem os técnicos de estatistica do Governo, explicando que esta forte baixa é devida quase inteiramente ao bom tempo. Maio foi excepcionalmente quente. Por consequência, a produção de electricidade e de gás diminuiu consideràvelmente. Porém, mesmo tendo em conta este factor excepcional, a tendência não é satisfatória.

Aliás, isso nada tem de surpreendente. O Governo cessante tinha previsto uma expansão de 3 a 4 por cento no ano corrente. Mas o belo progresso das exportações, que no ano passado tinha feito crer que a Grã-Bretanha continuava o seu «milagre económico» parou subitamente.

Crescendo 15 por cento no ano passado, as vendas só aumentaram no trimestre passado um por cento, em valor, já que os preços aumentaram em média 2 por cento na exportação. Isso significa que na realidade elas diminuíram de volume. Razão: a recessão económica nos Estados Unidos, principal cliente da industria britânica, e as frequentes greves que entravam as exportações dos construtores de automóveis e de outras importantes industrias exportadoras.

De resto, apesar do forte aumento de salários, o consumo não cresce: o que os assalariados obtêm em suplemento dos seus patrões, tira-o o Estado em grande parte em impostos, ficando o resto para compensar a alta de preços que atingiu mais de 4 por cento no primeiro semestre. Consequência: o poder de compra não aumenta ou quase.

Quanto aos investimentos — terceiro elemento de que depende a actividade económica — estão a diminuir.

LIGAÇÃO FERROVIÁRIA MALAWI-NACALA

LOURENÇO MARQUES, 24 — (F. P.) — O governador-geral de Moçambique, Eduardo Arantes e Oliveira, anunciou ontem á noite em Lourenço Marques, que será inaugurada dentro de dias nova ligação ferroviária entre o Malawi e o porto de Nacala, no norte da província, além de estarem em estudo «projectos importantes» para o desenvolvimento da sua rede ferroviária.

O governador-geral fez estas revelações durante uma recepção dada em honra do corpo consular acreditado na capital desta província portuguesa ultramarina.

paneuropa

EXPO-70—22 DIAS

PRÓXIMA PARTIDA
31 Agosto — Esc. 34.900$00

PANEUROPA — R. Braamcamp, n.º 11-D — LISBOA
Telef. 56 18 71 - 2-3-4

PEÇA O NOSSO LIVRO DE FÉRIAS

«CARTER» é o filme inglês que reune Britt Ekland e Michael Caine. O conhecido actor inglês veste a pele de guarda-de-corpo de dois «mandões» do mundo do crime e Britt é a esposa fiel de um deles...

ESTADO DE EMERGÊNCIA NO SUL DO LAOS

VIENTIANE, 24 — (F. P.) — Um conselho de gabinete, reunido na quarta-feira em Vientiane, decidiu proclamar o estado de emergência no sul, 4.ª região militar do Laos, a partir de quinta-feira, anuncia-se num comunicado oficial.

A região abrangida compreende seis províncias, entre elas a de Sithandone, cuja capital, Khong, está ameaçada por três batalhões da extrema esquerda.

OPERAÇÕES DE EVACUAÇÃO

SAIGÃO, 24 — (F. P.) — O informador militar americano anunciou que morreram três soldados americanos e ficaram feridos vinte durante as operações de evacuação da posição «Ripcord», ontem de manhã, a qual estava situada havia três semanas pelo inimigo e submetido a fortes pressões. No decurso dos combates á sua volta morreram doze soldados americanos e ficaram feridos cinquenta e um. Foram mortos no mesmo período 61 «vietcongues» e norte-vietnamitas. Despenharam-se no solo dois helicópteros americanos atingidos pelo fogo inimigo e ficaram feridos os seus seis ocupantes.

Os B-52 realizaram ontem quatro bombardeamentos a objectivos situados nas duas províncias da frente norte.

Por seu lado, o informador militar sul-vietnamita revelou que foram mortos 29 inimigos no Camboja durante os combates travados ontem a uns 60 km de Phnom Penh. Morreram três soldados sul-vietnamitas nestas operações e ficaram feridos seis num recontro com forças inimigas, que tiveram seis mortos.

Novo confronto entre Nixon e o Senado

WASHINGTON, 24 — (R.) — O Senado encaminhava-se hoje para nova confrontação com o presidente Nixon acerca do desdobramento do discutido sistema de mísseis antibalísticos (A.B.M.) dos Estados Unidos.

O tema da discussão será a lei de subsídio militar, no valor de 19 243 milhões de dólares, que atribui 1350 milhões de dólares para o sistema de salvaguarda A.B.M., incluindo a construção de uma terceira base no Missouri e o financiamento preliminar de uma quarta no Wyoming.

Embora se espere que o debate seja longo e acalorado, observadores prevêem que será provàvelmente menos violento do que o do ano passado sobre o mesmo assunto.

A Casa Branca tem preparado o seu caso sondando de antemão a oposição e sublinhando a necessidade nacional do sistema.

Para amolecer ainda mais a oposição, Nixon enviou ontem o dr. Henry Kissinger, seu conselheiro sobre questões de segurança nacional, informar privadamente os senadores do que se tem passado nas conversações sobre limitação de armas estratégicas (S.A.L.T.) em Viena com a União Soviética.

Aguardava-se que partidários de Nixon argumentem que o sistema A.B.M. é essencial para fortalecer a posição de regateio dos Estados Unidos em Viena.

Funcionários governamentais duvidam que qualquer comunicação venha de Viena antes da votação no Senado. Acreditam aparentemente que as informações do dr. Kissinger auxiliariam a conseguir a aprovação para a segunda fase do sistema.

LANÇADO O ÚLTIMO INTELSAT-3

CAPE KENNEDY, 24 — (R.) — Um satélite de comunicações foi lançado a noite passada para se juntar a uma rede de estações comerciais de transmissão já em órbita.

O satélite, o último da série Intelsat-3, não entrará imediatamente ao serviço. Será usado como sobressalente, pronto para entrar em operação se qualquer dos seis satélites actualmente em serviço falhar.

TENSÃO NAS CONVERSAÇÕES GERMANO-POLACAS

VARSÓVIA, 24 — (R.) — Negociadores alemães ocidentais e polacos enfrentavam hoje outra série de intensas discussões sobre um proposto tratado que fixaria o reconhecimento por parte de Bonn da fronteira ocidental da Polónia após a guerra.

Delegações governamentais conferenciam novamente no Ministério polaco dos Negócios Estrangeiros, depois de um exaustivo dia de conversações ontem, seguido por um jantar-sessão á noite.

O negociador especial alemão ocidental, Georg Ferdinand Duckwitz, e o subsecretário polaco dos Negócios Estrangeiros, Jozef Winiewicz, chefiam as delegações dos seus países nas conversações que principiaram ontem e, segundo se espera, terminam hoje.

É a quinta série de um diálogo que começou em Fevereiro passado para tentar melhorar as relações entre os dois países, ensombradas pelo que os polacos sofreram sob a ocupação nazi durante a segunda guerra mundial e pelas tensões entre o Leste e o Oeste a seguir ao conflito.

Observadores notavam uma atitude de optimismo reservado em ambos os lados durante as primeiras conversações de ontem. Contudo, os delegados alemães ocidentais revelavam sinais de tensão quase a terminar o demorado dia de ontem.

Nenhuma das delegações revelou quaisquer detalhes das conversações de ontem em sessões plenárias ou de grupos nem indicou o progresso que tinha sido feito.

RENÚNCIA

BONN, 24 — (F. P.) — O Governo federal, na sua reunião de ontem, reiterou o ponto de vista de que a conclusão de um acordo de renúncia ao emprego da força entre Bonn e Moscovo se destina á instauração de um «modus vivendi» com a U.R.S.S. e os outros países do campo socialista semelhante ao existente entre a R.F.A. e os seus aliados ocidentais — revelou Conrad Ahlers, secretário de Estado da Informação, que, além disso, desmentiu a existência de um «projecto Gromyko» referida pelo diário independente «Die Welt». Salientou, porém, que nas conversações Gromyko-Bahr, o chefe da diplomacia soviética adoptou uma atitude mais conciliante, especialmente no que se refere a um reconhecimento sem condições da R.F.A. por Bonn e á irrevocabilidade das suas fronteiras. A linha de conduta de Scheel, ministro dos Estrangeiros federal, em Moscovo, basear-se-á, portanto, na declaração do Governo federal de 7 do passado, concluiu Ahlers.

REDE INTERNACIONAL DE ESTUPEFACIENTES

NICE, 24 — (R.) — As brigadas contra estupefacientes da França e dos Estados Unidos esmagaram uma rede internacional de contrabando de drogas, que tinha a sua sede no mundo do crime da Riviera francesa.

A Polícia anunciou, a noite passada, nesta cidade que sete dos doze homens que alega estarem envolvidos no caso se encontram agora na prisão de Nice, aguardando julgamento por acusações de contrabando de heroína pura entre Nice e Nova York. Os outros cinco foram presos em Nova York.

Foram todos apanhados em fins de Abril ou princípios de Junho, mas a Polícia apenas revela agora alguns detalhes do caso, que em certos aspectos, se parece com o enredo de um romance policial.

Um informador das autoridades disse que um dos seus homens, identificado apenas como «Robert», contactara com um traficante suspeito de drogas em Nice. Robert conseguiu a sua confiança e os dois arranjaram uma série de encontros secretos com figuras do mundo do crime nas ruelas da cidade, que foram fotografados por polícias á paisana.

Eventualmente Robert apresentou uma americana ao traficante suspeito sugerindo que ela fosse a transportadora da droga. Num hotel o homem sem suspeitar, entregou á mulher, que era, na verdade, a agente 00792 da brigada americana contra os narcóticos, uma pasta, com fundo falso, cheia de heroína pura e um bilhete para Nova York.

Contudo, logo que a pasta foi entregue em Nova York, os agentes da brigada contra narcóticos daquela cidade entraram em acção e começaram as prisões.

Julgamento em Atenas de guerrilheiros árabes

ATENAS, 24 — (R.) — Dois jovens guerrilheiros árabes, acusados de arremessarem uma granada que matou um garoto de dois anos, começam hoje a ser julgados nesta capital a despeito de uma promessa feita pelo Governo grego a seis piratas aéreos de que os réus seriam libertados dentro de 30 dias.

A promessa do Governo foi obtida na quarta-feira quando seis guerrilheiros árabes, incluindo uma rapariga, mantiveram os tripulantes e os 47 passageiros de um avião comercial grego como reféns no aeroporto de Atenas, exigindo a libertação dos dois guerrilheiros acusados e de cinco outros.

O jacto da «Olympic Airways» foi assaltado durante um voo de Beirute para Atenas. Os passageiros foram libertados após oito horas de cativeiro quando o Governo grego prometeu soltar em 22 de Agosto os sete árabes.

Dois dos cinco guerrilheiros já condenados recolheram á cadeia em Março último por homicídio premeditado, após um ataque contra um avião comercial israelita no aeroporto desta capital, em que morreu um passageiro judeu. Os outros três foram presos no mês passado por posse ilegal de armas e explosivos a seguir a uma tentativa malograda para assaltar um avião comercial americano.

Os dois jovens que começam a ser julgados hoje enfrentam quatro acusações, incluindo a de homicídio premeditado, pela qual estão sujeitos á pena de morte.

Afirmou-se que os dois réus, Elias Dergarabedian, de 23 anos, um alfaiate, e Mansour Murad, de 21, um estudante, ambos de Amã, admitiram que são membros da Frente da Luta Popular.

Foram presos em Novembro passado após uma granada ser lançada contra os escritórios, cheios de gente, da El Al, as linhas aéreas nacionais israelitas, matando um garoto de dois anos e ferindo mais 14 pessoas.

Espera-se que o julgamento dure vários dias.

AO TRAPO E À GANDAIA...

(Continuação da pág. central)

menos ofensiveis... habituados a fugir...

Oito horas de trabalho das nove da noite às cinco da manhã

— Que fazem vocês aos restos de hortaliça que apanham? — interpelámos.

— *Isto é para dar de comer ás galinhas, aos porcos e aos vitelos do meu patrão. Tem uns 300 bicos e 23 vitelos, fora os porcos* — responde o Carlos.

E acrescenta:

— *Eu e o meu companheiro trabalhamos das nove da noite ás cinco horas da manhã. Ganhamos 600 escudos por mês, com cama, mesa e roupa lavada.*

— Gostas desta vida?

— *Isto é bom! Que mais quero eu?*

E num repelão:

— *Mas você não é policia? Não está a lixar-me? Veja lá...*

E esclarece:

— *Este trabalho é proibido, sabe? Se a Polícia nos caça, lixa-nos: apanhamos uma multa!*

O lixo tem dono. É de um concessionário da Câmara Municipal.

Alberto, o seu companheiro, sorri e parece mais confiado. Tem 19 anos. O cabelo aloirado, hirsuto, como repas de palha, sai-lhe do bone. Seus pais foram trapeiros e ele trabalha, desde criança, no mesmo ofício. Não sabe ler nem escrever. Agora anda na gandaia, trabalhando para seu pai, que cria vitelos, porcos e galinhas com restos apanhados nos caixotes e sobras de comida dos restaurantes.

— *O trapo não dá nada* — diz Alberto. *Pagam o trapo branco a 10 tostões o quilo; os ossos a três tostões e o papel e o cartão a sete tostões.*

E comenta:

— *Não é vida que preste! Vou largar isto...*

Alberto é jovem. Sonha, ama e procura a aventura, como todos os jovens:

— *Não é verdade que as raparigas do Brasil põem anúncios nos jornais de cá a pedir amor? Este...* (aponta o Carlos) *...julga que é mentira! Mas é verdade, não é?* — pergunta-nos.

— Sim, põem-se anúncios de casamento nos jornais.

— *Pois olhe, já escrevi três cartas a raparigas do Brasil que puseram anúncios no jornal. Não tive resposta...*

— Questão de sorte..

Um gandaeiro a fugir

Combinámos um encontro com os dois gandaieiros para a noite seguinte, para que um dos nossos repórteres-fotográficos pudesse apresentar as suas imagens aos leitores.

Esperámos por eles no ponto marcado. Os gandaeiros não apareceram. Fomos á sua procura, de rua em rua. Quando, finalmente, ás 23 horas, lobrigámos a carroça, com o Carlos na tábua de assento, sózinho, de chicote alçado... o rapaz, ao aperceber-se da nossa presença, acicatou desesperadamente o cavalo, pondo-se em fuga. Fomos no seu encalço, no nosso carro. Ultrapassámo-lo e saltámos para a rua, fazendo frente ao cavalo. O gandaeiro parou, exclamando:

— *Ah! É você?!*

— Queremos tirar-te o retrato!

— *Não posso. Vou ter com o meu companheiro, que está á minha espera.*

E sem mais argumentos chicoteou o cavalo, continuámos a segui-lo, na esperança de convencê-lo a deixar-se fotografar. O jovem gandaeiro atravessava as ruas sem respeitar a luz vermelha que sinalizava o trânsito, metendo-se á frente dos automóveis que circulavam. Seguiu em direcção á Avenida de Roma, passando pelo Campo Pequeno. A pobre pileca galopava como podia, sob a chuva de chicotadas que recebia no dorso.

Desistimos de convencer o Carlos a deixar-se fotografar. Ele continuou a fugir. Desde menino que foge — por precaução, por medo, por hábito... até por instinto.

Os bandaieiros alteraram, a partir de então, o seu itinerário habitual. Viemos a encontrar o Alberto, dias depois, ao cabo de persistente busca. Acabámos por convencê-lo a deixar-se fotografar.

Ele também receava que o seu retrato aparecesse em público. Mas acedeu, finalmente «se não se conhecer a minha cara».

... Quem sabe se (mesmo assim sem cara) ás raparigas do Brasil que põem anúncios nos jornais de cá, a pedir amor»... não irão gostar dele?

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Arminda dos Santos Carvalho da Silva

Faleceu a sr.ª D. Arminda dos Santos Carvalho da Silva, de 62 anos, viúva, natural de Cercal (Cadaval), mãe do sr. António José dos Santos Carvalho da Silva e avó da menina Ana Paula Azevedo Carvalho da Silva e do menino Jorge Augusto Azevedo Carvalho da Silva. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, às 10 horas, da igreja de S. João de Deus para o cemitério da terra da sua naturalidade.

LIVRO GENEALÓGICO DA RAÇA BOVINA ALENTEJANA

Uma portaria do Ministério da Economia, agora publicada no «Diário do Governo», aprova o regulamento do Livro Genealógico da Raça Bovina Alentejana.

Este livro tem por fim assegurar a pureza daquela raça e concorrer para o seu progresso zootécnico, assim como favorecer a difusão de bons reprodutores.

Dizem os leitores...

A CAIXA NÃO DESFAZ OS EQUÍVOCOS?

Do nosso leitor sr. Manuel Gonçalves da Fonseca, residente na Rua de Santo Ovídeo Velho, 44, em Mafamude, Vila Nova de Gaia, recebemos a seguinte carta:

«Em Maio de 1969 e em consequência de mudança de emprego, fui transferido da Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa para a Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto, onde sou o beneficiário n.º 126543290.

No momento da transferência de Caixa, processava-se o pagamento de um subsídio de aleitação devido pelo nascimento de minha filha, Germana Cláudia Silva Gonçalves da Fonseca, verificado em 15 de Fevereiro do mesmo ano.

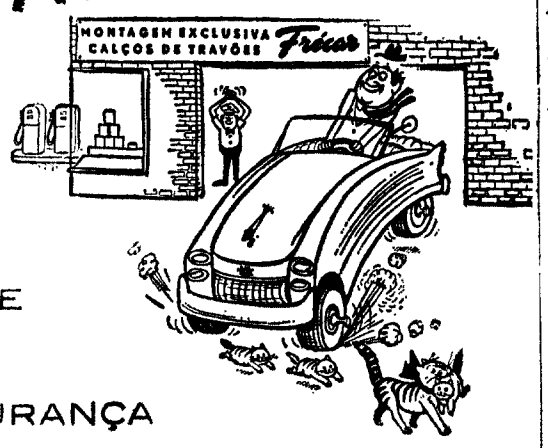
Nos meses de Fevereiro a Abril/69, o referido subsídio (esc. 50$00 por mês) foi liquidado pela Caixa da Indústria, como lhe competia, ficando o pagamento dos restantes meses de subsídio a cargo da Caixa para onde transitei.

Não obstante o tempo decorrido, a verdade é que tal pagamento nunca foi feito, muito embora as diligências feitas nesse sentido, a partir de certa altura, tivessem sido frequentes. Na impossibilidade de conseguir, eu próprio, qualquer resultado positivo, pedi á esposa de um camarada de trabalho, funcionária da Caixa onde sou beneficiário, para que procurasse saber o que se passava. Para meu espanto, fui informado, por aquela senhora, que a minha actual Caixa não podia processar o pagamento do subsídio por a Caixa da Indústria, no processo de transferência, lhes havia indicado o ano de 1965 como o ano de nascimento da minha filha, ela que nasceu três anos depois, e, por outro lado, que o seu nome é Germana Silva, quando o nome completo é o que atrás refiro.

Estes elementos, errados, como se vê, impedem, ao que parece, que a Caixa onde estou agora inscrito me pague o subsídio a que tenho direito, o que em boa verdade não posso aceitar já que o assunto foi posto claramente várias vezes e já houve tempo de sobra para desfazer todos os equívocos.

Admito sem esforço que as Caixas como o Ministério tenham outras coisas muito mais importantes com que se preocupar e portanto não possam perder tempo com problemas insignificantes como este. Na verdade, duzentos e cinquenta escudos constituem uma importância ridícula nos tempos que correm para que haja alguém que possa preocupar-se com ela. Mas quando se é chefe do escritório de uma empresa, como eu sou, e se sabe até onde podem chegar as sanções decorrentes da falta de pagamento das contribuições ás Caixas, não se pode admitir que as Caixas não cumpram os seus deveres para com os contribuintes, com eficiência e rapidez, mesmo que se trate de pagar um mísero subsídio de duzentos e cinquenta escudos.

VAI PARA FÉRIAS?



FAÇA UM TESTE DE SEGURANÇA

Banco de ensaios Frécar para travões

AUTO ROTUNDA

RUA JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 3-B
TELEF. 52420 (JUNTO AO MARQUÊS DE POMBAL)

E PARTA DESCANSADO

PRÉDIO
BENFICA

Construção moderna de cimento armado, composto de 5 pisos, hab. 4 div. soalhadas, cozinha, 2 casas de banho, despensa, marquise, hall, rendas baixas, alugado. Preço — 2.850 contos.

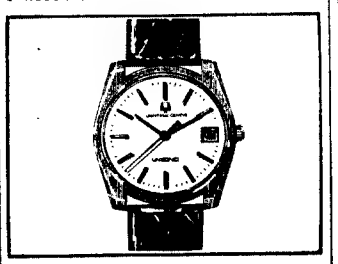
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefs. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

FÉRIAS NO ALGARVE
PRAIA VERDE
Junto a Monte Gordo e Fronteira de Espanha
Bungallows — Restaurante — Boite — integrados num lindo — pinhal frente à praia
Diárias, económicas. Reserva: R. Jardim do Regedor, 29-2.º
Telef. 30229 — LISBOA

TERRENO PARA INDÚSTRIA

GRANDE EMPRESA NECESSITA ADQUIRIR TERRENO COM ÁREA DE 10 A 20 HECTARES SITUADO EM ZONA INDUSTRIAL NOS DISTRITOS DE LISBOA, SETÚBAL OU SANTARÉM. SÃO CONDIÇÕES ESSENCIAIS O ABASTECIMENTO DE ÁGUA ASSEGURADO E VIAS FÁCEIS DE ACESSO, DEVENDO INDICAR-SE NAS RESPOSTAS TAMBÉM A EXISTÊNCIA DE RESTANTES SERVIÇOS. RESPOSTA A ESTE JORNAL AO NÚMERO 555.

UNISONIC
O RELÓGIO ELECTRÓNICO COM DIAPASÃO



O UNISONIC já não pertence à mecânica

Agora é um electrónico e a sua precisão é comandada por um diapasão: um oscilador electrónico que vibra 360 vezes (em vez de 5) por segundo

E a simplicidade do mecanismo aumenta a sua resistência

A PRIMEIRA MARCA SUIÇA QUE ADOPTOU O RELÓGIO COM DIAPASÃO

UNIVERSAL GENEVE

CARCAVELOS

JOSÉ MANUEL MARIA PEREIRA PIMENTEL TEIXEIRA DE FIGUEIREDO

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Isabel da Silva Pereira Pimentel de Figueiredo, Serafim Pimentel Teixeira de Figueiredo, Maria Isabel Pimentel de Figueiredo Fonseca Lopes seu marido José Goullart de Medeiros Fonseca Lopes e filhas, Eduardo Emídio Pereira Pimentel de Figueiredo sua mulher Mariana da Conceição Vilar Pimentel Figueiredo e filhos, Carlos Alberto Pereira Pimentel de Figueiredo e mais família participam que amanhã, dia 25, pelas 19 horas na Igreja de Carcavelos, será rezada missa pelo eterno descanso da Alma de seu muito querido filho, irmão, cunhado, tio e parente agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

Aproveitam a oportunidade para igualmente agradecerem muito reconhecidamente a todas as pessoas que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar especialmente aos que por desconhecimento de moradas o não podem fazer directamente.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534167

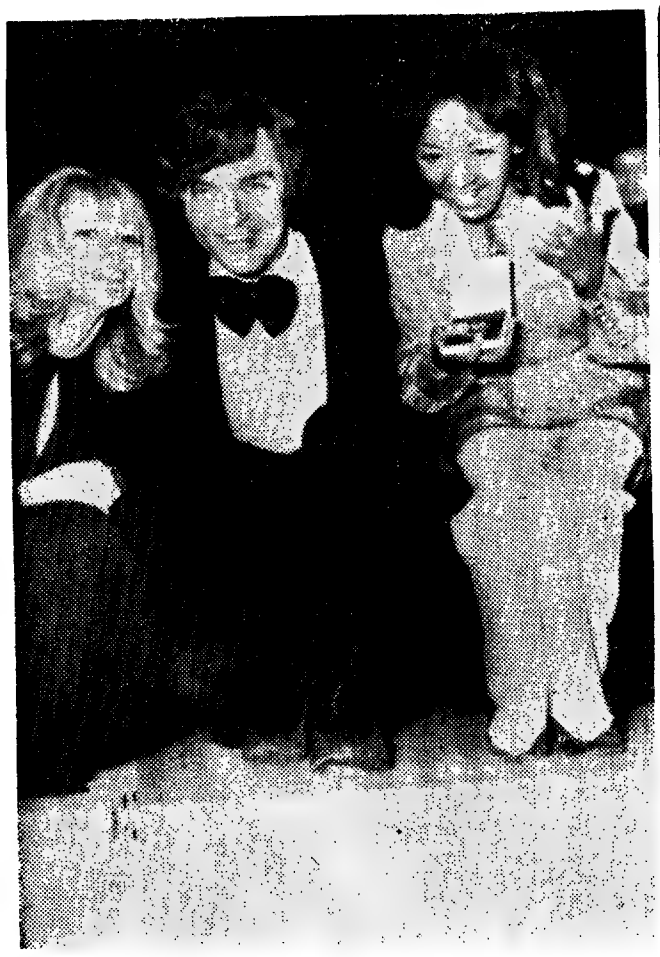
DONA ARMINDA DOS SANTOS CARVALHO DA SILVA

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

António José dos Santos Carvalho da Silva e seus filhos Ana Paula Azevedo Carvalho da Silva e Jorge Augusto Azevedo Carvalho da Silva e mais família participam que Deus Chamou á Sua Divina Presença a sua muito querida mãe, avó, madrinha e parente e que o funeral se realiza amanhã, ás 10 horas da Igreja de S. João de Deus para o Cemitério do Cercal (Cadaval).

AGÊNCIA BARATA



Os vencedores da Olimpíada da Canção realizada em Atenas e em que Portugal esteve representado pelo cantor Marco Paulo. Na foto, Ljupka Dimitrovska, da Jugoslávia, primeira classificada Jim Mancel, dos Estados Unidos, que conquistou o segundo lugar, e a brasileira Eva Maria Correia, que obteve o terceiro

Grande aumento do número de turistas entrados em Portugal

(Continuação da 1.ª página)

peus, tomados no seu conjunto, as dormidas de turistas estrangeiros, que só tinham aumentado em um por cento em 1967 e dois por cento, em 1968, cresceram agora 10 por cento, para atingirem 498 milhões de dólares, em 1969.

No Canadá, as receitas turísticas internacionais aumentaram 10 por cento e atingiram um bilião de dólares (uns 28 biliões de escudos).

No Japão, o aumento de turistas estrangeiros foi de 21 por cento e as receitas de 17 por cento, atingindo 148 milhões de dólares.

Por outro lado, revelou-se em 1969 uma nítida melhoria dos movimentos turísticos, nos dois sentidos, entre os Estados Unidos e os países europeus. O numero de dormidas tinha diminuído em 1967 e 1968, aumentando em 1969 em 18 por cento para os cidadãos dos Estados Unidos na Europa e 10 por cento para os europeus nos Estados Unidos.

Os numeros disponíveis para 1970, que respeitam aos primeiros meses do ano, mostram também uma melhoria muito sensível em relação aos do período correspondente de 1969.

Na Europa, o numero de passagens de turistas estrangeiros aumentou de 21 por cento a 30 por cento em Portugal, na Grécia, na Áustria e no Reino Unido, 12 por cento na Itália e oito por cento em Espanha.

As dormidas de turistas estrangeiros nos hoteis durante o primeiro trimestre aumentaram 34 por cento na Itália, 23 por cento na Áustria e 13 por cento na Alemanha.

Registou-se também um aumento de 7 por cento das dormidas na Suíça e em França.

Nos Estados Unidos, as chegadas de visitantes provenientes do estrangeiro aumentaram 38 por cento no primeiro trimestre. No Japão, o progresso foi de 37 por cento. A abertura da exposição de Osaka em Março traduziu-se imediatamente por um aumento de 67 por cento das chegadas durante esse mês.

O estado de saúde do prof. Salazar

O prof. Salazar passou uma noite relativamente calma, e parece ter experimentado muito ligeiras melhoras em relação ao agravamento do seu estado, que se assinalou no boletim clínico distribuido ontem á noite — foi a informação que colhemos esta manhã junto da residência do antigo Chefe do Governo.

Como ontem noticiámos, após a aplicação da hemodiálise, a que o enfermo reagiu bem, desceu o seu teor de ureia, tendo os médicos anunciado que se a situação não sofresse qualquer subita alteração não distribuiriam nenhum novo boletim clínico antes de sábado — altura em que se saberia já se se confirmava a acção regressiva ou, caso contrário, se seria necessário aplicar de novo a técnica da hemodiálise.

Porém o estado do prof. Oliveira Salazar agravou-se, e a equipa clínica que o trata distribuiu ontem á noite o seguinte comunicado:

«A situação actual da doença do Presidente Salazar é a seguinte:

1) Surgiram de novo perturbações cardiovasculares;

2) A função renal continua insuficiente. Após a correcção consecutiva á hemodiálise voltou a acentuar-se a retenção azotada;

3) Se as condições cardiovasculares o permitirem, é possível que se proceda a nova sessão de depuração.

O prognóstico não se modificou».

Assinam os profs. Eduardo Coelho, Cândido da Silva e dr. Jacinto Simões.

Logo após a sua chegada a S. Tomé, o Presidente da Republica telefonou para a residência do antigo estadista a informar-se da sua saude. Por seu turno o Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, (cujo gabinete, como se sabe, é no Palácio de S. Bento, nos jardins do qual o prof. Salazar continua a ter a sua residência) é também mantido sempre a par da evolução do estado do doente.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Comércio do Funchal», «Diário do Alentejo», de Beja; «Diário do Ribatejo», de Santarém; «Notícias de Guimarães», «Jornal de Cambra», de Estarreja e «Notícias de Vizela».

NOVO GOVERNADOR CIVIL DE COIMBRA

Eng.º Cunha Matos

O eng.º Leopoldo de Morais da Cunha Matos vai ser nomeado governador civil do distrito de Coimbra.

Nascido naquela cidade em 1923, o eng.º Cunha Matos diplomou-se na Faculdade de Engenharia do Porto, tendo frequentado, também, a Universidade de Coimbra. Fez parte dos quadros directivos do C. A. D. C. e da Mocidade Portuguesa, iniciando a sua actividade profissional nos Serviços Municipalizados de Viseu. Foi director-delegado dos Serviços Municipalizados de Coimbra e desempenhou funções directivas na Ordem dos Engenheiros, na U. C. I. A. T., na Cruz Vermelha Portuguesa, na União Nacional, na Liga Católica, no Grémio da Lavoura e na Misericórdia de Viseu.

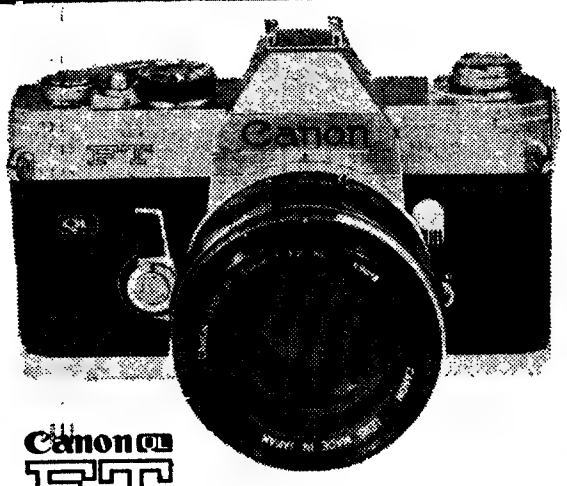
O eng.º Cunha Matos ocupa, desde 1965, o cargo de presidente da Camara Municipal de Viseu, sendo eleito procurador á Camara Corporativa, na IX Legislatura, em representação dos Municípios do Centro

FORD LUSITANA

A fim de tratarem de assuntos referentes às actividades da Ford no nosso País, partiram para Londres, onde participação numa reunião ao nível internacional os srs. Pedro Blanch presidente do conselho de administração e director-gerente da Ford Lusitana, e eng.º Campello de Almeida, gerente de vendas, e P. Silva Carvalho, chefe de vendas de camiões, a quem se juntarão os srs. M. Príncipe Ceia, chefe dos serviços de comercialização de veículos, e Pedro de Carvalho, chefe de relações públicas.

Canon

INDISCUTÌVELMENTE
A SUA MELHOR CÂMARA!



Canon FT

Dezenas de objectivas intermutáveis
Dezenas de acessórios especiais
Incríveis possibilidades de trabalho
Robustez e performances absolutamente fora do comum.
Elegância que dispensa adjectivos
Assistência técnica especializada

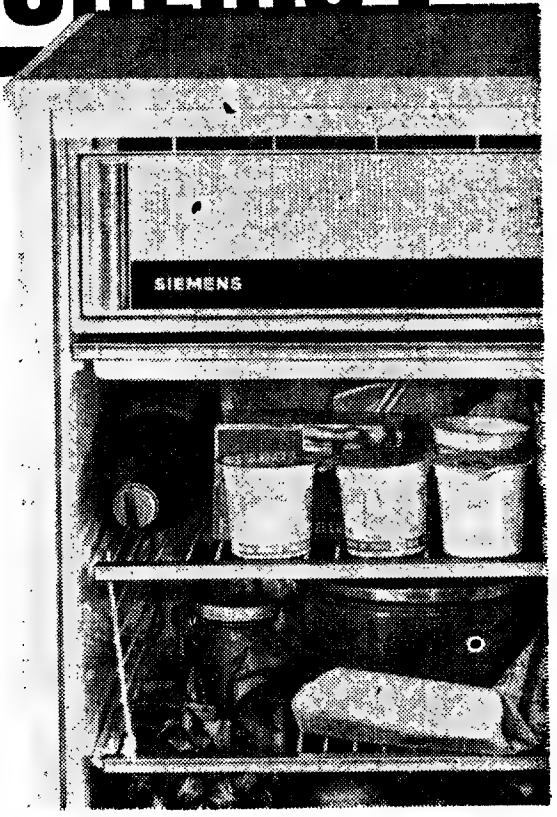
2 ANOS DE GARANTIA

sonipol

SEDE; Av. 5 de Outubro, 56 – Telef. 562541 – PPC 5 Linhas – LISBOA 1
FILIAL: R. Miguel Bombarda, 221 – Telef. 2 80 08 - 2 05 53 – PORTO

SIEMENS

o frigorífico com FILTRO ANTI-CHEIRO



GOZE A LUXUOSA COMODIDADE DOS NOVOS FRIGORÍFICOS SIEMENS A ÚLTIMA PALAVRA EM TÉCNICA DE FRIO

OPEL É SEMPRE MAIS CARRO

OPEL

KADETT
OLYMPIA
REKORD
COMMODORE
KAPITAN
ADMIRAL

peça uma demonstração a
LICAR
AV. CASAL RIBEIRO, 48-A
LISBOA
CONCESSIONÁRIA GENERAL MOTORS

Faça um serviço de transporte mais eficiente e económico

Com o furgão

Mercedes-Benz L406 D
na linha de 3500 kg de peso bruto

Dentro desta linha pode escolher uma vasta gama de modelos, que sempre se evidenciam pela avançada técnica MERCEDES-BENZ:

Camioneta - 1.600 Kg. de carga útil, 3 lugares na cabine, 3,50 m **ou** 4,42 m de comprimento de **caixa**.

Furgão - 1.600 Kg de carga útil, 9 m³ **de capacidade**, 1,75 de altura interior.

Mista - de carga e de passageiros - 5, 7, 9, 13 e 16 lugares.

Autocarro - de 20 ou 24 lugares.

Ambulância - de 2 ou 4 macas.

C. SANTOS S.A.R.L.
Rua Artilharia Um, 101-A e B - Lisboa
Porto - Coimbra - Braga - Faro - Olhão
Agentes em todo o País

PUBLIFIRMA

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém

CONTABILISTA

De harmonia com o disposto no n.º 10 da Base XIII e n.º 1 da Base XVII do despacho ministerial de 23 de Setembro de 1966, comunica-se que se encontra aberto concurso, pelo prazo de 20 dias, a contar da data abaixo mencionada, para provimento de duas vagas de

CONTABILISTA

Os interessados, diplomados com o curso de contabilista dos institutos de ensino médio comercial ou licenciados em Ciências Económicas e Financeiras, Economia e Finanças, deverão apresentar dentro do referido prazo os seus requerimentos com a indicação dos elementos seguintes: nome completo, idade, estado, residência, classificação no curso e entidade ou organismo onde presta serviço.

A DIRECÇÃO

Santarém, 20 de Julho de 1970

CAMINHOS DE FERRO

LEILÃO

Em 27 de Julho e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Jardim), proceder-se-á á venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem para o que poderão dirigir-se ao Serviço de Promoção do Tráfego — Escritório de Reclamações (Rua Victor Cordon, 45 — Lisboa), nos dias uteis, até ao dia 24 de Julho, das 10 ás 17 horas, excepto sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

MALHAS

Em todo o género, ao desbarato. Confronte os nossos preços! Calçada do Carmo, 10, (Defronte do Celeiro).

MANUEL SALVADOR DA COSTA

FALECEU

Rosa Costa Dias, José Maria Quadros e Costa, Pedro Quadros e Costa, Adélia Peres e Costa, António Quadros e Costa, Alfredo Quadros e Costa, Vera Peres da Costa Bruto da Costa, Quitéria Peres e Costa, Satya Peres e Costa, Maria Antónia Canijo Quadros e Costa, Elsa Sanches Quadros e Costa, Beatriz Mesquita Quadros e Costa, Alfredo Bruto da Costa, Raul Carmo Costa e filhos, participam o falecimento de seu pai, sogro e avô, ocorrido em Goa, no passado dia 18.

ENG.º MANUEL ANTÓNIO ALEGRIA DA CUNHA

Participação e missa do 7.º dia

Fernando Alegria da Cunha, e filhos, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento no passado dia 18 do seu muito querido irmão e tio e que amanhã, dia 25 às 9 horas, na Igreja dos Mártires, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

EXCURSÃO A VALE DE CAMBRA

DOMINGO 26 DE JULHO

Comunica-nos a C. P. que realiza no próximo dia 26 deste mês de Julho, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Vale de Cambra, uma das regiões mais bonitas de Portugal, incluindo viagem de 1.ª classe entre Lisboa e Aveiro e ainda um percurso turístico rodoviário às principais localidades da região. Almoço no Restaurante «GALO D'OIRO» em Aveiro.

Preço da excursão completa ..... 300$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Diário do Porto

O ÚLTIMO ESPECTÁCULO DA TEMPORADA DE ÓPERA

O Círculo Portuense de Ópera apresenta, no domingo no Teatro de São João, a ópera «Bastien et Bastienne», de Mozart, que será cantada, em português, numa tradução do dr. Hernâni Dias da Silva.

A direcção musical será confiada ao maestro Gunther Arglebe; encenação de Manuel Passos e interpretação a cargo do soprano Annerose Gilek, do tenor António Magalhães e do baixo José de Castro.

É o último espectáculo desta temporada.

Em época tão tardia, fica-se a dever ao facto de a Orquestra Sinfónica do Porto ter estado ausente, actuando na temporada de bailados do Teatro Nacional de São Carlos.

O espectáculo é, como habitualmente, subsidiado pela Fundação Gulbenkian.

Juramento de bandeira

Esta manhã, sob a presidência do sr. brigadeiro Jaime Silvério Marques, director do Serviço de Transporte, juraram bandeira 120 recrutas do Centro de Instrução de Condução Auto n.º 1, que fazem parte do segundo subturno do segundo turno da incorporação deste ano. Estiveram presentes os srs. tenente-coronel João Moreira Rebelo, em representação do comandante da Região Militar do Porto e o primeiro e segundo comandantes da unidade, respectivamente, tenente-coronel Horácio Vilhena de Andrade e major Fausto António da Silva, além de outros oficiais.

Depois da Formatura geral e da leitura dos deveres militares, pelo capitão João Marques da Rocha, o sr. tenente miliciano Lela fez uma alocução alusiva ao acto. Foi prestada, a seguir, homenagem aos militares mortos e aos que mais se distinguiram durante a recruta receberam prémios.

As cerimónias terminaram com o desfile das tropas em parada.

Ocorrências policiais

Queixou-se na P. S. P. a sr.ª D. Maria da Conceição Ferreira Dias, residente em Valbom, na Calçada da Arreteia, 78, contra os gatunos que, por meio de chave falsa, entraram num depósito de pão, na Rua das Oliveiras, 124, do qual é encarregada e furtaram, de uma gaveta, 800$00.

— Queixou-se, também, a estudante belga, Mlle. Defays Seilliam, instalada no Parque de Campismo da Prelada, porque lhe furtaram, do interior do seu automóvel, estacionado junto da Universidade, uma máquina fotográfica, avaliada em 2000$00.

— Por intermédio da sr.ª D. Elisa Fonseca Cardoso, da Senhora da Hora, a Polícia tomou conhecimento de que, de noite, fora assaltado o prédio com o n.º 241 da Rua João Coutinho, propriedade e residência do sr. José Pinheiro Coelho, de 37 anos, casado, actualmente na Costa da Caparica. Os assaltantes cortaram uma persiana e o vidro de uma janela e remexeram camas e móveis. Ignora-se, de momento, se furtaram alguma coisa.

DOM PEPE
encerra
às 2.as-feiras

A «Feira das Sementes»

No aprazível e frondoso Parque de Sant'Ana haverá, no domingo, a Grande Feira Anual de Sant'ana, vulgarmente conhecida pela «Feira das Sementes», uma das mais importantes do Norte do País, pois ali se abastecem das mais diversas sementes os lavradores de toda a parte.

O programa da parte religiosa inclui missa solene, ás 11 horas, com cânticos e homília solenizada em honra de Sant'ana, cuja imagem se venera na capelinha existente naquele parque, da populosa freguesia de Leça do Balio (Maia).

A banda de música dos Bombeiros Voluntários de S. Mamede de Infesta entrará no recinto da feira ás 8 e 30 e executará trechos musicais até ao pôr do sol.

Espectáculos para hoje

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «A Peliça» (12 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «O Diabo á solta» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «A sombra da forca» (17 anos).
RIVOLI — Às 2 e 30: «O grande prémio» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Ajuda-me, meu amor» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «O mundo de Suzie Wong» (17 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Ame-te! Ame-te!» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30 «A vingança é minha!» (17 anos)
AGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «A Virgem da Floresta» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Com os olhos vendados» e «Beau Geste» (17 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Gringo» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Tarzan e os inimigos da selva» (12 anos)
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Um coração solitário» (17 anos).

Amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «O diabo á solta» (17 anos).
COLISEU — Às 15 e 30: «A sombra da forca» (17 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «O Grande Prémio» (12 anos)
TRINDADE — Às 15 e 30: «Ajuda-me meu amor!» (17 anos)
BATALHA — Às 15 e 30: «Os bons e os maus» (17 anos)
ESTUDIO — Às 15 e 30: «O livro da selva» (6 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «A vingança é minha!» (17 anos)
AGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «A Virgem da Floresta» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «A sombra de um homem» e «Domingo de Verão á italiana» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «Tarzan e os inimigos da selva» (12 anos
JULIO DINIS — Às 15 e 30: «Juventude enamorada» (12 anos).

Farmácias de serviço esta noite (4.º turno)

ALIRIO DE BARROS SUCRS., R. Costa Cabral, 240 (Tel 40593) * BOAVISTA, Rua do Boavista, 50 (Tel 25443) * BOTELHO, Rua do Alegria, 853 (Telefone 40069) * CENTRAL, Rua de Santo António, 203 (Tel 2684) * CONTUMIL, Rua do Contumil, 540 (Tel 45755) * CORUJEIRA, Rua de S. R. da Lameira, 473 (Tel 50928) * GARANTIA, Rua Fernandes Tomás, 698 (Tel 24645) * LEMOS & FILHOS Pr. de Carlos Alberto 3 (Tel 21509) * MAIA, Rua do Campo Alegre, 92 (Telef 64450) * PENINSULAR, Rua Chã, 100-102 (Tel 20707 * PINHEIRO MANSO, Rua de S. João de Brito, 25-29 (Tel 60692) * SÁ, Rua Vale Formoso, 28 (Tel 40427) * FOZ, Rua Senhora da Luz, 382 — Foz (Tel 680027) * SERPA PINTO, Rua de Serpa Pinto, 645 (Tel 48697).

Administrador da SACOR por parte do Estado

O eng.º José Estêvão Abranches Couceiro do Canto Moniz foi nomeado administrador por parte do Estado da Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal (Sacor).

O eng.º Canto Moniz foi director do Gabinete da Ponte sobre o Tejo e, durante algum tempo, ministro das Comunicações.

Presentemente, o sr. eng.º Canto Moniz é presidente do conselho geral da empresa pública Correios e Telecomunicações de Portugal (C. T. T.).

DE COIMBRA

Homenagem à memória de Lucas Junot afamado estudante-cantor

Por iniciativa da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Brasil, à frente da qual se encontra o sr. dr. Divaldo de Freitas, antigo estudante da Universidade de Coimbra, vai ser evocada a memória do dr. Lucas Junot, que se formou em Coimbra e faleceu em São Paulo (Brasil), onde foi professor de Matemática e colaborador do Observatório Astronómico.

O dr. Lucas Junot foi um dos mais afamados cantores de fados de Coimbra, durante o tempo em que aqui viveu, há quase cinquenta anos, numa altura em que aqui havia grandes cantores e guitarristas.

A homenagem, que tem o apoio da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, decorrerá amanhã. Será descerrada, ás 17 e 30, uma lápida na casa onde o estudante-cantor viveu, na Rua dos Coutinhos, n.º 3, seguindo-se missa na capela da Universidade, por alma dos antigos estudantes.

Às 20 horas, nas instalações académicas, haverá um jantar de convívio; e depois, no pátio interior do Museu Nacional Machado de Castro, um serão no qual tomam parte antigos cantores e guitarristas de Coimbra. O sr. dr. Divaldo de Freitas fará uma conferência ilustrada com projecções.

Visita de estudo

Estiveram aqui trinta e um professores de postos escolares, dos quais 26 de Angola e 5 da Guiné. Vieram em visita de estudo à Metrópole, acompanhados pelo sr. prof. José Antunes Rodrigues de Sousa.

Os visitantes estiveram na Universidade, cujas dependências percorreram demoradamente e em outros monumentos e lugares de interesse turístico. Seguiram, depois, para Lisboa.

Comandante-geral da G. N. R.

Esteve em visita de cortesia no Batalhão n.º 5 da Guarda Nacional Republicana, o comandante-geral daquela corporação, sr. general Adriano Augusto Pires.

Na sede da unidade foram-lhe prestadas as honras devidas por uma companhia, comandada pelo sr. capitão Faria Saraiva; e depois foi recebido pelo respectivo comandante, sr. coronel Gouveia Pessanha, que estava acompanhado pela oficialidade e pelos comandantes das companhias rurais. A seguir, na sala de recepções, houve uma sessão de boas-vindas, na qual estiveram presentes, também, os sargentos e deputações de cabos e soldados. Usou da palavra o sr. coronel Gouveia Pessanha para saudar o comandante-geral, que agradeceu.

Houve, depois, uma visita ao quartel, que deixou o sr. general Adriano Augusto Pires muito bem impressionado, seguindo-se um almoço em Conimbriga.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A Rebolona» (18 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «A Volta ao Mundo em 80 dias» (12 anos).

Farmácias de serviço

VILAÇA — Rua Ferreira Borges (Tel. 22043).
NEVES MORGADO — Rua da Moeda (Tel. 23738).
BAPTISTA — Praça da República (Tel. 23747).
OLIVAIS — Rua Bernardo de Albuquerque (T. 22804)

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	506$
Consolidado 3%	—	—	516$
Consolidado 3 /2%	—	—	612$
Centenários 4%	—	—	1.440$
Obrgs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	—	—
Externo 2.ª Série c.	—	715$	720$
Externo 3.ª Série	—	750$	790$
Externo 3.ª Série c.	—	800$	810$
Cautelas 3 Série	—	175$	190$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	450$	—
A P T 5% 56	—	—	—
A P T 5% 58	—	—	—
C P 4 /2% 65	870$	—	—
C P 5 /2% 67	—	—	980$
C. U. F. 6%	915$	910$	920$
C U F 6% 68	880$	870$	890$
Gás Elect 4% 48	—	800$	—
Gás Elect 4 /2% 51	—	—	870$
Gás Elect 5% 52	—	867$	—
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	850$
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gás Elect 5% 63	—	930$	—
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H E A Alentejo 5%	—	—	800$
H E. Cávado 5%	—	710$	—
H E. Cávado 6%	—	—	—
H E Douro 5%	710$	710$	715$
H E. Douro 6%	910$	900$	920$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	880$	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	800$
H E Zêzere 5% 57	790$	—	—
Lisnave 6%	970$	—	970$
Metropolitano 4%	760$	750$	770$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	970$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Elect 5%	—	—	795$
Nitratos 5%	770$	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	865$	870$
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	915$	930$
Sacor 5% 60	—	—	880$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	770$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	800$
Sonefe 5%	801$	800$	805$
T A P 4%	—	—	900$
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	89$
U E P 4%	—	84$	—
U E P /2%	—	89$	—
U E P 5%	—	78$	80$
U E P 5% 60	—	—	780$
U E P 5% 63	—	800$	830$

Ultramarinos	Efec.	Compra	Venda
Buzi	—	86$	88$
Cabinda	215$	213$	216$
Diamantes Angola	2 480$	2 480$	2.500$
H E Revué	—	715$	740$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	189$	189$	190$
Sonefe A	—	420$	425$
Sonefe B	437$	435$	437$
Zambézia	—	80$	—
Diversos			
Cidla	—	6 750$	6.800$
Cim Leiria	—	4 500$	4.800$
Cim Tejo	—	—	7.250$
Col Navegação	1 480$	1 470$	1.490$
C U F	—	—	1.600$
Ind Aliança	—	4.220$	4.300$
Nac Navegação	—	1.880$	1.900$
Petroquímico	—	1.450$	—
Port e Colónias	4 300$	—	4 350$
Port Celulose	—	1 020$	1.080$
Port Pesca	710$	709$	712$
Port Tabacos	—	4.300$	4.500$
Sacor	2.180$	2.150$	2.195$
Siderurgia Nac.	3.270$	3.250$	3.280$
Socel	—	1.750$	1.800$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueiro	—	806$	810$
U F Azoto	—	—	—
Agua. Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	396$	400$
Aguas Lisboa 34	400$	400$	405$
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
C P Electricidade	1.210$	1.210$	1.211$
C P Electricidade, nom	1.180$	1.180$	1.190$
C P Electricidade 969	—	—	—
Eléct Beiras	—	1.770$	1.820$
Gás Electr	423$5	423$	424$
H E Alto Alentejo	197$	196$5	198$
H E Norte Portugal	—	—	280$
H E S Estrela	—	—	—
U E P	189$	189$	193$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	208$8	—
F I D E S	—	127$6	31$4

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 366066/7
Teleg.: ALMEIRO — Telex. 1471, ALBAPI P

AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.300$	2.290$	2.310$
Alentejo	1.110$	1.110$	1.115$
Angola	—	3.500$	3.600$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	8.700$	8.750$
E. Santo	21.500$	21.300$	21.700$
E Santo n.	—	20.000$	—
Fonsecas S. p.	—	—	20.500$
Fomento	—	2.300$	2.400$
L. & Açores p.	—	6.850$	6.950$
L. & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	5.710$	5.700$	5.710$
Portugal n	—	3.000$	3.090$
Portugal p.	—	—	3.900$
Tatta Aliança	—	—	—
Ultramarino n.	3.560$	3.550$	3.570$
Ultramarino p.	3.900$	3.900$	3.950$
Seguros			
Alentejo	136$	135$	137$
Douro	—	1.200$	—
Mundial	923$	922$	924$
Sagres	—	1.750$	2.400$
Tranquilidade	—	55.000$	65.000$
Ultramarino	—	25.000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	775$	—
Ag Cassequer	—	630$	—
Ag Incomat	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S. Tomé e Príncipe	—	265$	290$
Borar	135$	130$	140$

INDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65 = 100)

	16/7/70	22/7/70	23/7/70
GERAL	152,6	152,2	152,5
METROPOL.	145,9	144,8	145,1
ULTRAM.	201,9	206,4	206,5

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rande	35$50	38$00
América:		
— Dólares, de 1 e 2	28$20	28$70
— Dólares de 5 a 1000	28$50	28$90
Canadá — Dolares	27$20	27$80
Alemanha — Marco	7$75	8$05
Austria — Schilling	1$10	1$16
Argentina — Peso	$05	$08
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
Holanda — Florim	7$75	8$05
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,35	$04,7
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$95	5$30
Suiça — Franco	6$65	6$85
Marrocos — Dirhan	4$80	5$40
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra—Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	34$50	36$50

J. BURNAY L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 195-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

SETÚBAL EM FESTA DURANTE OS 15 DIAS DA FEIRA DE SANTIAGO

SETÚBAL, 24 — A mais importante cidade portuguesa ao Sul do Tejo e cuja importancia industrial entrou já em franca competição com o Porto, vai ser cenário, durante 15 dias, de festa rija, cuja alegria é já tradicional nesta época do ano, quando ao longo de duas semanas, neste caso a partir de amanhã á noite, ali decorrerá a Feira de Santiago.

O presidente do Município setubalense reuniu-se hoje com jornalistas para tornar publico o programa dos festejos. Estes foram, uma vez mais, preparados com determinada intenção que o chefe da edilidade, dr. Constantino de Góis, especificou:

— *Setubal tem de aproveitar, para o seu desenvolvimento turístico, esta coisa extraordinária que é o rio Sado. Essa é uma razão porque no programa geral surgem, com grande relevo, as competições náuticas.*

O dr. Constantino Góis falou ainda da importancia crescente de Tróia, afirmando, designadamente, depois de agradecer a colaboração desde sempre prestada pelos órgãos de Informação:

— *Tróia virá a ser a praia de Lisboa. Com 26 graus centígrados de temperatura na água, pode dizer-se que Tróia é o Algarve a 40 quilómetros de Lisboa.*

Preconizou ainda a descoberta desta região do seu distrito pelos lisboetas. O dr. Góis referiu-se também á necessidade, por ele posta em evidência diversas vezes, da criação de um centro de iniciação náutica.

É efectivamente uma regata para embarcações à vela, aberta a pequenos e grandes cruzeiros, organizada pelo Clube Naval Setubalense e cuja chegada está prevista para as 15 horas de amanhã, que inaugura a popular feira da «cidade do rio azul», embora só à noite, com a presença do dr. Xavier Pintado, secretário de Estado do Comércio, no recinto da feira e com a Festa Nacional do Mar, a Feira de Santiago fique oficialmente inaugurada. À meia-noite, uma sessão de fogo de artifício poderá eventualmente prender nesta cidade até de madrugada os milhares de forasteiros que as autoridades locais esperam que aqui acorram.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado na faixa costeira ocidental a norte da foz do Sado e pouco nublado ou limpo nos restantes regiões; o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 32°; mínima: Montalegre, 10°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 18°; Coimbra, 19°; Portalegre, 7°; Lisboa, 20°; Faro, 24°; e Funchal, 21°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL—Na atmosfera: 19, na água do mar: 17°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Agravamento temporário do tempo nas regiões do Norte, com céu muito nublado, períodos de chuva fraca ou chuvisco e vento fraco ou moderado do quadrante Oeste; nas regiões do Centro e Sul, céu pouco nublado ou limpo e vento fraco.

Amanhã
Nascer ás 6 e 31
Ocaso ás 20 e 55

Amanhã: Dia 2 Dia 10 Dia 17

MARÉS.
PREIA-MAR — **Hoje** — 8 e 21 (3,7 m); 20 e 40 (3,8 m). **Dia 25** — 9 e 12 (3,5 m); 21 e 40 (3,6 m). **Dia 26** — 10 e 14 (3,4 m); 22 e 44 (3,4 m).
BAIXA-MAR — **Hoje** — 1 e 42 (1,1 m); 13 e 57 (1,3 m). **Dia 25** — 2 e 34 (1,3 m); 14 e 57 (1,4 m). **Dia 26** — 3 e 37 (1,5 m); 16 e 10 (1,6 m).

VEM AO TEJO UM NAVIO-ESCOLA BRASILEIRO

Chega ao Tejo no domingo, em visita oficial, atracando na Doca da Marinha, o navio-escola da Armada do Brasil «Cústódio de Melo», comandado pelo capitão-de-mar-e-guerra Paulo de Bonoso Duarte Pinto.

A guarnição do navio é constituída por 36 oficiais, 94 guardas-marinhas e 306 sargentos e praças. Permanecerá em Lisboa até quarta-feira.

ATRASOS DE UMA HORA NA «LINHA» DE CASCAIS

Milhares de pessoas voltaram hoje a ser prejudicadas por atrasos dos comboios na linha de Cascais. Com efeito, pouco depois das 8 horas da manhã (em período, portanto, de «ponta») todas as composições ficaram paradas na via férrea, sem energia eléctrica para prosseguirem a marcha.

Só às 8 e 46 minutos o andamento foi restabelecido. Mas, mesmo assim, em marcha extremamente demorada (56 minutos de Oeiras a Lisboa...) com paragem em todas as estações intermediárias e — lògicamente — com milhares de pessoas a barafustarem por não obterem lugar nas composições.

Segundo um informador da Sociedade Estoril, registou-se uma avaria eléctrica.

Os horários normalizaram-se a partir das 10 e 30.

GARRINCHA PROPAGANDISTA

RIO DE JANEIRO, 24. — (A. N. I.) — Garrincha vai ser propagandista de café no Brasil.

O Instituto Brasileiro do Café anunciou que o antigo extremo-direito do Botafogo e da selecção brasileira de futebol, Manuel dos Santos «Garrincha», tinha sido contratado para o «stand» do Instituto nas feiras internacionais.

DR. MÁRIO MURTEIRA

O doutoramento de Mário Murteira

Terminou hoje as suas provas de doutoramento pelo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras o dr. Mário Luís da Silva Murteira, cuja tese hoje foi discutida, sendo arguentes os profs. Jacinto Nunes e Duarte Pereira.

O juri foi presidido pelo vice-reitor da Universidade Técnica, prof. António Maria Godinho, a ele pertencendo todos os catedráticos em exercício do I. S. C. E. F., e ainda os profs. drs. Mosés Amzalak, João Faria Lapa, José Dias Marques, Francisco Pereira de Moura e Manuel Duarte Pereira.

O juri deliberou aprovar o doutor Mário Murteira com a classificação de 17 valores.

ãopoi

O ATENTADO À SEDE DA FRELIMO

(Continuação da 1.ª página)

guesa que luta pela autodeterminação de Moçambique.

A explosão ocorreu cerca das 11 e 30 (T.M.G.) quando os escritórios da Frelimo estavam quase desertos, visto ser a hora do almoço.

O mensageiro foi hospitalizado, anunciando-se ser crítica a sua situação.

Na altura da explosão a maior parte dos funcionários superiores da Frelimo, incluindo o vice-presidente Marcelino dos Santos — que na terça-feira regressou de uma visita a Roma — não se encontravam no edifício.

Um informador da Frelimo, Jorge de Rebelo, disse que o presidente, Samora Machel, está em Moçambique dirigindo operações militares contra os portugueses.

O informador Rebelo, com a camisa rasgada e o cabelo coberto de poeira e estuque, disse á Reuter pensar que a bomba foi deixada nos escritórios da Frelimo ontem de madrugada, afastando como definitiva a ideia de ter sido arremessada para dentro do edifício.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

PAVILHÃO DOS DESPORTOS DO PORTO
Sábado, 25 de Julho às 21,45 horas
M/6 anos
SENSACIONAL CORRIDA DE TOIROS
Organização do Distrital do Movimento Nacional Feminino do Porto
M. BATISTA ~ F. CUNHA
espadas
ANTOÑETE • CHIBANGA
FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
Toiros de Cabral Ascenção para a lide apeada
e da Peuânia de Santo Estevão para a lide a cavalo

SESIMBRA
VENDO
Moradia confortável. Preço acessível. Fac. pagamento entre Sesimbra, Arrábida e Azeitão. Quinta da Regueira, Aldeia da Piedade, Azeitão.

viagens apolo
FÉRIAS EM PALMA DE MAIORCA
15 DIAS INESQUECÍVEIS
3400$00 (incluindo avião ida e volta, hotel em pensão completa e transporte do aeroporto ao hotel e vice-versa)
A «EUROPEIA» informa que todas as viagens se encontram esgotadas, com excepção das que partem de Lisboa em 30 de Agosto e 13 de Setembro, para as quais ainda existem alguns lugares disponíveis.
8 OU 15 DIAS EM TORREMOLINOS — Também só restam alguns lugares para as partidas de 5, 12 e 19 de Setembro.
Reserve já o seu lugar na acreditada
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235—LISBOA-2—Tel. 53 61 21

Cortina — J. Mendes Coelho, Lda. — Escort
R. Alexandre Herculano, 6-A
Ford

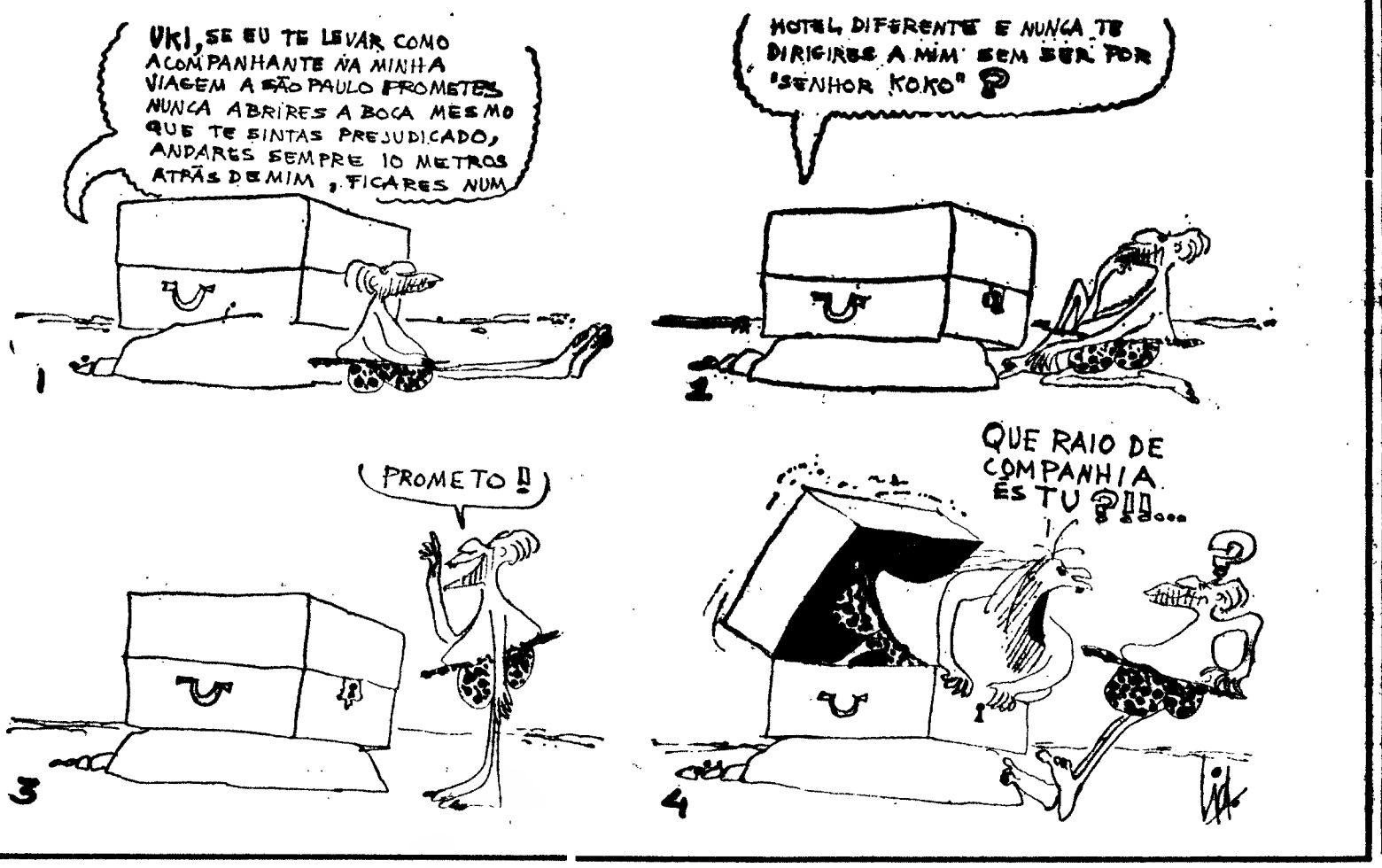
QUADRO COMPARATIVO DOS PRINCIPAIS ELEMENTOS DAS 13 CIDADES QUE OS PREMIADOS DE «FÉRIAS NO MUNDO» PODERÃO VISITAR

A fim de facilitarmos a escolha aos concorrentes de «Férias no Mundo», publicamos hoje, num só quadro, os elementos que temos vindo a fornecer aos nossos leitores no decorrer dos últimos dias.

2º caderno

Cidade	População	Língua	Moeda	Valor da moeda em escudos	Principais museus	Locais a visitar	Horas de voo	Monumentos mais conhecidos
NOVA YORK	Cerca de 9.000.000 habitantes	Inglês	Dólar	28$70	Museu de Arte Contemporanea. História Natural.	Empire State Building. Edifício da O. N. U. Harlem. Chinatown. Broadway. Coney Island.	5 h. 30	Estátua da Liberdade.
RIO DE JANEIRO	Cerca de 4.000.000 habitantes	Português	Cruzeiro	0$90	Museu Histórico. Museu da Quinta da Boavista. Museu de Arte Moderna	Pão de Açucar. Copacabana. Estádio do Maracanã.	8 h. 30	Cristo do Corcovado.
BUENOS AIRES	Cerca de 5.000.000 habitantes	Espanhol	Peso	$30	Museu Histórico-Natural. Museu Municipal L. F. Blanco.	Palácio do Congresso. Teatro Colon. Bairro de la Boca.	10 h. 35	Piramide de Maio.
BRUXELAS	Cerca de 1.200.000 habitantes	Flamengo e Francês	Franco belga	0$$6	Museu das Belas-Artes. Museu Curtius (de Pré-História).	La Grand Place. Universidade.	2 h. 45	Igreja de S. Miguel. Igreja de Santa Gudula. Camara (gótico flamejante).
PARIS	Cerca de 2.800.000 habitantes	Francês	Franco	5$30	Museu do Louvre. Museu do Homem. Museu de Arte Contemporanea.	Saint Germain-dés-Prés. Orly. Champs Elysées.	2 h. 10	Torre Eiffel. Notre Dame. Arco do Triunfo. Panthéon. Igreja de Madeleine.
AMSTERDÃO	Cerca de 900.000 habitantes	Holandês	Florim	3$05	Rijksmuseum (colecção Rembrandt).	A foz do Amstel.	4 h. 00	Palácio da Rainha.
GENEBRA	Cerca de 280.000 habitantes	Francês, Alemão e Italiano	Franco suiço	0$85	Museu Histórico da Reforma. Museu Jean-Jacques Rousseau. Museu de História Natural.	Lago de Genebra. Alpes.	2 h. 20	Catedral de S. Pedro.
MADRID	Cerca de 3.500.000 habitantes	Espanhol	Peseta	$45	Museu do Prado. Museu de Arte Moderna. Museu Arqueológico Nacional.	Praça Monumental. Parque do Retiro.	1 h.	Palácio de Inverno. Escurial. Academia de S. Fernando.
COPENHAGUE	Cerca de 1.300.000 habitantes	Dinamarquês	Coroa	2$95	Museu Nacional. Museu Real Dinamarquês. Galeria Nacional de Arte.	Teatro Real Dinamarquês. Fábricas Reais de Ceramica. Jardins Tivoli «A Pequena Sereia».	4 h. 50	Castelo de Christiansborg.
FRANCFORTE	Cerca de 676.000 habitantes	Alemão	Marco	3$05	Museu de Arte Popular. Instituto Municipal de Pintura «Goethemuseum».	Feiras Industriais. Jardim Zoológico.	2 h. 45	Catedral Gótica.
LONDRES	Cerca de 10.000.000 habitantes	Inglês	Libra	70$00	British Museum. National Gallery. National Portrait Gallery. Tate Gallery. Victoria and Albert Museum.	Hyde Park. Buckingham's Palace. Picadilly Circus.	2 h. 10	Big Ben. Tower Bridge. Nelson's Column. Tower of London.
SALISBÚRIA	Cerca de 500.000 habitantes	Inglês	Libra rodesiana	60$00	Museu Moderno. Galeria Nacional da Rodésia.	Parque Nacional Robert McIlwaine. Parque Nacional Ewanrigg.	13 h.	Tumulo de Cecil Rodes, na «Vista do Mundo».
JOANESBURGO	Cerca de 2.000.000 habitantes	Afrikaans e Inglês	Rand	38$00	Museu Rodoviário.	«Charlton Center».	15 h. 30	The Mine Worker's Monument. O Monumento aos Mortos da 1.ª Guerra Mundial. Cenotaph.

koko



AINDA NÃO FORAM APANHADOS OS ASSALTANTES DA CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE SETÚBAL

SETUBAL, 24. — Até o princípio da tarde não tinham ainda sido apanhados os autores do assalto á Conservatória do Registo Civil desta cidade. Os autores da proeza entraram no interior daquela repartição por arrombamento da porta principal da entrada.

As secretárias apareceram revolvidas e abertas algumas gavetas, de onde os gatunos levaram dinheiro e muitos documentos. Os assaltantes destruíram várias molduras com retratos ali colocados.

Entretanto, a secção de Justiça da P. S. P. continua a investigações tendentes á descoberta dos autores do assalto, para o que conta já com elementos considerados importantes.

PARA LARES FELIZES

A HOOVER APRESENTA UMA EXCEPCIONAL GAMA DE MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA AUTOMÁTICAS, CONCEBIDAS PARA RESOLVER TODOS OS SEUS PROBLEMAS DE LAVAGEM DE ROUPA. TODOS! DESDE A MAIS DELICADA ROUPA INTERIOR AO MAIS PESADO COBERTOR. A MÁQUINA HOOVER LAVA TUDO... SEM PERIGO... SUAVE... EFICIENTE E AUTOMÀTICAMENTE. MAIS TEMPO PARA DEDICAR À SUA CASA E SUA FAMÍLIA.
CONSULTE UM REVENDEDOR OFICIAL HOOVER QUE A AJUDARÁ A FAZER A SUA ESCOLHA FINAL.

4 MODELOS DIFERENTES

A HOOVER RECOMENDA

MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS

HOOVER

LEOPOLD SHIROI, LDA.
LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

ora diga-nos...

— Gostava de acompanhar os corredores na volta?

Há muito doente do pedal que sonha acompanhar a Volta... de automóvel.

● — Sim — *disse o primeiro entrevistado, sr. Aires de Almeida, funcionário dos C. T. T.* — Gostava, se posse possível. Temos o serviço para entregar, não pode ser conforme os nossos desejos.

— *Qual é a sua equipa preferida?*

— É o Benfica.

— *E o corredor?*

— Isso não sei, não ando a par disso.

● *O paquete Carlos Alberto Miguel, de 15 anos, respondeu:*

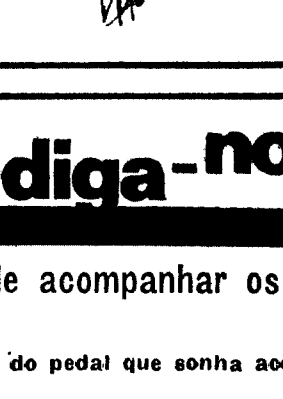
— Gostava, porque também tenho uma bicicleta. É muito pesada, mas eu ás vezes faço corridas com os meus colegas.

Querias ser corredor, não?

— Para fazer carreira não gostava de ser corredor, mas por desporto gosto.

— *Quem pensa que vai ganhar a Volta?*

— A minha opinião ainda não está definida. A gente pensa que vai ser uma pessoa e depois é outra, mas gostava que ganhasse o João Roque ou Fernando Mendes.



● *É diferente da dos anteriores entrevistados a opinião do estudante Orlando César Antunes Gonçalves:*

— Não, não gostava, não aprecio, não me despertam grande interesse competições desse género, que se resumem apenas a um tipo de competição em que há muitos interesses financeiros. Não é desporto.

— *Não segue a Volta pelos jornais?*

— Não sigo, não sei nada do que se passa, não conheço quem corre.

Mais portugueses no Congresso Mundial de Cardiologia

Assinada pelo sr. dr. E. Macieira-Coelho, recebemos uma carta do seguinte teor:

«O «Diário de Lisboa» de dezassete do corrente, ao informar sobre a participação portuguesa no Congresso Mundial de Cardiologia, certamente, por lapso, não deu uma notícia completa.

Saído do Centro de Estudos de Cardiologia do Instituto de Alta Cultura, que funciona no Serviço de Cardiologia do Hospital de Santa Maria, vai ser lido nesse congresso um trabalho intitulado «Intracardiac Phonocardiographic Study of the Pulmonary Diastolic Sound», assinado por mim e pelo dr. Luís Lima Faleiro.

Desta forma, são duas pelo menos as comunicações apresentadas por médicos portugueses».

Recordamos, entretanto que, dois dias após a publicação daquela notícia, reproduzimos uma carta do sr prof. dr. Fernando de Pádua na qual, entre outras rectificações, eram referidas «*outras comunicações portuguesas que foram aceites para publicação, mas não temos informação de quais serão lidas*».

DESPORTO

Os italianos na Taça dos Campeões

CAGLIARI, O CLUBE DE RIVA É TAMBÉM O CLUBE DE AGA KHAN

• Cerca de noventa e três mil contos, foi a última oferta do multimilionário ao clube da Sardenha

No próximo mês de Setembro vão realizar-se os primeiros jogos de novas edições das provas europeias de futebol entre clubes. A competição mais importante é, sem dúvida, a «Taça dos Campeões», em que participa a equipa do Sporting, em representação do futebol português. O jogo principal da primeira eliminatória é o que opõe os campeões da França (St. Etienne) e Itália (Cagliari), pois trata-se de duas equipas com fundadas esperanças de atingirem a vitória final. Apresentamos hoje um pouco da história e da vida do actual campeão italiano.

O U. S. Cagliari foi fundado em 1918, por influência dos marinheiros ingleses que chegaram àquele porto da Sardenha. Em 1920 havia em Cagliari dois clubes: o F. C. Cagliari e o Clube Sportivo Cagliari. Através de uma fusão surgiu o novo clube que a partir de 1931 tomou a designação de Unione Sportiva Cagliari.

Desde 1934 o clube actuou na terceira divisão, mas depois da guerra, com a nova organização dada á segunda divisão, o U. S. Cagliari saltitou entre segunda e a terceira. Na época 1961-62 subiu, mais uma vez á segunda divisão e dois anos mais tarde, em 1963-64 entrou pela primeira vez na divisão principal. Ninguém no «mundo do calcio» acreditou que o clube sardo fizesse melhor que o Palermo, o Catano, o Veneza, o Pro Patria, o Pisa e o Mântua, clubes que após uma, duas épovas na nata do futebol «azzurri» desapareciam no pego da segunda divisão.

A permanência

O U. S. Cagliari, porém, aguentou-se. Em 1964-65 classificou-se em sétimo lugar sendo o «maior» dos «pequenos», logo a seguir aos «grandes» Inter, Milan, Torino, Fiorentina, Juventus e Bolonha. Na época seguinte classificou-se em 11.º lugar e em 1966-67 ficou no sexto posto, á frente de clubes como A. C. Torino, A. C. Milão, A. S. Roma. As preocupações de descida de divisão desapareceram e, desde essa época, nunca mais nenhuma equipa visitante saiu vitoriosa do Estádio Amsicora. Só esta época, a nona do Cagliari na primeira divisão, conseguiu o Roma quebrar essa tradição, com um triunfo por 1-2.

Na época 1968-69, o Cagliari começou com o seu grande jogador Luigi Riva, actualmente com 25 anos, em grande forma.

Riva fora adquirido ao Legano, da terceira divisão, quando tinha 19 anos, em 1963. Desde há muito que ganhou o título de «o melhor marcador do futebol italiano». Na sua primeira época na primeira divisão marcou 9 golos e nas seguintes 11, 18 e 13. Os 18 golos valeram-lhe a coroa do melhor marcador.

Manglio Scopino, o treinador-filósofo

Se Riva é a «estrela» mais brilhante do «onze» da Sardenha, o seu treinador, Manglio Scopino, é uma personalidade especial e a compreensão que possui dos seus «ragazzi» é o segredo de muitos triunfos. Conhecido pela alcunha de «O Filósofo» Scopino é o melhor psicólogo do futebol italiano que torna os jogadores sardos, conhecidos pela alcunha de «Os Maus», uns inocentes «cordeirinhos». É além disso, um táctico excelente, com uma inteligente visão do jogo que estuda e aplica uma táctica a cada adversário. Scopino tem, também, um «golpe de vista» especial para descobrir talentos.

A caminho do título

Em 1968 foi buscar Albertosi e Brugnera ao Fiorentina. Em 1969 deixou Boninsegna para o Inter, (porque a sua coexistência com Riva era impossível). Em troca recebeu, porém, Domenghini Gori e uns milhões de liras. O brasileiro Nené, que no Juventus pareceia «queimado» foi aproveitado por Scopino com êxito no Cagliari.

Com estes homens e com os que tinha, construiu Scopino o «onze» que em 1968-69 ficou em segundo lugar no Campeonato Nacional italiano. Albertosi, a guarda-redes; Martiradonna, Longoni, Longo, Niccolai, Cera, e Tomasini defesas. Um meio campo de boa categoria formado por Nené, Brugnera e Greatil. No ataque Riva, Boninsegna e o inglês Aitchens. Esta equipa foi, apenas, derrotada (por 4-0) pelo Inter em Milão e fez uma época grandiosa ficando a um ponto da Fiorentina.

O título

Em 1969-70 Scopino, com a troca de Boninsegna por Domenghini e Gori, obteve a sua linha de ataque ideal para a conquista do título. Longo e Lingoni saíram do clube, mas adquiriu Mancin ao Florença de modo que a defesa manteve a sua segurança.

Riva marcou 20 golos e ganhou, mais uma vez, o título de melhor marcador do futebol italiano. O Cagliari marcou 42 golos, menos um que o Juventus mas com 11 golos sofridos em 30 jogos apresentava a melhor defesa dos últimos tempos.

Um novo estádio

Agora com as responsabilidades da representação na Taça dos Campeões Europeus, o U. S. Cagliari, com sede numa cidade de 160 mil habitantes tem de modificar o seu Estádio de Amsicora que tem, apenas, 30 mil lugares.

A municipalidade de Cagliari financiou metade da construção de um estádio de 70 mil lugares, que o Cagliari apresentará na nova época. Karim Aga Khan, que é proprietário de quase metade da Sardenha, ofereceu ao clube um auxílio de 12 milhões de marcos, isto é, cerca de 93 mil contos.

Como o clube tem sabido escolher jogadores não tem feito aquisições especulativas, capazes de lhe desequilibrar as finanças, a sua situação é sólida. Na próxima época, com a Taça dos Campeões, o secretário Anica espera fazer, no novo estádio, receitas de 100 milhões de liras, cerca de mil contos por jogo.

ISTO DE TRANSFERÊNCIAS PELA PORTA DO CAVALO...

• BONNEL — SEIS MESES DE SUSPENSÃO

O internacional francês Joseph Bonnel, que era jogador do Olympique de Marselha, acaba de ser punido com seis meses de suspensão, por, em Dezembro do ano passado, ter assinado um contrato com o A. C. Mónaco sem que o seu clube nem a Liga dos Clubes Profissionais Franceses houvessem tido conhecimento.

O contrato foi considerado nulo e o Mónaco teve de pagar uma multa em dinheiro, no valor de 11 000 francos (cerca de 61 700$).

No entanto, cumprido o castigo e paga a multa, Bonnel ficará oficialmente transferido para o «onze» do Principado e poderá jogar pelos monegascos no princípio do próximo ano.

NO F. C. PORTO

Hernâni e Ivo de Araújo renunciaram

O caso, que já vinha a adivinhar-se desde há algum tempo, teve ontem resolução: Hernani da Silva e Ivo de Araujo renunciaram, ontem á noite, aos seus cargos de chefia no departamento de futebol do F. C. Porto, que passou a ser comandado pelo presidente da direcção Afonso Pinto de Magalhães.

A renuncia de Hernani e de Ivo de Araujo, embora absolutamente voluntária, resulta das críticas que lhe têm vindo a ser feitas por determinado sector da massa associativa, naturalmente descontente pela má carreira da equipa «portista» durante a ultima época.

O Belenenses prepara-se para a nova época de futebol

Esta tarde, pelas 19 horas, o técnico Joaquim Meirim é oficialmente apresentado aos dirigentes do clube.

A cerimónia que será publica, realiza-se na secretaria do Belenenses e constituirá o primeiro acto oficial de Meirim no clube do Restelo.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS
R. DA ESCOLA POLITÉCNICA, 259
VENDAS - SERVIÇO - PEÇAS

COLUNA: UM ÍDOLO QUE É JÁ SAUDADE...

por COSTA PEREIRA

A confirmar-se a «viagem» de Mário Coluna para LYON, perde o futebol português a presença de uma das suas maiores glórias. O afastamento de Coluna dos quadros do Benfica tem criado controvérsias de vária ordem. Realmente, um jogador como é Mário Coluna, dificilmente aceita o «abandono» da modalidade em que foi «rei». Nós temos a experiência disso e sabemos quanto é difícil aceitar tal decisão. No entanto, Coluna, não é um «velho» — e acreditamos que ainda pode ser útil ao futebol francês. A sua excepcional categoria aliada a uma experiência invulgar, fazem dele uma saudade irremediável que já é lactente no futebol português. Lembramos por exemplo, José Águas, que ao deixar o Benfica ingressou no futebol austriaco, onde durante uma época confirmou as suas extraordinárias qualidades de jogador de futebol. Desta maneira, parece que para os estrangeiros a idade não conta, mas, em contrapartida, para os responsáveis do nosso futebol, a idade está a ser considerada como factor da maior importância, subestimando-se condições físico-técnicas que são uma realidade nestes atletas. Por isso, a confirmar-se o triunfo de Mário Coluna no futebol francês, não nos admiramos que haja muito boa gente a lamentar-se da ausência do maior jogador de futebol português de todos os tempos!

BOXE

SPORTING E RIO DE JANEIRO DISPUTAM A TAÇA ALFREDO R. AMARAL

O Sporting Clube de Portugal e o Lisboa Clube Rio de Janeiro, verdadeiros baluartes do nosso pugilismo decidiram organizar a disputa da taça Alfredo Ramos do Amaral em homenagem a esse dedicado trabalhador do pugilismo.

A iniciativa partiu do Sporting e a ela logo aderiu o Rio de Janeiro, sempre interessado nas manifestações pugilísticas.

A sessão será efectuada amanhã, no ringue de patinagem do Clube Atlético e Recreativo do Bairro da Encarnação.

A taça será disputada num só encontro e será pertença do clube que maior número de vitórias obtiver.

HOJE, Á NOITE

HOQUEI EM PATINS — Campeonato de Lisboa da II Divisão: Vila-Franquense-Algés, Amadora-Belenenses, Azeitonense-Cinema Tejo e Queluz-Sporting de Torres, ás 22, nos ringues dos primeiros.

— Campeonato de Lisboa da I Divisão: Paço de Arcos-Sporting, Benfica-Cascais, Sintra-Salesiana, C. Ouriquense-Parede e Oeiras-C. U. F., nos ringues dos primeiros, ás 21 e 15 (reserva) e ás 22 e 15 (honra).

NATAÇÃO — Posse dos novos dirigentes da Associação de Lisboa, ás 19.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

ATLETISMO

CAMPO DA FNAT

Sábado — 25 e Domingo — 26
às 17 horas

CAMPEONATO NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

(SPORTING-BENFICA)

e

CAMPEONATO REGIONAL FEMININO

(AAL)

EXPOSIÇÃO DE LIVROS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

GUARDA, 21 — Encerra amanhã a exposição de livros de Educação Física e Desportos que, por iniciativa do Centro de Documentação e Informação do Fundo de Fomento do Desporto, esteve patente ao público, nesta cidade.

A exposição, que esteve já patente ao público de Lisboa, Coimbra, Porto e Aveiro, será levada a outras cidades.

AUTOMOBILISMO

III Grande Prova de Perícia Automóvel em Besteiros

A Comissão das Festas de Setembro de Campo de Besteiros, promove no próximo domingo, a III Grande Prova de Perícia Automóvel, que se disputará no Campo de jogos do Besteiros Futebol Clube.

Como habitualmente os lucros destinam-se a fins de beneficência.

São disputados valiosos prémios entre os quais 12 libras em ouro e mais de 60 taças.

LISBOA DIA E NOITE

TRIO ODEMIRA

3 + 1 (como os «Mosqueteiros»)

Eles constituem o mais internacional de todos os conjuntos vocais portugueses, com longas permanências nos maiores palcos internacionais e digressões por quase todo o mundo. Os «Dois de Odemira» (Carlos e Julio Costa) formaram mais tarde o trio e eis que, agora, como acontecia com os três mosqueteiros, ao trio vai juntar-se mais um elemento. Efectivamente, Carlos e Julio decidiram revelar reportório e evidenciar novas possibilidades do conjunto num programa de TV a gravar no próximo dia 30 e a transmitir oportunamente, onde vão apresentar canções portuguesas e internacionais que interpretam já no «Timpanas» de que Carlos e Julio são proprietários e (naturalmente) «cabeças de cartaz» do seu elenco artístico.

TERESA TAROUCA

TERESA TAROUCA

ESTILO DIFERENTE

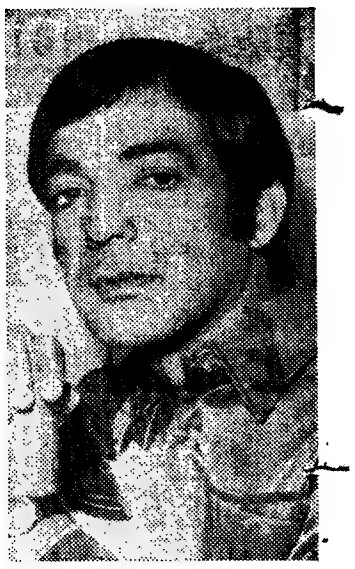
Teresa Tarouca revela um estilo diferente no novo disco que a «Telectra» porá á venda este mês e inclui quatro composições do dr. Armando Estrela: «Zé Sapateiro», «Rosas Brancas do Mar», «Até parece mentira» e «Vadio, Vadio», com acompanhamentos do conjunto de guitarras de Raul Nery.

Pode ainda revelar-se que em Setembro será lançado o primeiro «LP» de Teresa Tarouca, editado pela R. C. A., onde foram registadas interpretações de fados e melodias regionais. O disco será apresentado no decorrer de um «porto de honra» que aquela gravadora oferecerá aos órgãos da Informação.

FUTEBOL E VARIEDADES

No próximo domingo, em Valtravessos, realizar-se-á ás 12 horas, um jogo amigável de futebol entre a equipa local e um conjunto da Damaia.

À tarde, seguir-se-á um programa de variedades no qual intervêm alguns conhecidos artistas.



NILTON CÉSAR

NILTON CÉSAR

ESPECTÁCULOS EM PORTUGAL

Nilton César vê bem encaminhadas as negociações para se deslocar a Portugal, com o fim de efectuar alguns espectáculos e programas de TV. Com dois discos «45» editados entre nós pela «Telectra», Nilton César acaba de alcançar o maior êxito comercial do ano corrente com a canção de Osmar Navarro «A namorada que sonhei». Em fins de Setembro outro disco será editado e nele incluído o grande êxito sul-americano «La nave del olvido» na versão brasileira com o título «Espera um pouco, um pouquinho mais». Nilton César prefere as canções românticas. É evidente.

MARUJA GARRIDO EM LISBOA?

É possível que Maruja Garrido venha a realizar uma curta série de actuações em Lisboa. O público português terá, assim, oportunidade de apreciar a intérprete revolucionária do estilo flamengo que há cinco anos ininterruptos está a exibir-se em «Los Tarantos» de Barcelona e é atracção máxima do jantar de gala em que são entregues os troféus «Ondas» (as mais altas distinções com que são premiados trabalhos de profissionais da Rádio e da Televisão de todo o mundo). Maruja Garrido «transporta» para flamengo os últimos êxitos internacionais com um estilo profundamente característico que a faz ser já uma das artistas mais bem pagas de toda a Espanha.

MARUJA GARRIDO

* aceite o nosso CONVITE *

DIVIRTA-SE SEM GASTAR DINHEIRO

Pode jantar num restaurante típico ou divertir-se numa «boite», ouvir o fado ou dançar sem ser preciso gastar dinheiro.

Basta coleccionar os cupões que publicamos de segunda a sábado, juntar-lhes o boletim de identificação (que publicamos também ao sábado e deve ser preenchido com letra bem legível), remetendo-os para os nossos serviços administrativos: Rua Castilho, 185-1.º — Concurso «Lisboa, Dia e Noite».

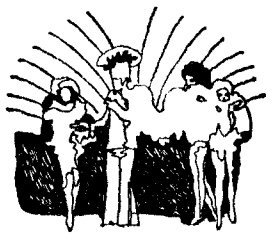
Assim, ficará habilitado ao sorteio semanal que lhe permitirá jantar ou divertir-se nos melhores restaurantes típicos e «boites» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol.

O prémio é extensivo a um acompanhante á escolha do concorrente, (parente ou amigo) que passará também uma noite alegre, sem gastar dinheiro.

10.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 24 de Julho de 1970



O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA: RESTAURANTES TÍPICOS

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Bessa, Tina Ferreira, Nazaré Maria, João Quelrós, José Vilela e o «Trio Melodia». Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva * Cons. mínimo 400$00 * Rua do Norte, 91 * Telefs. 30095-328713 * Encerra á segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Celeste Maria, João Canal e José Teixeira. Tocam: Alfredo Alves e Amadeu Raml * Encerra aos domingos * Cons. mín. 40$00 * Rua da Adiça 9 * Telef. 86345.

O FORCADO

cantam António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Dina Cardoso Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva * Cons. mín. 40$00 * Rua da Rosa, 219 * Telef. 368579.

A KAVERNA

cantam: «Os 3 de Portugal», Filipe Duarte, Tina Santos e Zélia Lopes. Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho * Cons. mín. 90$00 * Travessa dos Fiéis de Deus, 37 * Telef. 35593.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Cecília de Jesus, Armando Miranda, Selma Fernandes. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» Tocam: António Bessa e Fernando Reis * Cons. mín. 50$00 * Rua da Barroca, 133 * Telfs. 369760 e 30532 * Encerra ás Terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Lourindo Gonçalves. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias * Cons. mín. 30$00 * Rua das Trinas, 67 * Telef. 669857 * Encerra ao domingo.

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Lourindo Gonçalves, José Barros, Maria de Fátima e Henrique Manuel. Tocam: António Valentim e Joaquim Pinto * Cons. mín. 40$00 * Travessa da Espera, 8 * Telefone 35464 * Encerra ás 5 da madrugada.

LUSO

cantam: Augusto Ermida, Fernando Pinto, Tristão da Silva, Plínio Sérgio, Glória e Vítor Duarte. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Conjunto folclórico dirigido por António Cunha * Travessa da Queimada, 10 * Tels. 328503-322889.

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Mariano Silva, Maria José Ramos, Fernanda Maurício. Tocam: João Alberto e Manuel Martins * Cons. mín. 50$00 * Travessa de S. Miguel, 22 * Alfama * Telefone 868552.

VIELA

cantam: Sérgio, Beatriz Ferreira, Alfredo Duarte Junior * Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale * Cons. mín. 50$00 * Rua dos Teixes, 14 * Telef. 327256.

TAVERNA DO EMBUÇADO

cantam: Teresa Silva Carvalho, Vicente da Câmara, João Ferreira Rosa, João Braga e António de Mello Gouveia * Encerra aos domingos * Consumo mín. 90$00 * Beco dos Cortumes, 10 * Telef. 860816.

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria da Fé, Argentino Santos, Júlio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos * Cons. mín. 40$00 * Beco do Espírito Santo, 1 * Telef 868209.

QUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Alice Maya, Carlos Zel, e Emília dos Santos. Tocam: António Parreira e José Inácio * Rua da Esperança, 174 * Telef. 661915 * Cons. mín. 50$00.

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Beatriz Fragoso e Julieta Maria. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa. * P. da Alegria, 58 * Telef. 367093 * Encerra á segunda-feira.

SOLAR DO MINHO

cantam. Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Tucha Mascarenhas, Rossano Lima, João Nunes, e Artur dos Santos Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses * Rua do Vigário, 60 * Telef. 866811.

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e «Os 3 de Portugal. Corpo de baile constituído por 19 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves. * Cons. mín. 120$00 * Taxas incluídas * Rua Nova da Trindade, 22-A * Telefs. 35007-323406 * Encerra ao domingo.

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, Acindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros * Cons. mín. 61$50 (taxas incl.). * Rua Gilberto Rola, 24 * Telefones 676655 - 67341.

A SEVERA

cantam: Florindo Maria Cândido Ramos, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» * Cons. mín. 50$00 * Rua das Gáveas, 57 * Telef. 34006 * Encerra á quinta-feira.

TODOS OS RESTAURANTES TÍPICOS ENCERRAM ÀS 3.30 HORAS DA MADRUGADA

RESTAURANTES, BARES — «BOÏTES» E «DANCINGS»

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo reportório * Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * Rua Carlos Reis, 53-A * Telef 775695.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades internacionais * Telefs.: 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946.

FORTE VELHO

Paço * S. João do Estoril * Telef 261337

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant.º Augusto de Aguiar, 8-A Telef. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto Encerrado aos domingos.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D * T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 * Reacção e Mexicano * «Show» turístico * Variedades internacionais * Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.

ARCHOTE-CLUB

Discos * Rua D. Filipa de Vilhena,

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef 530171

ENCERRAM ÀS 5 HORAS DA MADRUGADA

BONAPART CLUBE

Música de discos * R. de S. Miguel, 70 (Alfama) * Tel. 872761. 6-D * Telef. 49960

FLOR DE LIZ

Bar * Consumo mín. 30$00 * Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) * Telef. 367136 * Encerra ás 2 horas.

TÁGIDE

Conjuntos José Pedro * Variedades, com Tony de Matos, Maria José Valério, José Manuel, Alice Maya e conjunto de folclore «Pelezas de Portugal» * Largo da Biblioteca, 18-22 * Aberto ao domingo.

SNOB

Rua do «O Século», 178 * Telef. 33723

TAMILA

Mourão e s/ Conjunto Avenida Duque de Loulé, 69 — Telef. 534117 * Matinées todos os dias * Encerra aos domingos.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 * Campo Grande * Telef. 790177 * Encerra ás 3,30.

BAIUCA

R. da Barroca, 86 * Telef. 34700

LORD

Rua Victor Cordon, 14-A * Telef. * 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro * SINTRA * Telef. 981661.

Encerra á meia-noite.

TV MUNDO:

«Show» de Senta Berger

Pelas 20 e 30 e durante cerca de uma hora é apresentada uma edição da apreciada rubrica «TV Mundo», desta vez preenchida com o «show» da conhecida «estrela» de cinema Senta Berger, de origem austríaca. O programa, além de aspectos da carreira da titular, inclui também excelentes numeros musicais com artistas e conjuntos de renome, entre os quais o apreciado «5.ª Dimensão».

A bela Senta Berger hoje em «TV Mundo»

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

EUROVISÃO-BEETHOVEN

No prosseguimento da apresentação das sinfonias de Beethoven — série realizada especialmente para a Eurovisão — a R T P transmite, cerca das 23 horas, a 5.ª Sinfonia em Dó Menos, pela magnífica orquestra New Philarmonia, Klemperar, durante um concerto efectuado no Royal Festival Hall.

A 5.ª Sinfonia em dó menor foi ouvida pela primeira vez, num concerto que Beethoven organizou e dirigiu no Teatro Am der Wien, em Dezembro de 1808.

Nesta obra, também Beethoven aliou á estrutura da sinfonia, fazendo uma ligação dramática de Scherzo ao finale — uma marcha triunfante no modo maior, em que os tambores aparecem pela primeira vez numa das suas sinfonias.

TELENOTÍCIA

No prosseguimento da apresentação do ciclo «Encontro com Hollywood», é transmitido no próximo dia 4 de Agosto o filme «A Mulher Absoluta» («Pat and Mike»), com Spencer Tracy, Katharine Hepburn e Aldo Rey.

Trata-se de uma comédia em que Spencer Tracy desempenha o papel de um importante promotor de manifestações desportivas, e Katharine Hepburn de jogadora de golfe.

AMANHÃ À HORA DO ALMOÇO

«JÚLIA»: NOVA SÉRIE

Amanhã, cerca das 13 e 15, a RTP inicia a apresentação de uma nova série. Intitula-se «Julia» e é produzida pela 20TH Century-Fox Television's, sendo seu realizador Hal Kauter.

Dialann Carroll, excelente actriz de cor, é a principal intérprete desempenhando o papel de uma enfermeira viuva.

TV JUVENIL:

OS HOMENS, OS LIVROS E AS COISAS

No programa «TV Juvenil», coordenado por Maria do Sameiro Souto e que a R. T. P. transmite pelas 19 horas, está incluída a rubrica «Os Homens, os Livros e as Coisas», pelo dr. Joaquim Manuel Magalhães, que prosseguirá falando sobre a obra e a figura de Fernando Pessoa. Este estudo culminará com a representação de «O Marinheiro», no dia 7 do próximo mês, cerca das 19 e 45 horas.

II PROGRAMA

Noite de cinema:

«Milionário sem vintém»

Do realizador inglês Ronald Neame, a RTP vai transmitir, a partir das 22 horas, na rubrica «Noite de Cinema» o filme «Milionário Sem Vintém» («The Million Pound Note») — já apresentado na rede nacional em 22 de Maio de 1968.

A interpretação é de Gregory Peck, Jane Griffiths e Ronald Squire.

SÉRIE DO OESTE:

«SHANE»

Se no primeiro periodo de emissão de hoje, se assinalou a estreia da nova série «Casamento de conveniência», o mesmo acontece esta noite, ás 22 horas, com a apresentação de outra nova série, esta do Oeste: «Shane», é o seu titulo e vem recordar o de um filme famoso também sobre o Oeste.

O episódio de hoje intitula-se «Assassino no Vale» (Killer in the Vallee) e é interpretado por David Carradine, Jiel Treland, Tom Thlly e Chries Shea. Realização de Don McDougall.

«Marian é contagiada quando prestava assistência a um moribundo atacado de febres...»

AMANHÃ — I Programa — 1.º Período — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Filme de série «Julia»; 13 e 45: Telejornal; 14: Dó Lá Si; 14 e 25: «A Batalha de Inglaterra»; 15 e 15: Fecho. 2.º Período — Às 18: Reabertura e TV Infantil; 18 e 30: Teledesporto; 19: Folclore — Porto; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: ...E a vida continua...; 20: Série juvenil (Skyppy»); 20 e 30: TV 7 — Revista dos acontecimentos da semana; 21: Frente a frente — com o actor Varela Silva; 21 e 30: Telejornal; 22: «Os Cavaleiros do Céu; 22 e 30 Tele-Ritmo; 23 e 30: Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 45: Marcha do Mundo; 23 e 55: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: TV 7 — Revista da semana; 22 e 30: Elsa 70 — com Elsa Soares e a sua orquestra; 28 e 45: Fecho.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: A Orquestra Típica de Castelo Branco; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Portugal nos Trópicos, por Mário Príncipe; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 39: 8.º Episódio do Folhetim «O canto da terra»; 21: Jornal da viagem do Chefe do Estado a S. Tomé e Príncipe; 21 e 05: Canconetas portuguesas; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, por António João Bispo; 22 e 30: Fados, por Maria Margarida e Filipe Duarte; 22 e 50: Musica, só musica; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16: Folclore no mundo; 16 e 25: Curiosidades musicais; 17 e 10: Musica de câmara; 18: Musica portuguesa, de Fernando Correia de Oliveira; 18 e 38: Sinfonia N.º 2, de Clermont Pépin — Orquestra «Les Petites Symphonies»; da Rádio do Canadá, sob a direcção de Roland Leduc; 19: O Canto e os seus Intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 19 e 45: O violoncelista Mstislav Rostropovitch, piano Benjamin Britten; — Peças ao sabor popular, de Schuman; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O pianista Victor Merzhanov — Quatro Estudos (Scriabine); 20 e 30: Musica de câmara; 21: Musica sinfónica; 22: Teatro do Século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa «O Castelo da Galinha», de Luigi Marchioni, 22 e 48: Londa

(Continua na página seguinte)

canal da crítica

TURISMO, FRUSTRAÇÕES E PEGAS DE CARA

Mais uma tourada no Campo Pequeno que, graças aos milhões de espectadores que lhe proporciona a RTP, se transformou em Campo Grande, no maior campo do País. A propósito, recordo-me das lúcidas palavras com que Alfonso de Navalón, crítico tauromáquico do diário «Informaciones», relacionou as novas tendências do toureio e a onda turística que avassala o seu país. «Os turistas — afirmou — aplaudem tudo e não exigem nada...»

A corrida de ontem é típica daquilo que Navalón condena: a união do toureio á portuguesa (a cavalo) com o toureio espanhol despojado da sua verdade, ou seja, da morte do touro. O seu conselho parece judicioso: mantenham o toureio á portuguesa, na sua pureza integral, e não mintam o toureio espanhol. Na realidade, este brincar com coisas sérias este brincar com o touro e simular a estocada, tem qualquer coisa da pudicícia das falsas donzelas. A crueldade reside mais no tipo de convívio que se mantém com

(Continua na página seguinte)

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

SE PRETENDE

COMPRAR UM ANDAR COM GARANTIA DE CONSTRUÇÃO, PRONTO A HABITAR, OU A DAR RENDIMENTO

TEMOS:

150-175 c. com 2 e 3 soalhadas na Rua Bastos Nunes, Lote 3-B em Queluz.

180 c. 4 boas soalhadas no Cacém, Praceta D. Nuno Álvares Pereira, Lote D-1.

250 c. — 4 grandes soalhadas, 1 boa arrecadação e terraço, Av. Infante D. Henrique, Lote B — Rio de Mouro, frente á Estação.

280 c. — 3 grandes soalhadas, espaçosa cozinha numa imponente torre de 14 pisos — no Bairro Girassol, Lote 24 junto posto Polícia Trânsito de Benfica.

385 c. — 4 luxuosas soalhadas com 2 casas de banho num prédio de 9 pisos — Travessa dos Arneiros, Lote 6 — Benfica.

Para rendimento e já alugados temos andares desde 150 c. em Algés, Carnaxide, Sassoeiros, Oeiras, Paço de Arcos, Parede, Queluz e Damaia.

LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.

Mediador Oficial desde 1951
PRAÇA DA ALEGRIA, 58, 2.º SALA E — LISBOA
TELS. 326718/327803/328567

Contacto

H. NUNES

PUBLICIDADE
Telef. 847260

PRÉDIO

(Junto a Av. Almirante Reis)

Antigo, 12 inquilinos. Vende-se por 1.500 contos.

Trata o próprio. Resposta ao D. L. ao n.º 472.

ANDARES

Vendem-se

À Encosta do Restelo — os 2 unicos que restam em prédio de construção e acabamentos o que há de melhor, lindas vistas sobre o Tejo, 5 assoalhadas, 2 c. de banho, cozinha, c/ exaustores, caixilharia em alumínio, etc. Ver Av.ª Ilha da Madeira, lote 5.

A LUZAFRICA
Calçada do Carmo, 6-2.º
Telefs. 324524-368080

CASAS

para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/ escritórios onde temos sempre imos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 36259-34755

ANDARES

600 C.

Na Rua Padre Francisco Álvares, lote 4, junto ao Hospital Cruz Vermelha, em prédio sólido e esmeradamente construido, c/ 5 amplas div. ass., coz., 2 c. banho, desp., 2 sacadas.

TRATA EM EXCLUSIVO:

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45-3.º-Esq.º
Telefs. 36.74.44 - 32.31.72
LISBOA

PARA AS SUAS
FÉRIAS
leve um rádio transistor que toque aonde esteja. O melhor em captação, som e técnica é:

CONION

A venda em todos os bons estabelecimentos.

PRÉDIO
ALGÉS

Junto ao mercado e transportes, construção moderna, revestido a evinel, composto de 6 pisos, hab. 2 e 3 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall, todo alugado, rendas baixas.

Preço — 3.750 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de ha muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66

Brasão Real

RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
SNACK-BAR

ABRE HOJE AO PÚBLICO
AGUARDA A SUA VISITA

Av. da Igreja, 41-A-Lisboa

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre, sem consultar. Florindo M. Coelho — R. António Pedro, 40, cave. Tel. 44846.

Mercedes 200 D, gasóleo de 1967. 100.000$. Morris 850 de 65. 29.500$. Austin 850, de 63, 23.500$; Anglia Fascinante de 65, 29.500$; Austin 1100, 34.500$; Taunus 17 M, 15.000$; Anglia Fascinante de 65, util., 27.500$; Volkswagen, util., 23.500$. Tenho mais unidades. Trata: R. António Pedro, 40 c/v., Telef. 44846.

Contacto

H. NUNES

Telef. 847260
PUBLICIDADE

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1.
- 42890 — Táxis Universo, Lda.ª; — Av. República, 26
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda., — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B, fácio, 10-A.

FOTÓPTICA
Lusarte
Lentes — Armações e todo o recoltuário médico
R. do Arsenal, 170-172
LISBOA

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS

AV. ALMIRANTE REIS, 91-A · LISBOA

«ANTÍGONA»
NA ESTUFA FRIA

A distribuição gratuita de bilhetes para as representações, na Estufa Fria, de «Antígona», está a fazer-se desde ontem nos Restauradores, das 18 ás 20 horas, e á entrada daquele recinto a partir das 21 horas. A peça é uma glosa em três actos da tragédia de Sófocles, António Pedro. Com direcção de ensaios de Augusto de Figueiredo, que interpreta uma das personagens, entram no desempenho Madalena Sotto, Fernanda Figueiredo, Leonor Poeira, Graça Vitória, Luís Filipe, Andrade e Silva, António Machado, Henrique Viana, Ricardo Alberty, Octávio Borges, Alfredo Jorge, Duarte Nuno, Carlos Daniel e Eduardo Vilaverde.

REBOLEIRA
AMADORA

Não se trata de magia. É a realidade. Um facto concreto. Ao pé de Lisboa, a grande urbe, uma pequena cidade cresce ao lado doutra pequena cidade. Trata-se da Reboleira que inspirada no exemplo da Amadora, a mais populosa e progressiva freguesia de Portugal com os seus 130 mil habitantes, se desenvolve cada vez mais.

A Reboleira, com efeito, para além das suas condições climatéricas, diferentes de toda a zona, apresenta-se já como majestoso e moderno conjunto urbano através dos seus imponentes edifícios, parques de estacionamento convenientemente estudados, complexo desportivo em plena expansão, centros de instrução e de cultura, e centro comercial perfeitamente apetrechado com os seus jardins e as árvores em crescimento, a Reboleira proporciona um ambiente que as pessoas de todas as idades procuram para o que não são estranhos também dois factos: fáceis e rápidos acessos e os baixos preços que ali se praticam.

J. Pimenta, S. A. R. L., tem, na Reboleira, para venda e aluguer, em propriedade horizontal, habitações a preços verdadeiramente inacreditáveis: Apartamentos Mobilados, desde 130 contos, e andares, desde 250 contos, de 3 a 5 divisões assoalhadas.

Consulte, no seu próprio interesse, J. Pimenta, S. A. R. L., a maior organização do País na construção civil para venda de habitações, em propriedade horizontal: Lisboa — Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º, Telefs. 4 58 43 e 4 78 43; Queluz — Rua D. Maria I, n.º 30, Telefs. 95 20 21/22; e Reboleira — Amadora — Serviço Permanente, Telef. 243 35 11.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

o touro dentro da praça do que propriamente na morte dele

A emoção que os turistas e os indígenas esperam para afogar os seus problemas quotidianos e as suas frustrações, vai encontrar-se na pega dos touros com as frequentes idas e vindas dos forcados para a enfermaria. É uma alegria ver-se que, afinal de contas, há alguém sempre capaz de ir pra cabeça do touro.

Bem. A locução da corrida esteve desta vez a cargo de Carlos Cruz, em substituição de Fialho Gouveia. A estas horas ainda Carlos Cruz está a braços com o problema de determinar a cor do bufalo que saiu para Luis Miguel da Veiga. Na verdade, o comentário das touradas envolve questões transcendentes.

A realização foi de Vitor Manuel que ensaiou um curioso esquema de divisão do espaço. Vimo-lo fazer algumas «faenas» muito bem ligadas. Estou a lembrar-me daquela em que Luís Miguel muda de cavalo. A camara seguiu-o; viu-o desmontar e montar; acompanhou-o no regresso; assistiu á preparação do touro, ao cite, ao encontro á euforia do cavaleiro, ao aplauso da multidão. Trecho para uma antologia de reportagem feminina

Ensaiou igualmente a notícia sobre a assistência. Ensaiou apenas. O processo pode tomar maior amplitude. Em televisão, quem assiste ao espectáculo também é espectáculo. Pormenor curioso: uma espectadora explicava a outra aparentemente estrangeira, o mecanismo da recolha do touro, com utilização das «chocas». Processo, afinal, velho como o mundo.

MÁRIO CASTRIM

CONCURSO INTERNACIONAL L. V. BEETHOVEN DA COSTA DO SOL

No Pavilhão de Congressos do Estoril, vai realizar-se, de 1 a 7 de Setembro, o Concurso Internacional L. V. Beethoven, promovido pela Junta de Turismo da Costa do Sol.

O concurso é aberto a duos de violino e piano, constituídos por instrumentistas de todas as nacionalidades, nascidos depois de 31 de Dezembro de 1935.

Quaisquer informações podem ser pedidas á Junta de Turismo da Costa do Sol, no Estoril, com o telef. 260113.

†

José d'Avila Lavado

Missa do 7.º Dia

Sua família participa que amanhã, ás 20 horas, na Igreja de Laveiras, em Caxias, será rezada missa pelo seu eterno descanso.

Rádio

(Continuação da pág. anterior)

op. 17 para violino e orquestra (Wieneawski); 22 e 58: Fecho

Programa MF 2 — 94,3 mc/s. — Às 23: A ópera em três actos «A Princesa Ida» de Sullivan; 0 e 26: Fantasia em dó maior op. 17 (Schumann), piano: Wilhelm Kempff; 1: Fecho

Emissão Estereofónica — Às 21: Resumo do programa — Melodias pela orquestra de Paul Mauriat; 22: Sonata em dó maior, k 309, de Mozart, pelo pianista Ingrid Haebler; Poema Sinfónico «Assim falou Zarathustra», de Ricard Strauss, pela Orquestra Filarmónica de Berlim dirigida por Karl Bohm com o violinista Michael Schwalbé; 22 e 58: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Dois ritmos; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: 45 rotações; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 0 e 02: «P. B. X.»: 2: Contacto; 28 e 05: Grande roda; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 08: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô, 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestras; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensajeiro do Evangelho; 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—238,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioramo; 18: Brasil; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Transmissão da extracção da lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 15: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8, das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30; **Rádio Graça** — Das 12 ás 14 e 30.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legítimas estação de serviço e oficinas

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos

CARTAZ DOS CINEMAS

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
ESTREIA HOJE, às 21.30
Dana Andrews e **Jane Powell**
em
A ILHA DOS HOMENS SELVAGENS
(Technicolor)

As 15.15 (M. 12 anos)
Última exibição
COMO ROUBAR MILHÕES... SEM FAZER FORÇA

MATINÉS INFANTIS
Sábado e domingo às 18.15
(M. 6 anos)
Uma obra-prima inesquecível com a assinatura do génio dos desenhos animados
Walt Disney
A GATA BORRALHEIRA
(Technicolor)

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326365
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
GRANDE ÊXITO
O MELHOR E MAIS EMPOLGANTE FILME POLICIAL DA ÉPOCA!
A RATOEIRA
grande criação de **Henry Silva**, com **Beba Loncar** e **Keenan Wynn**
UMA CAÇADA DIABÓLICA!
Tecnicolor-Tecniscope

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Ele ama. Ele acaricia. Ele sofre. Ele luta. A sua arena é a vida!...
UM SONHO DE REIS
com **Anthony Quinn**

EDEN
(M. 6 anos) Tel. 320768
Hoje, às 15.15, 18.30 e 21.45
SE O MEU CARRO FALASSE...
Se não viu não deixe de ver! Se já viu torne a ver o carro que para ser gente só falta falar...

CASINO ESTORIL
As 21.30 h (M. 12 anos)
MISSÃO NO ÁRTICO
c/ Rock Hudson

Estreia de hoje—A ILHA DOS HOMENS SELVAGENS—Europa

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
O inconfundível **James Dean** na obra-prima de **Nicholas Ray**
FÚRIA DE VIVER
(Cinemascope-Warnercolor)
Um tema arrojado sobre a juventude inconformada
c/ **Natalie Wood** e **Ann Doran**

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
Às 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
O inconfundível **James Dean** na obra-prima de **Nicholas Ray**
A FÚRIA DE VIVER
(Cinemascope-Warnercolor)
Um tema arrojado sobre a juventude inconformada
c/ **Natalie Wood** e **Ann Doran**

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
A mais divertida comédia de Dino Risi!
Sophia Loren
e **Vittorio de Sica** em
PÃO, AMOR E...

ROYAL
(M. 17 anos) Tel. 365937
As 21.30
UM HOMEM EM LEILÃO
ANGELIQUE À CONQUISTA DA CORTE

AVIS
(Adultos) Tel. 47162
Às 15.30 e 21.45
Lutando contra todos e contra si mesmo, ele recebeu...
O SALÁRIO DO CRIME
com **Arturo Fernandez** e **Françoise Brion**

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45963
Às 21 horas
MARINHEIRO FANTASTICO
INTRIGA INTERNACIONAL

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite
Pela última vez exibido em Portugal por motivos contratuais
O MAIOR ÊXITO DE TODOS OS TEMPOS
66.ª SEMANA
MÚSICA NO CORAÇÃO
A preços normais deste cinema

ODEON
(Adultos) Tel. 326281
Às 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA TRIUNFAL
Uma maravilha de excepcional categoria de espectáculo
MULHERES, MÚSICA... E A NOITE
com o mais sensacional desfile de celebridades do Mundo e do music-hall
Tecnicolor — Totalescópio

VOX
Às 18.30 e 21.45 h. (Adultos)
4.ª SEMANA DE SENSAÇÃO!
Virna Lisi, George Segal e Akim Tamiroff, numa das mais divertidas comédias da época!
UMA «INGÉNUA» MUITO ESPECIAL...
Fotografia em
Tecnicolor e Techniscope
AR CONDICIONADO

ESTÚDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45 h.
A FANTASIA MUSICAL
O SUBMARINO AMARELO
com os «Beatles»
(COR DE LUXE)

LIZ
(M 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
MIL BOMBARDEIROS
O GRANDE MESTRE DO CRIME

LUMIAR
(Adultos) Tel. 795296
As 21
POPI
O REI DOS DOIDOS

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
O íntimo de 4 mulheres «talvez» iguais a tantas outras!
A VIDA ÍNTIMA DE 4 MULHERES
— Technicolor —
com **Jane Fonda**, **Claire Bloom** e **Shelley Winters**

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 55134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA
A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD
com **Jean Louis Trintignant** e **Françoise Fabian**

LIDO
As 21.30 (M. 12 anos)
Um maravilhoso filme como maravilhoso foi o livro de Júlio Verne
CAPITÃO MENO E A CIDADE SUBMARINA

RESTELO
As 21.30 h. (M. 17 anos)
Uma produção de excepcional categoria
JUSTINE
com **Anouk Aimée**

SÃO JORGE
(M. 12 anos) Tel. 54151
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Cielo «No Ritmo da Aventura»
SAM WHISKEY
com Burt Reynolds, Angie Dickinson e Clint Walker

CONDES
(Para todos) Tel. 522523
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
2.ª SEMANA
Especialmente para vocês, alegre e buliçosa pequenada. Maravilhosas e inesquecíveis
AS VIAGENS DE GULLIVER

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
2.ª SEMANA
As 18.30 e 21.45
Cary Grant e Audrey Hepburn e Walther Matthau
CHARADA
numa comédia feita com amor, «suspense» ironia e muito imprevisto
Outono em Paris, é o deslumbrante cenário em Technicolor
AR CONDICIONADO

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21
A RAPARIGA DO AUTO-STOP
HOTEL DA MALANDRICE

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Vítor ou as crianças no poder» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Pobre milionária» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).

CINEMAS
OLIMPIA — Às 14 e ás 19: «Chuka» (17 anos).
PARIS — Às 21: «O urso e o boneco» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «Nada de rosas para OSS 117» (17 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «LSD droga alucinante» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Acaba com eles e volta só» (12 anos).
JARDIM — Às 21:: «Fechem-nos a sete chaves» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21 e 15: «Não ames um desconhecido» (17 anos)
IDEAL — Às 21: «Onde está o Jack» (17 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «Os dias da ira» (12 anos).

● Linha de Cascais
PAREDE — ROYAL - CINE — Às 21: «Al Capone» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Missão no Ártico» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Duas semanas em Setembro» (17 anos)

● Outra Banda
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Um lugar para amar» e «O ultimo desafio» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 30: «O Marquês» e «Escola de Vagabundos» (12 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 45: «O voo fatal» (12 anos)

● Linha de Sintra
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «A flor do cacto» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Hércules e a Rainha» (12 anos)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno J
AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (638256) * Tapada, Lda., Calç da Tapada, 83-A (634721)
ALCANTARA — Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Antolin, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 88-B-C (44173) * Magalhães, Av Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479).
ALVALADE — Libia, Av da Igreja, 4-B-C (7 68) * Marbel, Av de Roma 81-A (776235) * Celta — Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (68 9 15).
AREEIRO — Lusitana, Av de Roma, 6-A (725443) * Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (710331).
ARROIOS — Fonseca — R. Carvalho Araujo, 46-B-C (841708)
AVENIDAS NOVAS — Providência, Rua D Filipa de Vilhena, 9-C (770324) * Sá da Bandeira, R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-546721) * Oliveira Viegas, R. Viriato, 29-A (48966-55360).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—Ziza, Pr. das Casas Novas, Lote 66 (310172)
BAIXA — Formosinho, P dos Restauradores, 18 (30927) * Normal, R. da Prata 220 (321342-325953).
BENFICA — Benfiluz, Est de Benfica, 44-A (782606) * Pegresso, Ld.ª, Estrada A-da-Mata, 64-C (702226) * Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-C (703697)
CAMPO DE OURIQUE — Lineida — Rua Ferreira Borges, 30 (660955) * Findor — Rua D Maria Pia, 514 (687949)
CAMPOLIDE — Renil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) * Zenel, R. A. 67, Barrio da Liberdade (65 8 40) * Nova, R de Campolide, 297-C (687475)
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308)
ESTEFANIA — Délio, Rua Açores, 32 (52388)
ESTRELA E LAPA — Neves, Suc., R. da Bela Vista, á Lapa, 37 (661251).
GRAÇA — Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361)
LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790332) * Douro, Ál. das Linhas de Torres, 93-A-B (791181).
OLIVAIS — Simão — R. Cidade de Cabinda, 16-A (310581).
PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).
PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280).
PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av Mouzinho de Albuquerque, 1-A (843571) * Europa, Av General Roçadas 27-A-B (Tel 843880)
PICHELEIRA — Mariuz, Calç do Pichelaria, 140-B-C (720703) e 728395)
PRINCIPE REAL — Gonçalves, Ld.ª, R da Rosa, 176-178 (362687)
REGO — Berne, Av de Berna, 44-A (773568)
SANTO AMARO — Botânica, R da Junqueira, 38-40 (638132)
S BENTO — Micael, R de S Bento, 380-382 (662162) * Açoreana, Largo do Conde Barão, 2 (661830).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. do Margem, 15-B (382470) * Cruz de Malta, L. do Chafariz de Dentro, 36 (866126) * Zeme, Rua General Justiniano Padrel (á Calçada dos Barbadinhos, 2 (832580).
SE — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (869831).
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (25 1284)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Miramar, R. Ernesto da da Silva, 81 (212048).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Aven. Patrão Lopes, 4 (2432039).
PAREDE — Grinche, Av. da Republica, 87-A (Tel. 2471204)
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, J. A., 15 (260116).
CASCAIS — Cerdeira, Av. Comb G Guerra, 40 (260170) * Nova, Est. de Alvide — Fontainhas (281044)

● Linha de Sintra
AMADORA—Melo—P. D. João I—Lote 146 — Bairro Janeiro (Tel. 932756) * Central — Av. Cardoso Lopes, 28 (Tel. 932210) * Igreja — P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740) * Jardim — Av. Conde de Oeiras, loja X-1, Reboleira (T. 938424).
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel 970523).
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950177) * Simões Lopes — Av Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).
CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 35 (Tel. 2940084).
MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 258 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA—Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Simões — R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832).
VENDA NOVA — Nova — Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 9339.0).
COLARES — Colares — Abrena (Tel 299088)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Gomaire, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (224250).
ALMADA — Galena, R. Capitão Leitão, 85 (Tel 2760565).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est Nacional, 22 (224'4)
BARREIRO — Higiénica, Rua D. Manuel I, 178 Tel 2273017).
COVA DA PIEDADE—Rainha Santa — Est das Barracas, 50-A (Tel 2760182).
MOITA — Silva Rocha — P. da Republica, 16 (Tel. 239029).
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008).
SESIMBRA — Leão, Av Salazar (Telef 229471).
SETUBAL — Oliveira, L. da Misericórdia (Tel. 22488).
SEIXAL — Seromenho, R. Paiva Coelho 38 (T 22 8560).

SERVIÇOS URGENTES
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Publica, 866141 * Judiciária, 535380 * Maritima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 96865.
TRANSPORTES—Aeroporto, 72011 * Caminhos de ferro (C. P.), 869029 * Caminhos - de - ferro (Estoril) 861121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima de Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638511.
BOMBEIROS — Sapadores, 32222.
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 36135 * Companhias Reunidas, 53701 * Gazcidla, 538821 * Gazcidla. Idem e feriados, 882069.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 86534 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, exigénio e soros, 77116 e 771169 * Transfusões, soro e exigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763450.

BOM APETITE

JANTE NA TARANTELA
EM AMBIENTE FAMILIAR
Largo D. Estefânia, 22
SALA NO 1.º ANDAR PARA LANCHES DE CASAMENTOS

RESTAURANTE TATU
Campo Grande, 80
Telef. 76 51 83
AMANHÃ
FEIJOADA À BRASILEIRA
DOMINGO
ARROZ À VALENCIANA

NO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 79 02 11 (M/ 15 anos)
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

Solar do Minho
Rua do Vigário, 60 — Alfama
(St.º Estêvão) — Tel. 866811
FADOS — FOLCLORE
Jantar COMPLETO
50$00 por pessoa
M/ 17 anos

O mais típico restaurante do Algarve é
A Toca do Caracol
em ALCANTARILHA
(a 2 km de Armação de Pêra)
— Cozinha regional —

TONY DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
SEGUNDA-FEIRA
DOBRADA À TONI
ENCERRADO AOS DOMINGOS DURANTE OS MESES DE JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

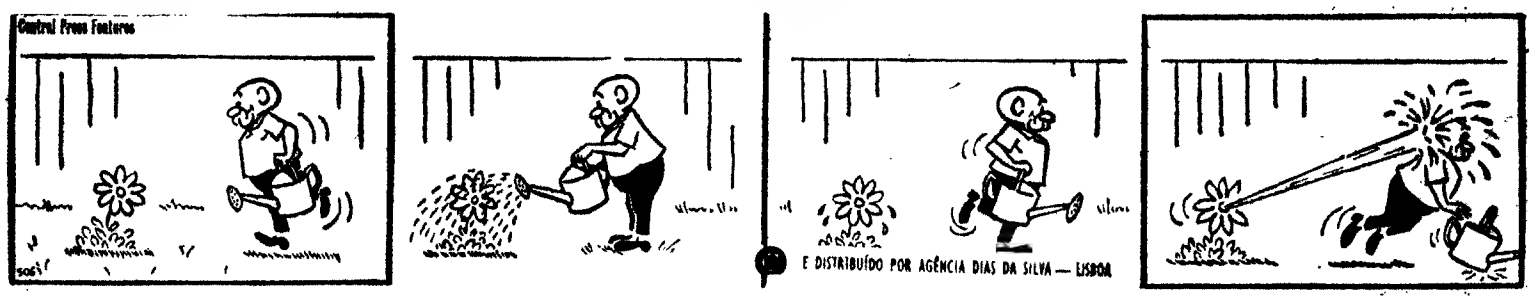
ESTALAGEM E RESIDENCIAL
DE SANTA MARIA DA ARRÁBIDA
33 Quartos c/ casa de banho
RESTAURANTE
Telefone 228927 — PortInho da Arrábida

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 24 de Julho de 1940 publicava:

«ROMA, 24 — O importante órgão do partido, «Regime Fascista», em editorial, avisa solenemente a Rússia de que qualquer tentativa por parte deste país destinada a enganar o «eixo» Roma-Berlim receberá, imediatamente, resposta forte e adequada, por parte da Alemanha e da Itália.

«O «Regime Fascista» diz ainda: «A Inglaterra empregou e continua a empregar todos os esforços para levar a Rússia a entrar na actual guerra europeia a seu lado.»

CURSOS MUSICAIS EM TAORMINA

De 1 a 23 do próximo mês realizam-se cursos de aperfeiçoamento de piano, canto e violoncelo, em Taormina, na Sicília.

As inscrições devem ser enviadas para a secretaria C. I. S. M. Palazzo Corvaja — Taormina.

Serão atribuídas bolsas de estudo, por concurso, no valor de 100 mil liras, aos inscritos executantes de cada curso.

O concurso efectua-se no dia 3 de Agosto e os candidatos devem apresentar 3 obras importantes à escolha.

Para mais informações devem os interessados dirigir-se ao Instituto Italiano de Cultura, Rua do Salitre, 146, em Lisboa.

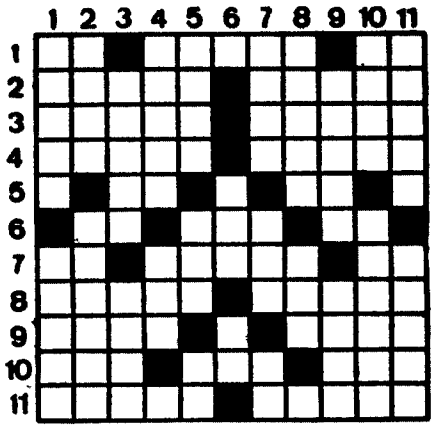
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5604

HORIZONTAIS: 1 — Rio de Itália. Nome de peixe. Campeão. 2 — Versejai. Safo. 3 — Ave trepadora. Homem excluído da sociedade. 4 — Covis. Equipar. 5 — Antigo definido. Em partes iguais. 6 — Compaixão. O mesmo que lion. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 7 — Pedra de moinho. Atasco. Antes de Cristo. 8 — O mesmo que atação. Afio. 9 — Rosto. Rã. (pop.). 10 — Pedra de altar. Negativa. Maior. 11 — Amofinei. Doze dúzias.

VERTICAIS: 1 — Baixela. Friccionar. 2 — Metal precioso de cor amarela. Favorecera. 3 — Vila e sede de concelho (Santarém). Terra nova e arroteada de fresco. 4 — Falhas. Nome de mulher. Tempo do verbo ser. 5 — Estelinos. Sufixo que designa pequenez. Nilquel (s. q.). 6 — Saudável. Oferece. 7 — Esconde. Olé. Rei de Basá, gigante que se opunha á passagem dos israelitas. 8 — Aguça. Capa sem mangas. 9 — Jogo dionisíaco das carretas de antilhania. Equipo. 10 — Procedia. Viaturas. 11 — Ecoara. Filtrara.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5603

HORIZONTAIS: 1 — Amargoras. 2 — Am. Ader. Oco. 3 — Cás. Agasta. 4 — Anão. Avia. 5 — Domaram. OS. 6 — Pás. Ilda. 7 — Em. Camarão. 8 — Tora. Erro. 9 — MORTOS. Aer. 10 — AAA. Amos. Sm. 11 — Tomaremos.

VERTICAIS: 1 — Taça. Per. At. 2 — MANDAM. Mão. 3 — Sãos. Toam. 4 — Má. Om. Cor. 5 — Ada. Acartar. 6 — Regar. Maamé. 7 — Gravara Som. 8 — Sim. Re. So. 9 — Rota. Iara. 10 — Aca. Odores. 11 — Só. Asa. Arma.

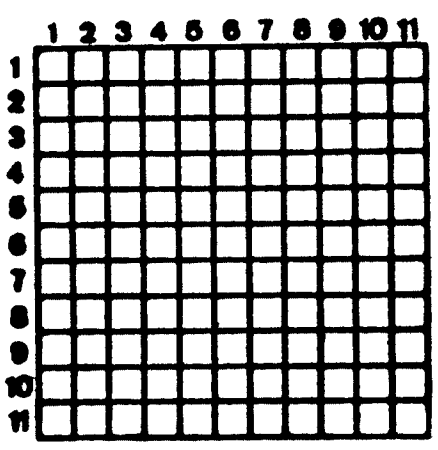
Provérbio: OS MORTOS MANDAM.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9447

HORIZONTAIS: 1 — Navega. Some. 2 — Jarro (planta). Amimar muito (a criança) (Bras.). 3 — Alisadas. Nota musical. 4 — O mais. Caminhanás. Mau cheiro. 5 — Tanto. Enterrar. 6 — Maior. Suspiros. 7 — Salto. Reles. 8 — Pedra de altar. Triturava. Rio de Itália. 9 — Item (abrev.) Dividir. 10 — Mosca cecé. Ilha do Pequeno Belt. 11 — Armadilha para pássaros. Causas amuo a.

VERTICAIS: 1 — Concerto musical nocturno. Parte do cacho de uvas (Prov. minh.). 2 — Rio da Suíça. Pessoa que sofre muito. 3 — Pêlos de certos animais. Espécie de turquês de madeira, usada pelos penteeiros. Letra grega. 4 — Imitara. Lista. 5 — Cincho. Letra grega. 6 — Nome de mulher. Capa sem mangas. 7 — Sorte. Caminho. 8 — Colocou. Fulgiram. 9 — Antes de Cristo. Planta umbelífera. Medida de capacidade usada no Camboja para medir arroz. 10 — Telas muito ralas. Crisol. 11 — Limpar com areia. Parte aquosa que se separa do leite. (pl.).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9446

HORIZONTAIS: 1 — Funga. Ataca. 2 — Amar. Açor. 3 — Ler. Ada. Olá. 4 — Arrematoram. 5 — Roera. Urdia. 6 — Más. Rio. 7 — Lá. SS. Ao. AC. 8 — Ata. Adi. Ora. 9 — Tocar. Pias. 10 — Oásis. Persa.

VERTICAIS: 1 — Falar. Lotão. 2 — Úmero. Afoia. 3 — Narrem. Saca. 4 — Gr. Eros. Ari. 5 — Amassar. 6 — Ido. 7 — Afurais. 8 — Ta. Ária. Ape. 9 — Acordo. Ofir. 10 — Colai. Areas. 11 — Arama. Cassa.

PUBLICAÇÕES

«MOMENTO MÉDICO» (edição portuguesa de «Medical Times») — N.º 117;

«O ESCRITÓRIO» — N.º 43;

«PRODUTOS QUÍMICOS» — N.º 7;

«CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES» (revista dos Serviços Culturais dos CTT) — N.º 12;

«FUNDEXPORT» — N.º 533;

«CORREIO AGRÍCOLA» (edição da Bayer) — N.º 1 de 1970;

«BOLETIM COOPERATIVISTA» — N.º 198;

«BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL DE ANGOLA» — N.º 19;

«MEVISTA ILUSTRADA» — Órgão dos Serviços Sociais da P. S. P. de Angola — N.º 21;

«MUNDO MOTORIZADO» — N.º 306;

«VITA ITALIANA» (Documenti e informazioni) — N.º 3 de 1970;

«INFORMAÇÃO ECONÓMICA» — (Ed. do Gabinete de Estudos Económicos do Banco Português do Atlântico) — Abril de 1970;

«REVISTA DE ARTILHARIA» — Março-Abril de 1970;

«CNA» — Órgão dos Colégios de Nun'Álvares de Tomar — N.º 125;

«FAROL» — Revista da Escola Industrial e Comercial de Matosinhos — N.º 9;

ACP — Revista do Automóvel Club de Portugal» — Março-Abril de 1970;

«FUNDEXPORT» — N.º 539;

«A Palavra» — N.º 13;

«A INDÚSTRIA DO NORTE» — Maio de 1970;

«AGROS» — Revista da Associação dos Estudantes de Agronomia — Janeiro a Junho de 1969;

«MAGAZINE REGISCONTA» — N.º 58;

«SEMANA MÉDICA» — N.º 566;

«BOLETIM DE INFORMAÇÃO» do Ministério dos Negócios Estrangeiros — N.º 37;

«A CONFEITARIA PORTUGUESA» — Revista das Indústrias de Confeitaria, Pastelaria e Conserva de Fruta — N.º 24;

«ACMP» — Revista do Auto-Clube Médico Português — Junho de 1970;

«O VOLANTE» — N.º 2;

«REVISTA MILITAR» — Abril de 1970;

«O ISLÃO» — Órgão da Comunidade Islâmica de Lisboa — N.º 8.

«VIA PORTUCALE» — Revista das actividades da Rádio Marconi — Junho de 1970;

«O VINHO EM PORTUGAL» — Boletim do Grémio dos Armazenistas de Vinhos — Maio de 1970;

«GAZETA MOBIL» — Abril-Junho 1970;

«VER» — Revista do Grémio dos Comerciantes de Artigos de Óptica — N.º 25;

«JORNAL PORTUGUÊS DE ECONOMIA E FINANÇAS» — N.ºs 221 e 222;

«AGRONOMIA MOÇAMBICANA» — Janeiro-Março de 1970;

«O EDUCADOR» — N.º 1333;

«ENGENHARIA» — Publicação dos Alunos da F. E. U. P. — N.º 48;

«ÓLEOS & SABÕES» — Publicação do Grémio Nacional dos Industriais de Óleos Vegetais, seus Derivados e Equiparados» — N.º 36;

«BOLETIM DA CÂMARA DOS DESPACHANTES OFICIAIS» — N.ºs 216-216;

«BOLETIM DO CONTRIBUINTE» — N.º 583 (suplemento);

«AUTORES» — Boletim da Sociedade de Escritores e Compositores Portugueses — N.º 51;

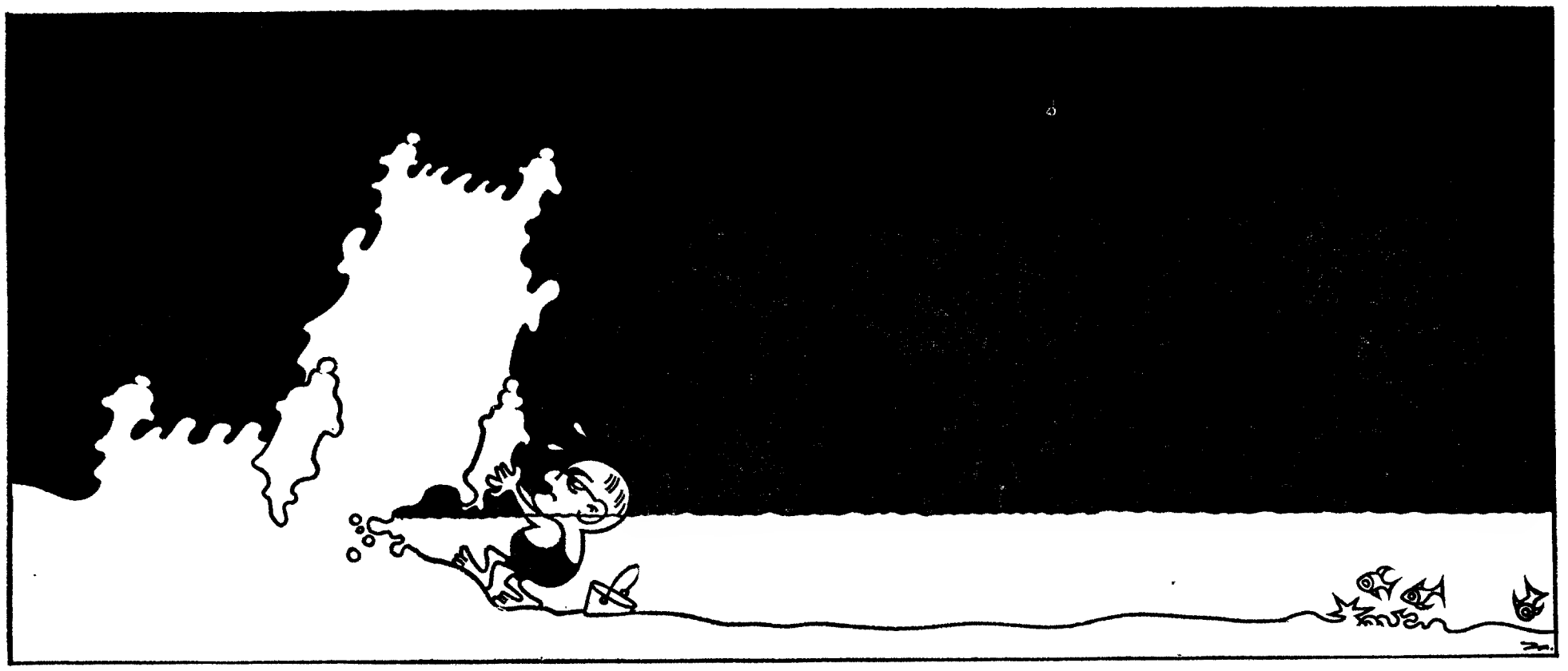
EXCURSÃO A SAGRES

DOMINGO
2 DE AGOSTO

Comunica-nos a C. P. que realiza no dia 2 do mês de Agosto, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Sagres, incluindo a viagem em comboio de 1.ª classe com carruagem restaurante e um percurso turístico rodoviário às localidades de maior relevo da região.

LOTUS SIMULADO

Vende-se sistema simulador de corridas em circuito. Mecanismo como novo. Assistência técnica garantida. Negócio bastante rentável. Resposta à Delegação no Porto deste jornal, ao n.º 131.



CONSTRUÇÕES NA AREIA (5)

(Desenho de João Abel)

Cumprimentos para a «melhor» do Festival da Canção (?) Portuguesa da Figueira da Foz: uma americana

PROBLEMAS CITADINOS

O chão e as casas

NUNO PORTAS

1. **Uma das primeiras se não a primeira afirmação de intenções do novo presidente do Município de Lisboa foi a de promover a extinção no mínimo prazo possível, das «barracas» da cidade. Acontece que acrescentou a essa afirmação uma condição que logo fez sair aquela intenção do rol das afirmações desacreditadas por demasiado prometidas; foi** apenas **uma alusão ao problema do terreno vinculando em princípio o realojamento das populações aos próprios terrenos ocupados pelos bairros de lata.**

E neste modo de pôr o problema — que apoio com a mesma prontidão com que tenho criticado outros aspectos da política urbana — está uma revolução de processos (pelos quais a própria acção camarária procedia á centrifugação do pobre **sob a capa de o realojar) a qual para poder ser concretizada levará necessàriamente o Município a rever a sua administração e pedir a remoção dos entraves institucionais á solução dos problemas não só de habitação mas da simples** possibilidade de se viver à escala da grande Lisboa. **Eis três medidas imprescindíveis:**

1.ª Instrumento eficaz de expropriação e tabelamento dos terrenos «urbanizáveis», a ceder aos promotores privados em propriedade superficiária (por forma a impedir entesouramentos assim como ulterioras especulações pelo próprio Município e a assegurar benefícios equitativos entre os proprietários, independentemente do destino de uso de cada parcela).

2.ª — Instrumento eficaz de tabelamento de rendas extensivo aos subúrbios mas propiciando a renovação sem demolição sistemática dos prébios mas propiciando a renovação mente através de suplementos proporcionais ás beneficiações necessárias.

3.ª — Superação das fronteiras municipais por um «governo» da grande Lisboa — imprescindível mesmo que houvesse um plano — que p o s s a actuar sobre toda a disponibilidade do terreno, sobre todos os transportes (como um sistema que não se interrompe nas portas concelhias do sec. XIX e não admite ao nível de uso diferenças entre um metropolitano e a rede metropolitana de uma CP *), distribuindo a riqueza da área metropolitana por serviços para todos os cidadãos, já que os de Moscavide ou da Piedade, por exemplo, não contribuem menos para essa riqueza, nem são os culpados de estar fora de portas por não poderem com as rendas na cidade...

Estes t r ê s instrumentos legais e administrativos são condição necessária à solução dos problemas mais graves — mesmo o dos «bairros de lata» — pois cada dia que passa sem medidas ao nível dos custos de habitar concorre:

- **— para criar maiores desigualdades entre as várias cidades de Lisboa e portanto do custo de vida relativo entre os respectivos moradores;**
- **— para agravar as condições de utilização e exploração rentável dos serviços fundamentais como os escolares, de saúde, de recreio e sobretudo os transportes, enquanto não se evitar o cancro das novas urbanizações e s p e culativas, sejam as publicitadas sejam as clandestinas;**
- **— para aumentar a fila de espera dos sem casa e dos em parte de casa, muito mais determinada pelos valores atingidos pelas rendas do que pela falta de casas em si mesma.**

2. O CHÃO

Até se fazerem chegar medidas deste porte, que se poderá fazer na cidade? Coagida a resolver problemas que a excedem só adentro da cintura vê a administração reduzirem-se cada vez mais as áreas disponíveis (só em parte municipais) para satisfazer as graves necessidades dos seus munícipes em habitação, serviços ou... só ar livre: alienados um vale de Chelas e um vale de Algés, começa-se a podar Monsanto...

Mas o reduzir-se cada vez mais a área «livre» é ao mesmo tempo a condição ou o meio mais à mão do Município-cabeça para resolver financeiramente a sua gestão de altos custos de exploração da cidade. Resolução ilusória mas que funciona a curto prazo: o Município precisa que os terrenos valham muito para poder vender os que já lhe pertençam a preços suficientemente altos que possam colmatar o seu défice provável — apesar do estado dos Serviços Urbanos. Mas

Cont. na pág. 6

CANÇÕES ENTRE ASPAS

Ofensas ao povo português

Não vale a pena perder tempo com as «canções»: já é uma concessão admiti-las n e s s a qualidade, mesmo e n t r e a s p a s. Quanto às fontes sonoras que as veicularam, também não importa identificá-las. A crítica musical (entendida como crítica de arte) e as cançonetices figueirenses fazem parte de *conjuntos* diferentes, sem qualquer zona ou ponto comuns.

Enquanto fenómeno sonoro, o festival da Figueira poderia talvez ser investigado num laboratório de física acustica. Teríamos então com a ajuda de aparelhos adequados (vibramómetro, espectroscópio, indicador de timbre, etc.), a descrição científica, por exemplo, das vozes que intervieram no triste espectáculo.

Em nosso parecer, porém, o caso começa e acaba, não musicalmente, nem acùsticamente, mas tão-só cìvicamente. Na verdade, aos cidadãos assiste o direito, que é, afinal, também dever, de protestar:

— Contra as fraudes. Porque classificar de popular (ou de «estilo popular») o que quer que seja que tresande a fado ou a ranchos folclóricos», associar a canção ou a música portuguesas a subprodutos do oportunismo da ignorância e

Cont. na pág. 10

ASSIM VAI O MUNDO

Carapuça

De uma entrevista de Boumedienne a Jean Daniel:

«Na realidade, o ponto de vista da Argélia sobre a Palestina é o mesmo que sobre o Vietnam. Nós adoptamos a plataforma estratégico-política d'Al Fatah, tal como adoptamos a plataforma dos vietnamitas. Não

nos batemos por interpostos palestinianos ou vietnamitas. Aceitaremos o que eles julgarem aceitável, e não iremos mais longe do que eles. Seria ridículo e indigno».

Carapuça de Boumedienne para os que são mais *alfatistas* que o Al Fatah e mais *vietconguistas* que o Vietcong.

Conselho

Há semanas remetemos o leitor para a obra de Juan Bosch, «O Pentagonismo» (há tradução portuguesa, da Moraes).

A nossa intenção era mostrar o simplismo que representa explicar tudo pela entidade Wall Street ou Capitalismo. Só essa.

Se os leitores quiserem uma *elaboração*, em que os elementos trazidos por Bosch se encontram integrados numa explicação e conjunto, aconselhamos-lhe o artigo de Jorge Almeida Fernandes, no ultimo numero, o de Junho, de «O Tempo e o Modo».

Aristocracia

Esse artigo, «Burguesias Nacionais», tem ainda para os leitores da «Mesa-Redonda» um outro ponto de particular interesse: a *correcção* de Rui Mauro Marini (citado no referido artigo de Almeida Fernandes) ás teses de Gunder Frank que o nosso suplemento deu notícia vai para alguns meses.

Marini nega o carácter privilegiado da classe operária latino-americana, lembrando que o afluxo do campo ás cidades e a nova tecnologia, redutora da mão-de-obra, com que se procura aumentar a mais-valia relativa, levaram ao preço baixo da força de trabalho.

As consequências na estratégia e na táctica política da adopção de uma tese ou de outra — «aristocracia operária», «condição operária clássica» — são obviamente da maior importância.

Dificuldades em Israel

Enquanto se dissipam todas as possibilidades de uma negociação pacífica entre árabes e israelitas, a situação em Israel parece degradar-se tanto do ponto de vista político e militar, como no económico e psicológico.

Do ponto de vista militar preocupa muitos israelitas o aumento da ajuda soviética ao Médio Oriente e a frequência crescente dos incidentes ao longo da fronteira com o Líbano e a Jordânia. Da perspectiva política não se atenuaram, antes pelo contrário, as dissidências entre os «duros» e os defensores de uma aproximação e de concessões importantes. Quanto à situação económica, para lá de uma aparente prosperidade, as dificuldades parecem também acumular-se. Recorde-se que ainda recente o primeiro-ministro israelita, sr.ª Golda Meir, sublinhou a existência de um sério «deficit» da balança de pagamentos e a necessidade de adaptar a vida da população à defesa do país. Por seu turno, o Banco de Israel publicou um relatório em que evidencia o aumento das importações e da dívida exterior, ao mesmo tempo que se registou uma diminuição das reservas de divisas estrangeiras.

Energia

Na central nuclear de Chinon efectuou-se, de 29 de Junho a 2 do corrente, uma sessão sindical de informação europeia acerca dos problemas relacionados com o trabalho no sector da energia. No decurso da referida sessão foi reafirmada a necessidade de se passar da união aduaneira a uma politica comunitária nos mais diversos domínios. Recordou-se também que os mais bem intencionados projectos de planificação podem ser prejudicados, se não mesmos anulados, pelas concentrações e monopólios. Dai a necessidade de compensar esse perigo potencial com meios e poderes a atribuir aos sindicatos.

Na sequência de idêntico encontro efectuado no ano passado, discutiu-se a maneira de dar corpo á decisão de constituir um grupo de peritos sindicais no sector da energia. Entretanto não obtiveram total aceitação nem êxito completo os planos com vista á criação de um Conselho Comunitário Sindical da Energia.

Decisão

Numa conferência de Imprensa concedida recentemente pelo presidente da República Francesa, Georges Pompidou, um jornalista apresentou-lhe a seguinte questão:

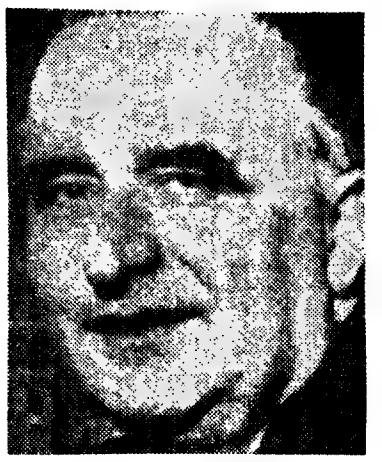
— O primeiro ministro da Grã-Bretanha, Edward Heath, afirmou, há dois ou três anos, que julgava possível uma colaboração entre os dois países, no plano nuclear, para a defesa da Europa. Sei que continua a ter a mesma opinião. Qual é a sua?

Resposta de Pompidou:

— Tudo depende da forma. É na verdade possível que possa haver acordos entre a França e a Grã-Bretanha em matéria nuclear. É mesmo, possivelmente, desejável. Há, porém, limites que não vale a pena esperar sejam transpostos por nós. Especialmente: ninguém nos fará reentrar na N. A. T. O.

Histórias

Na mesma conferência de Imprensa, foi muito debatido o problema do Médio Oriente, sobre o fim do bloquelo francês ao fornecimento de armas a Israel. Georges Pompidou contou uma história: «A vossa insistência faz-me pensar naquelas pessoas que marcam indefinidamente o mesmo número de telefone apesar de o dis-



co lhe responder: «não há nenhum assinante com o número que V. Ex.ª pediu». Pois bem, *Monsieur*, não há assinante com o número que V. Ex.ª pediu».

Mais adiante, referindo-se á necessidade de os quatro grandes chegarem a um acordo válido para resolver urgentemente o problema, disse que, no caso contrário, «o equilíbrio de forças não deixará de se degradar e, aconteça o que acontecer, degradar-se-á sempre em detrimento de Israel. Por isso, é do interesses de Israel, mais do que de ninguém, chegar a uma solução de paz, aceitar uma solução de paz». Que o mesmo é dizer: o tempo joga contra o pequeno Estado judaico.

Mulheres

Na Hungria o trabalho feminino está em grande expansão (dos 920 000 novos trabalhadores entrados na indústria entre 1949 e 1967 720 milhares eram mulheres), levantando graves problemas. As ligações precoces e os primeiros filhos criam perturbações na carreira profissional da mulher jovem, com o acentuar da dicotomia das suas funções. O Estado tem contribuído com instalação de creches, jardins-escolas e locais de permanência vigiada para as crianças. O subsídio complementar às mães que optarem viver em casa até os filhos atingirem a idade de 3 anos não resolveu o problema. A mãe recebe 900 forints de subsídio se decidir não trabalhar durante os três anos estipulados. Noventa por cento das mulheres — mães nestas condições —, passaram a ter direito a este subsídio. Mas dez a quinze por cento das mulheres subsidiadas voltaram ao trabalho.

Há diversas desvantagens na interrupção do trabalho, reconhecidas oficialmente: atraso na vida profissional, isolamento em relação à sociedade, diminuição do rendimento familiar, sobrecarga do trabalho doméstico.

ASSIM VAMOS NÓS

Acção sindical

Um acontecimento inédito na informação sindical portuguesa é a distribuição (um ano depois da sua publicação), do boletim «Acção Sindical», n.º 1, 2.ª Série, de Julho de 1969. O último número da 1.ª Série tinha saído em 1958.

A circular 60/67 do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa, explica a anomalia burocrática:

> *«Tratava-se de uma publicação mais ambiciosa, feita em termos diferentes dos que estavam na mente da actual Direcção, e à qual esta não podia assegurar continuidade, não só pelo dispêndio que ocasionaria para se poder publicar mensalmente, como porque nela se inseriam escritos que poderiam vir a ocasionar polémicas, por nós consideradas sem qualquer interesse para os nossos associados pelo menos neste momento.*
>
> *Pelos motivos expostos, e considerando que a distribuição de apenas um número, que logo no segundo seria modificado não só na sua estrutura como até no próprio nome, criaria nos nossos associados uma ideia de desorientação administrativa, e porque essa distribuição acarretaria ainda mais um encargo de cerca de 15 contos, a actual Direcção embora lamentando as despesas já feitas, optou pela sua não distribuição».*

O boletim teve de ser distribuído por proposta aprovada na Assembleia Geral de 30 de Janeiro de 1970

O boletim, de que não se publica mais nenhum número surgiu em casa dos sócios em Julho, com apelos à vida sindical e pleno da actualidade de Julho do ano passado. Uma secção de Caiano Pereira e os títulos («Debate necessário; hora de diálogo; cinquentenário da O. I. F.) permanecem vivos e necessários. Mas o envio aos sócios dum boletim de apelo à maior acção sindical, um ano depois da sua publicação, não será um sintoma de apatia e burocracia sindical? Porque ninguém (num sindicato) pode ter medo da «acção sindical».

Ouro

Um dos sócios-gerentes da Dramin, Lda., a empresa que explora o aluvião da ribeira de Casteleiro, no concelho de Penamacor, ofereceu um cálice de ouro ao bispo da Guarda, D. Policarpo da Costa Vaz, peça feita integralmente com o precioso metal extraído daquele aluvião. A oferta ocorreu após a bênção pelo prelado de uma «draga e quantos com ela trabalham», destinada ao aluvião de cassiterite, da ribeira da Gaia.

Classe operária

Do «Monde» de 23 de Junho:

«Sem dúvida alguma o sucesso pessoal de Mr. Powell» (o racista Powell) «e dos candidatos das circunscrições vizinhas que dele se reclamam, confirmam que Mr. Powell conseguiu reunir uma grande proporção de eleitores operários em detrimento do Partido Trabalhista.»

Al. esta classe operária inglesa...

Trigo

A Turquia pretende dar realização a um plano de reserva de trigo, com dois objectivos fundamentais: estabilizar o preço deste cereal e ocorrer a necessidades do país, em casos de urgência. Para conseguir este objectivo as autoridades de Ankara pediram a ajuda do Programa Alimentar Mundial ONU/FAO, pelo que se vai deslocar áquele país uma missão para o efeito designada. Esta missão estudará as possibilidades de tal fundo de reserva poder servir outros países da região, em casos de extrema urgência.

Problemas do cooperativismo agrícola

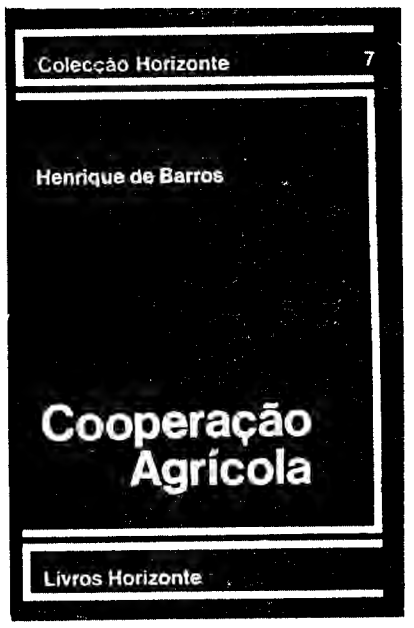
Através de Livros Horizonte (Colecção Horizonte n.º 7), Henrique de Barros publicou recentemente o livro intitulado **Cooperação Agrícola.** Na sua introdução, o autor define as razões por que tem sido um dos defensores do movimento cooperativo agrícola. Das três razões apontadas, salientamos a que dá maior relevo à cooperação como forma de promoção económica dos pequenos e médios agricultores (estrato maioritário da população activa agrícola) uma vez que a inexistência daquela promoção está na origem da estagnação de sociedades rurais, como a nossa, por todos os fenómenos que tais desequilíbrios acarretam.

Seguem-se cinco capítulos, ao longo dos quais o leitor não familiarizado com questões de cooperativismo pode recolher úteis informações e, entre elas, as que se relacionam com o ideário cooperativista, com as diferentes finalidades visadas na formação de associações cooperativas e, em consequência disso, com as diversas modalidades deste tipo de empresa agrícola e, finalmente, com os variados problemas com que a agricultura depara no que se refere à produção, ao abastecimento, aos transportes, à venda, à transformação industrial, à utilização de alguns recursos produtivos, ao crédito, etc., que justificam e tornam necessária a constituição de cooperativas especializadas, sempre com a participação de profissionais da agricultura. Cooperativas estas tendentes a salvaguardar os interesses do agricultor acima mencionado e da agricultura, pela regularização das relações entre esta e o mercado, conservando este sector da actividade económica, no máximo que lhe for possível e admissível, os rendimentos por ele obtidos e contrariando, desse modo, os interesses especulativos dos intermediários e os dos elementos (sectores) externos à agricultura cuja posição de predomínio na economia, aliada aos termos de troca que impõem, coloca a agricultura numa verdadeira «inferioridade económica», como diz Henrique de Barros, a qual compromete inevitàvelmente a sua expansão, em particular a dos pequenos e médios agricultores.

Nestas condições, o desenvolvimento progressivo de uma cooperação agrícola que «incida principalmente» sobre estes agricultores e os trabalhadores agrícolas (em termos de plena eficácia social e económica nós advogaríamos a exclusiva participação destes estratos socioprofissionais, o que envolveria, como veremos, contextos socioeconómicos diferentes), o desenvolvimento cooperativo, como dizíamos, pode contribuir não só para aumentar a produtividade das respectivas áreas cultivadas e diminuir a sujeição em que aqueles agricultores se encontram, como, também, pelos benéficos resultados técnicos e económicos, reduzir o fosso que separa estes agricultores dos restantes grupos socioprofissionais no que diz respeito às suas condições de vida, de trabalho e de remuneração.

Por outro lado, elucida o autor, à medida que a economia evolui a agricultura vai progressivamente desempenhar o papel de fornecedora de matérias-primas destinadas às diferentes indústrias. Neste sentido, chama a atenção para o facto de existir entre o sector agrícola e o industrial — este último cada vez mais dominado por grandes monopólios nacionais e/ou estrangeiros — interesses divergentes que redundam em detrimento da agricultura, devido ao parcelamento de acções e decisões que caracterizam este sector. De facto, naquela luta de interesses, a indústria tira partido do isolamento em que vivem e trabalham os agricultores, impondo-lhes a sua vontade para mais avolumarem (os grupos que a representam) a soma de benefícios permitidos pelo tipo de estruturação económica. Nestas condições, efectivamente, «a agricultura jamais conseguirá travar, e muito menos vencer, se não tiver sabido a tempo estruturar-se cooperativamente em unidades bem dimensionadas, não só para a produção de matérias-primas, mas também para a transformação industrial», como afirma a propósito deste ponto o autor da obra citada.

No entanto, independentemente da luta de interesses entre aqueles dois (e também com os restantes) sectores da economia — luta que se verificará enquanto persistir no País a base socioeconómica que a origina — seria de ter em conta ou de vincar as verdadeiras anomalias existentes dentro do próprio sector



agrícola (e da economia) visto que essas, antes das acima mencionadas, impedem o progresso de grande parte dos nossos agricultores e de todo o sector. Essas anomalias registam-se, como sabemos, ao nível da distribuição dos principais meios de produção que determinam a desigualdade ou a assimétrica participação no rendimento agrícola (e geral). É esta situação que nos permite compreender, no contexto que nos define, os limites da cooperação agrícola, os oportunismos a que esta última dá origem dentro do sistema de coordenadas que a envolvem e, consequentemente, os estrangulamentos que urge vencer, para que o próprio cooperativismo possa desempenhar o transitório papel a que está destinado.

Efectivamente, para a plena expansão e para o êxito do movimento cooperativo, não é indiferente o regime fundiário em que ele se insere, as formas de apropriação dos recursos básicos de produção (agrícola) e, consequentemente, dos seus frutos, e, finalmente, as relações de força presentes. Ora a cooperação não modifica aquele regime fundiário e, por isso, continuarão a observar-se as mesmas leis económicas e idênticos comportamentos socioeconómicos que interpõem sérias e variadas dificuldades e resistências ao cooperativismo agrícola, como movimento, comprometendo de diversas formas a sua marcha e contribuindo para o seu descrédito junto dos agricultores (desfavorecidos económica e socialmente), pouco avisados (como acontece na generalidade dos casos) dos mecanismos socioeconómicos em jogo, inerentes a um modo de produção com extremadas polarizações.

Por todos estes motivos, julgamos que a cooperação está sujeita a limites ditados pelas relações sociais de produção, tanto na agricultura como em toda a economia em que ela orgânicamente se integra, embora não pareça ser essa a opinião do autor de **Cooperação Agrícola** para quem razões tecnológicas e económicas parece precederem as de estruturação social.

E para corroborar a nossa opinião, julgamos oportuno lembrar uma das opções apontadas pelas Nações Unidas, numa publicação relativa ao progresso rural pela acção cooperativa, quando se afirma a necessidade de criar um clima económico e social no qual «as sociedades cooperativas possam desenvolver-se sem serem sèriamente embaraçadas pelo poder político e económico de grupos privilegiados de proprietários fundiários de comerciantes e dos agentes privados de crédito.»

Julgamos que mais do que a vaga «estrutura agrária renovada», só a ausência daqueles antagonismos — e, portanto, a presença de organismos e centros de decisão susceptíveis de os remover — faculta o ambiente favorável para a completa e rápida modernização da agricultura de tipo familiar e a promoção de todos os trabalhadores agrícolas através da cooperação, assim como para a transição para formas mais evoluídas de exploração da terra, da economia e da própria sociedade, embora reconheçamos que mesmo nesta altura, durante certo tempo, possa ter a cooperação agrícola o seu papel, mas então num terreno que lhe é bastante mais propício.

BLASCO HUGO FERNANDES

inquerito

Resolverá o cooperativismo as contradições da agricultura?

CARLOS CARVALHAS

«As formas cooperativas de exploração da terra em que se dão condições justas ao agricultor, tanto no que se refere ao acesso aos meios de produção como aos níveis de rendimento, para trabalho equivalente, podem resolver dois problemas: o da paridade de rendimentos com a restante comunidade e o da dependência directa dos rendimentos em relação à qualidade e quantidade de trabalho. O problema que se põe é como resolvê-lo na prática. Numa sociedade socialista isto pode resultar de um acto deliberado de descentralização e, pelo menos, do acesso aos meios de produção como aconteceu na Polónia. Numa economia em que se reconhece a legitimidade da posse e do uso privado da terra e de outros meios de produção a cooperação institucionalizada já é mais difícil. Ninguém cede os seus direitos de boa vontade e os planos indicativos dificilmente os ultrapassam.

Vejamos o caso português tomando, por exemplo, a dimensão das explorações agrícolas. Ao norte do Tejo, o cooperativismo pode resolver alguns dos problemas decorrentes da estrutura da propriedade (minifúndio), poderá até ser uma forma correcta de encaminhar o sector agrícola e os agricultores para novas formas de produção, desde que desempenhem uma função educativa. Já no sul do País o cooperativismo não terá qualquer efeito palpável sobre o

latifúndio e o absentismo do proprietário, que só uma reforma agrária poderá solucionar. Mas aqui é fundamental saber que tipo de reforma agrária se propõe.

Além disso, o cooperativismo não nos parece capaz de resolver as contradições intrínsecas do sistema. Em resumo, o cooperativismo, sobretudo ao norte do Tejo, será um meio para ultrapassar algumas barreiras, será mesmo um passo útil, desde que não se descure o seu papel educativo, mas já seremos mais cépticos quanto ao Sul do País. E, para terminar: não será já uma contradição, pelo menos formal e não só, a via cooperativa no sector agrícola, num sistema cooperativista?»

SÉRGIO RIBEIRO

«Mas quais são as contradições da agricultura?

Para «arrumar», começo por dizer que considero que as contradições da agricultura são de dois tipos. São as contradições resultantes de ser um sector ligado a actividades e a necessidades primárias, com um enorme peso de herança histórica a tornar difícil a adopção de técnicas (materiais e de gestão) novas e inovadoras, portanto sendo, contraditòriamente, o substracto que torna possível o progresso sócio-económico, mas com características que tornam difícil uma adaptação a condições resultantes (e exigidas) pelo progresso sócio-económico.

São, também (quando

são) as contradições resultantes de actividade inserida num sistema social em si contraditório e em que, portanto, a agricultura reflecte as con-

Cont. na pág. 10

tem a palavra o leitor

Sugerindo novo encontro nacional de cine-clubes

Do sr. 'António Mário Santos recebemos, a propósito de uma entrevista aqui publicada com um dos dirigentes do Clube do Cinema de Coimbra, o texto seguinte:

«Ante a entrevista realizada pelo suplemento «Mesa-Redonda» a dois dirigentes do Clube de Cinema de Coimbra, António Manuel da Silva Melo e António Manuel Antunes Fiúza, surgem-me imensas duvidas, para além das inevitáveis concordâncias.

O meu primeiro ponto de desacordo parcial reside nas razões apontadas para «a situação pouco brilhante da cultura cinematográfica do nosso público». E escrevo parcial, na medida em que António Fiúza aceita, mas sem precisar, que existiam factores de «muito maior peso» para a ausência do «critério crítico-seleccionador por parte do nosso público», do que a sobrevalorização de certas obras de cinema, como um «querer exaltado de ultrapassar as limitações inerentes á literatura, á Música, ao Teatro».

E é pena que ambos os entrevistados não se tenham debruçado sobre esses factores de peso, com clareza, de maneira a permitir uma análise do descalabro do movimento cineclubista em Portugal. Descalabro talvez seja uma palavra dura, se se reconhecer a teimosa existência de cineclubes que atravessaram as décadas de 50 e 60, apesar de tudo. Mas não será descabida de todo, se observarmos que os cineclubes existentes são uma minoria, que muitos desapareceram em definitivo, outros ainda limitaram-se a pouco mais que a divulgação mensal de uma obra de cinema numa exploração concorrente ao sistema comercial, pela caracteristica de uma quota, uma entrada. E os cineclubes que, apesar das suas dificuldades, conseguiram ultrapassar este marasmo, localizam-se em Lisboa: ABC; Universitário, Imagem, Católico; Porto; Coimbra: Clube de Cinema. As razões dessa continuidade talvez dependam da qualidade dos seus associados. Silva Melo afirma que no Clube de Cinema de Coimbra «a maior parte dos directores e associados são estudantes (mais de 80 por cento)». Que percentagem de estudantes comporá, quantitativamente, a massa associativa das três principais cidades do País? E os seus corpos gerentes?

Assim, problemas como o do cinema tomado como arte pura, da sua sobrevalorização em relação ás outras artes, implica, na base, uma certa preparação cultural para a sua discussão, que essas massas associativas, teòricamente, estão em condições de realizar; e que delas seja possivel o aparecimento de minorias que compõem os grupos directivos, elementos cujo interesse pelo cinema se concretiza, na realidade, em pouco mais que críticas nos suplementos literários.

RESULTADOS NEGATIVOS

Mas existem outros cineclubes, os de provincia, cujas massas associativas estavam totalmente desligadas do cinema como arte, antes o tomavam como uma evasão, um entretenimento, que lhes preenchia um serão por pouco dinheiro. O fenómeno cineclubista deve ser observado como um dos aspectos do fenómeno associativo. E o associativismo, no nosso País, há muito que está em crise, mesmo nos aspectos mais acessíveis, como o da competição desportiva. O fenómeno «cultura» ligado ás massas, tem sido entre nós visualizado apenas sob um prisma teórico. Assim, cineclubismo como meio de educar as massas, de lhes despertar o gosto pelo cinema, de contribuir para a valorização integral do indivíduo. Na prática, os resultados são, sem eufemismos, bastante negativos. Vejamos as razões.

Atrás falei de descalabro e julgo que não erro. Os cineclubistas têm sido dirigidos, creio, por intelectuais, estudantes, ou indivíduos que, por esforço próprio ou auxílio familiar, se afastaram do povo. São eleitos para as direcções por minorias votantes e, algumas vezes, mesmo muito mini. Como exemplo, eu próprio fui eleito dirigente de um cineclube de província, aqui há uns anos, por unanimidade. Presentes, nessa assembleia geral, alguns dos futuros directores e dois associados. Desta forma, sem apoio das massas associativas como se tornaria possível a difusão de todo um programa de incremento e difusão do cinema como arte, por um lado; e uma forma de promoção socio-cultural, por outro?

Penso que tanto Silva Melo como António Fiúza encararam o problema sob uma visão pequeno-burguesa, característica da inteligência portuguesa, sem se debruçarem sobre uma realidade mais profunda — as causas da inexistência de aspectos associativos na massa populacional fruto da desedução geral da mesma, da sua precária situação socio-económica, da apatia em relação á sua própria vida. Um estudo sobre a vida quotidiana das classes sociais dos três primeiros quartos do século vinte português levar-nos-ia aos verdadeiros interesses das massas populacionais e ás razões de distanciamento entre o desejar e o ter. E muitas vezes nem ter, nem desejar.

Talvez com base neste ponto, os cineclubes, para conseguirem sobreviver ao menos como entidades autónomas, se tenham entregue ao «fornecimento de cultura enlatada, posta quinzenalmente (ou mensalmente) em bruto, á disposição dos associados.» Mas gostaria de referir, pura experiência, que mesmo essa «cultura enlatada» não despertava o interesse do associado, ainda que fosse oferecida uma sessão de qualidade por um preço nitidamente inferior ao do circuito comercial. Mas o problema educacional, repito, é premente. E os associados, na sua maioria, eram-no por snobismo ou por qualquer outra razão, que não a cultural. E os filmes não despertavam o interesse que se esperava. Chegou-se por vezes á conclusão de que o aumento de sócios num determinado mês, coincidia com a pactuação do (insuficiente) gosto popular, ao ser apresentado um filme de mediocre qualidade, mas o qual foi publicitáriamente bem lançado no mercado e despertara a curiosidade do espectador potencial.

O FACTOR ECONÓMICO

Ora um dos problemas básicos de qualquer sociedade é o económico. A falta de interesse associativo levou ao desaparecimento de muitos cineclubes e os sobreviventes a situações dificílimas, com despesas ultrapassando quase sempre as receitas. O aumento incessante e contínuo do custo de vida afastou ainda mais o associado, mesmo quando a quotização se mantinha estabilizada. É o caso, por exemplo, do cineclube de Torres Novas que manteve até há dois anos a quota mensal de cinco escudos, elevando-a então para sete escudos e cinquenta centavos. Será possivel realizar qualquer tentativa de programa cultural, sem subsídios, com aproximadamente três centenas de associados? Sem qualquer auxílio dos principais cineclubes que se afastaram da ideia de movimento, ou por razões próprias de sobrevivência ou por quaisquer outras? Creio qe os cineclubes de provincia se encontram na mesma situação (ou pior ainda) que do aqui citado exemplo.

ANÁLISE DOS ERROS COMETIDOS

As sugestões de Silva Melo e António Fiúza são importantes, reconheço-o, mas sem grande viabilidade aqui e agora, na medida em que exigem, para a sua concreta realização, uma estabilidade na vida dos clubes de cinema. Estabilidade predominantemente económica. O que é impossivel porque será importante saber se efectivamente os cineclubes conseguiram enraizar-se no espirito dos seus associados (já nem me refiro ás populações das localidades onde eles existem) como elemento de associação e de promoção socio-cultural. Porque, e isto é primordial, não basta a existência das miniminorias interessadas virem apresentar métodos — é necessária saber que infra-estruturas foram criadas em todo este tempo. Ou saber se é realmente possível ainda criá-las. Porque creio não serem as retrospectivas do cinema, os cursos de estéctica e linguagem cinematográfica, as páginas cineclubistas nos jornais (quais?) ou revistas editadas cooperativamente por cineclubes (que cairiam nas mãos dos grupos das cidades, mais estruturados intelectualmente, mas talvez por isso mais distanciados dos problemas e mentalidades das populações das cidades e vilas mais pequenas) a cooperativa dos cineclubes, os cursos de cinema experimental, os caminhos imediatos para a revitaliza-

Cont. na pág. 9

KONI

a chave da segurança

De um molho de chaves vulgares, destaca-se a mais importante. KONI é realmente importante para si. A sua segurança encontrou a chave certa.

Representante:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-ABC · Lisboa
Telef. 560156

FRIGORIFICOS
DESDE 80$00 MENSAIS
OFERTA DA DESPENSA JOVICA
SEM | ENTRADA
FIADOR
JOVICA
Av. 5 de Outubro n.º 53 - C — Telefs. 535010 - 47769
FILIAIS: — CACÉM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA E
AGORA TAMBÉM NO LARGO DE D. ESTEFÂNIA N.º 12-D

«Clepsidra»: uma nova experiência cooperativista

O agravamento do custo dos géneros alimentícios tornou urgente a criação das cooperativas

O estudante universitário é, na grande maioria dos casos, um privilegiado do ponto de vista económico. Porém, é possível detectar sectores estudantis cada vez mais largos onde se sente a evolução crescente do

Carlos Frazão

custo de vida. Em alguns casos as mesadas familiares e as bolsas de estudo (poucas e não acompanhando, no seu valor, a curva crescente dos preços), mal chegam para pagar os quartos e o custo mensal da alimentação. A crise das casas autogeridas em Coimbra («repúblicas» e outras casas de estudantes) nasceu, em muitos casos, da total dependência económica em relação aos fornecedores de géneros alimentícios. Os «cães» (dívidas) eram travões à actividade cultural e à manutenção de uma disponibilidade financeira mínima. Cada novo grupo que entrava unma «república» herdava, além do património cultural e de um conjunto de regras de auto-gestão, as dívidas antigas da «casa». Em alguns casos (vivemos em duas casas autogeridas e conhecemos directamente a situação) a alimentação era deficiente podendo-se falar mesmo de subnutrição, acompanhada de noitadas (bem poucas!) em que, por contraste, se procura comer e beber o mais possível. São casas de jovens que estudam, comem lêem e vivem pouco, com dificuldades económicas (em alguns casos), com deficiências culturais internas difíceis de ultrapassar, mas onde reside (ou residia) algum do espírito anti-conservador (ás vezes bem pouco). Era este espírito que permitia, em tempos de crise, que os estudantes das casas autogeridas surgissem como dinamizadores e até como elementos da vanguarda cultural. Passadas as «crises», as «repúblicas» dormiam, incapazes, salvo um ou outro caso, de manterem o alerta.

Leónida Miranda

A crise económica (mais do que a cultural) das casas autogeridas fez nascer a necessidade, expressa muitas vezes da criação duma cooperativa que permitisse superar a situção. Em muitos «centenários» e até em assembleias mais representativas foi levantada a questão da cooperativa fornecedora de géneros alimentícios. Um grupo de estudantes tentou criar (e criou) em 1964 uma cooperativa livreira (a Unitas). Sendo a compra do livro uma necessidade estudantil bastante sentida, e existindo muitos estudantes que consideravam não ter cabimento uma cooperativa de géneros alimentícios para privilegiados económicos (os estudantes universitários), a cooperativa livreira teve contudo aceitação. Uma das argumentações utilizadas nos diálogos com os estudantes das casas autogeridas era que a cooperativa, poderia mais tarde (desde que estivesse previsto nos estatutos) fornecer géneros alimentícios.

A «Clepsidra» foi a resposta a essa necessidade: uma cooperativa criada para abastecer, numa primeira fase, os estudantes de géneros alimentícios ou mesmo de refeições baratas. Mas seria possível a existência duma cooperativa semelhante sem se alargar e tentar interessar a maioria da população de Coimbra? Não será a própria situação económica (de privilégio) da maioria estudantil um impedimento a uma adesão de grande número de estudantes essencialmente interessados? A crise (possível) duma cooperativa como a «Clepsidre» não poderá ser ultrapassada precisamente pela adesão á cooperativa de trabalhadores da região de Ciombra interessados nos benefícios duma cooperativa de consumo?

«O PÚBLICO NÃO CONHECE O VALOR DAS EXPERIÊNCIAS COOPERATIVAS»

Estas questões aconselharam-nos um contacto com a direcção da Cooperativa, em Coimbra. A entrevista decorreu nas instalações (muito boas) da «Clepsidra». Carlos Fraião, tesoureiro da direcção da Cooperativa, tentou dar-nos uma ideia do processo de formação e dos objectivos primários da cooperativa:

Manuel Strecht

— *A «Clepsidra» nasceu (como sabes) porque existia a experiência da UNITAS como cooperativa livreira. Dentro dos moldes cooperativos, os estudantes eram ape-*

Carlos Ribeiro

nas beneficiados na compra de livros. Fazia-se notar a falta duma organização equivalente no campo do consumo geral (géneros alimentícios e fornecimento de refeições).

O agravamento do preço dos géneros alimentícios tornou ainda mais urgente a criação da cooperativa. Uma vez cientes desta necessidade, pressionados pelas dificuldades crescentes das «repúblicas» e casas autogeridas por estudantes em Junho de 1968 um grupo começou a tentar organizar a cooperativa. É claro que as dificuldades foram enormes, como aliás existem sempre, para iniciativas deste género, porque as pessoas não estavam protegidas por um capital mínimo necessário a um empreendimento deste tipo.

Havia pouca receptividade. O público, em geral, não conhece o valor das experiências cooperativas. Dum modo ou dou-

Cont. na pág. 11

Bancários: defender conquistas

Concluída, com êxito apreciável, a batalha de revisão do contrato colectivo de trabalho, a direcção do Sindicato dos Bancários (15 000 associados em Lisboa, mais dez mil no resto do País agrupados nos Sindicatos do Porto e de Coimbra) procura fazer prevalecer e estabilizar os resultados obtidos para a classe.

Em contacto com elementos da direcção do importante organismo de trabalhadores, pudemos aperceber-nos das linhas mestras da sua actividade presente:

1.º — Congregar o interesse progressivo dos bancários em volta do seu sindicato, através de manifestações culturais, formativas, profissionais, tendo como veículos constantes um excelente boletim, circulares com informação actual dos problemas sindicais, colóquios e assembleias gerais sempre que os problemas em suspenso o justifiquem.

2.º — Defender o cumprimento das regalias obtidas e tornadas lei, por força do contrato colectivo.

A direcção do Sindicato, muito atenta, preocupa-se fundamentalmente com o cumprimento do horário de trabalho, o qual, afirma, não é devidamente respeitado em várias empresas. A prestação de horas extraordinárias (nem sempre remuneradas, informam-nos) atinge em certos casos o exagero de cinco horas em dias sucessivos, o que é contra o espírito da lei. Dizem-nos ainda haver empresas que praticam o serviço extraordinário, com horário normal, ao sábado e ao domingo. A posição dos dirigentes sindicais bancários, em tempo já expressa neste suplemento, baseia-se no cumprimento rigoroso do horário normal, na medida em que entende constituir a prestação de serviço extraordinário, com regularidade, um prejuízo evidente para a classe trabalhadora — porque permite a existência de quadros restritos e, consequentemente, cerceia a promoção dos profissionais.

O Sindicato dos Bancários, preocupa-se, também, com a tendência progressiva que as empresas demonstram para a aceitação de trabalhadores extra-quadro, contratados á tarefa a organizações especializadas mas que, em certos casos, cumprem o horário completo e mensal dos profissionais do quadro. Segundo os dirigentes sindicais, verifica-se nestes casos um duplo prejuízo para os trabalhadores: a limitação de quadros assim conseguida, prejudicando os empregados bancários sindicalizados; e a exploração de um trabalho ocasional cujo pagamento real não reverte a favor do respectivo trabalhador, mas é dividido entre este e a organização que aluga os seus serviços.

Finalmente, os dirigentes do Sindicato dos Bancários expuseram-nos a sua preocupação perante o sistema que permite os despedimentos arbitrários não baseados em razões justas de carácter profissional. Nas circunstâncias presentes, o organismo dos trabalhadores tem de limitar-se a lutar para que aos mesmos sejam pagas as indemnizações previstas e estabelecidas na lei.

OS ASSISTENTES TOMAM POSIÇÃO

Proposta de novo regulamento para a Facul

Os assistentes da Faculdade de Ciências de Lisboa reuniram-se e aprovaram uma proposta de «Regulamento Interno do Estabelecimento da Faculdade», que apresentaram ao Conselho Escolar, órgão de decisão tradicional na Faculdade

O documento é antecedido dum preâmbulo onde se anotam algumas sugestões que mereceram o consenso geral dos assistentes. Esta tomada de posição responde ao pedido objectivo do ministro da Educação de apresentação de propostas imediatas tendo em vista urgentes alterações da estrutura do ensino superior».

No preâmbulo afirma-se:

«1. O Regulamento de 1932 criou na Faculdade de Ciências de Lisboa, para uma população de umas escassas centenas de alunos, um quadro integrado por 40 docentes, conforme se especifica:

professores catedráticos — 16

professores extraordinários e auxiliares — 7

assistentes — 17.

Em 1970 o corpo discente da Faculdade atinge a cifra de cerca de 4500 alunos. Em consequência do progressivo aumento do número de alunos a constituição do corpo docente distorceu-se:

professores catedráticos — 18 (com 3 vagas)

professores extraordinários — 8

professores auxiliares — 9

assistentes — 108.

Enquanto o número de professores catedráticos se manteve pràticamente imutável, o de assistentes sextuplicou. Simultâneamente alterou-se a própria estrutura do serviço docente: no presente ano lectivo a percentagem de regências teóricas atribuídas a segundos assistentes foi muito grande, tendo chegado a 56 por cento.

O desequilíbrio da situação tende a aumentar fortemente, em virtude da entrada em vigor do novo diploma que rege a carreira docente, pois os docentes actuais estão em média, perto do topo do seu limite máximo de horas de serviço (16) e deverão ter de ser aliviados.

Nestas circunstâncias é quase impossível para os assistentes realizar investigação científica. Por outro lado, esta não é obrigatória nem estão institucionalizadas condições materiais (subvenção e equipamento) e de orientação para a sua prática. A preparação de uma tese de doutoramento é, deste modo, um acontecimento de excepção na vida da Faculdade, sendo impressionante a percentagem de assistentes que completam o seu período de serviço sem terem realizado qualquer trabalho de investigação.

A anunciada regulamentação da investigação científica deverá modificar radicalmente esta situação. Em particular, o serviço lectivo dos assistentes deve ser dràsticamente reduzido.

Também a esperada expansão rápida das facilidades para investigação e a sua obrigatoriedade para todo o pessoal docente deverão levar, portanto, a um muito maior desequilíbrio entre os números de professores e de assistentes.

A proporção docentes/discentes (menos de 1 para 30) está fora de qualquer comparação com a reputada de «limiar de eficiência» em países desenvolvidos. Nalguns estabelecimentos esta relação chega a ser inferior a 1 para 100. Em consequência, na maioria das cadeiras torna-se impossível obter informação fidedigna sobre o rendimento do ensino.

Ancilose estrutural

2. A forma actual de governo da Faculdade, em que um número pràticamente constante de professores catedráticos tem concentrado nas suas mãos um número sempre crescente de responsabilidades, é, por força, causadora da ancilose das estruturas.

Uma expansão acelerada mas harmoniosa das actividades da Escola exigirá, portanto, que todas as forças nelas participantes tenham a sua palavra a dizer e se estabeleça uma descentralização maciça dos poderes administrativos.

Os problemas da expansão (aumento incomportável do número de alunos, insuficiência crónica das instalações, necessidade de aumento do pessoal docente, compressão dos horários, falta de material, falta de bibliografia, etc.), têm tido nas actuais circunstâncias, soluções de emergência permanente, impostas pelas circunstâncias em vez de antecipadas e planificadas.

No entanto, muitas das dificuldades actuais deveriam ter sido previstas com os dados de estatística se estes existissem sob forma organizada, com fácil acesso, e se lhes tivesse sido dada a devida atenção e estudo.

3. Em consequência os assistentes desta Escola reputam necessário que:

a) a constituição actual do Conselho Escolar seja substancialmente modificada, de modo a incluir representantes de todos os sectores: docente, investigador e discente;

b) a responsabilidade pela administração das actividades da Faculdade, através da gerência dos seus Estabelecimentos, seja fortemente descentralizada.

A concretização destes dois princípios envolve caminhos diferentes para cada um deles. O primeiro, implicando a modificação da composição do Conselho Escolar, transcende a competência da própria Escola, tal como é definida no seu Regulamento e deverá ser objecto de estudo e discussão, dentro dos princípios mais gerais de uma Reforma do Estatuto do Ensino Superior.

O segundo princípio, da reforma e descentralização administrativa dentro da Faculdade, é perfeitamente exequível de modo imediato, cabendo a competência para a sua adopção e entrada em vigor completamente dentro da esfera de acção do Conselho Escolar.

Com efeito, no Capítulo IX do Regulamento é determinado que cada Esta-

O chão e a terra

Cont. da pág. 1

Contradições dos grandes centros urbanos: as «barracas» coexistem com os modernos blocos habitacionais

se a restrição da oferta, pelos proprietários e pelos próprios planos, eleva por tal forma o custo do solo que pisamos (em proveito líquido de um pequeno número interessado) sucede que cada vez menos os mais pobres o podem pisar: prédio a prédio antigo (ou não) demolido, lote a lote abarracado removido para urbanizar, significa mais famílias suburbizadas em demanda de solo mais barato, enquanto a área residencial lisboeta se reserva pouco a pouco à classe média alta, a qual, quando o possa, fugirá para as «pontas dos dedos» ocidentais, aborrecida pela crescente degradação urbana... As áreas remanescentes, boas e más, ocupam-se pelas 20 mil famílias das barracas (10% da cidade, número grande mesmo para outras cidades não-exemplares) que se agarram a certos morros de pior exposição e topografia, a certos vales de pior ambiente, como tábuas de salvação chamadas aqui «proximidade dos empregos», dos transportes baratos e ainda à parasitagem dos serviços da outra população **. E nenhuma solução que se queira ataque as causas do problema poderá deixar de ter presente este processo. Caso contrário poder-se-á chegar a ver na política de dar casa um factor de pauperização efectivo

3. A CASA

Agora se entende porque considero «nova» a posição tomada pela Câmara e ao mesmo tempo difícil que esta se mantenha fiel a essa posição: ao prometer reinstalar prioritàriamente os moradores dos bairros de lata nos mesmos terrenos que agora ocupam, reconhece-os de facto como munícipes especialmente carecidos de urbanismo (isto é, de bom sítio e bons serviços na cidade) e não de desalojamento compulsivo e até sem compensação. E ao fazê-lo afecta às camadas pobres (insolventes: até para as rendas das casas económicas) áreas demasiado importantes para que tal directriz se não sinta gravemente na receita municipal — áreas que estão de há muito destinadas à hasta pública, ao lado de áreas particulares que se valorizam como se nada tivessem com os problemas com que a colectividade se debate. Realojar 20 000 famílias — o que significa ainda não chegar às famílias das partes de casa e dos tugúrios — imporá o sacrifício de 300 ou 400 hectares, e o dispêndio, só para as casas, de 2 a 3 milhões de contos e quase outro tanto nos serviços urbanos. No entanto, o problema não está tanto neste montante de capital mas sim na sua baixa rentabilidade e recuperação dado que com os rendimentos reais que apresentam a maioria destas famílias não pode tirar um quinto nem mesmo um décimo dos seus ordenados para custear a sua nova casa; logo ficará uma apreciável margem para cobrir a título de investimento social a margem entre a rentabilidade da operação e a capacidade de pagamento da sua procura. Acabará portanto o Município por evidenciar ao Governo a sua impotência para efectivar um plano que é no entanto inadiável, solicitando-lhe leis saneadoras mesmo antes de avultados subsídios que não seriam mais que uma gosta de água no oceano das carências. Leis de aplicação geral e meios de acção conjunta interconcelhos, pois se não fôr esta tarefa impossível ao Município de Lisboa é-o com certeza para os dos concelhos suburbanos, designadamente o de Loures, o de Oeiras e os da Outra Banda — e o problema, esse, é comum.

Porque, a manterem-se as mesmas leis, é mais do que certo que por cada família realojada virá uma nova, sem que saiba de onde nem como, alojar-se algures em nova barraca num quarto ou um clandestino — é a força da própria necessidade de sobrevivência — enquanto não se vir alternativa à escala do problema a resolver. E assim, enquanto se acode a uma Brandoa, outras estão esquecidas e outras estão-se formando.

Mas não se podem fazer casas baratas e em quantidade, pergunta-se? Reafirmo, como uma obsessão, que o primeiro problema é urbanístico — ou seja, de localização e extensão dos lotes, e só depois, de construção de casas — que é por causa da interdição do uso do terreno que essas famílias não têm já uma casa melhor, apesar de pobres.

Insistem no entanto os Serviços em que não se podem fazer muitas casas porque a Câmara não tem terrenos — para esse fim, entenda-se.

Mas se assim é, não se pode dar qualquer passo pois a verdade é que até se pode prescindir de grande parte do gasto com as casas (que pode ser assegurado pelos próprios ou pela iniciativa da cooperativa, não lucrativista) mas de que não se pode prescindir é de terreno, saneamento, iluminação e equipamentos sociais — estes os serviços inalienáveis da administração pública.

O problema das prioridades não é teórico: com o gasto na construção de casas para 10 famílias faz-se uma escola primária para os filhos de 300 famílias. Com esse mesmo dispêndio no alojamento completo de 10 famílias, pode distribuir-se e urbanizar-se o terreno para 100 famílias; qual será a ordem de prioridade mais saudável?

Julgo ser esta mudança de óptica da casa para o solo, a chave do problema e que se continuam a aceitar com demasiada facilidade, soluções aparentes que a experiência tem demonstrado não terem qualquer vância.

Duas dessas falsas soluçõ frequentemente faladas na Imp vale a pena chamar a atenção suas contradições: uma delas em fazer casas definitivas m metade de um preço normal -as em miniatura e sem (exemplos desde a desolada M ra até aos glamorosos Oliva tugúrios de cimento das próxi cadas), e a outra consiste em a preço inferior (?) ao de un normal, barracas prefabricadas mente miniaturais e ainda men táveis que as primeiras (exem bairros de «lusalite», das enx até ao Bairro do Relógio, o atingiu a peor qualidade e mais alto).

Com esta segunda «solução a falar-se de bairros provisóri se localizam quase sempre em nos impróprios para habitação gados dos transportes e de de bairros e justificados como bairros de transição que ensi moradores ex-bairros de lata como... pessoas! Permita-se-me insurja contra esta espécie ções educativas não só porqu masiado cara (dada a duraçã péssima conservação) como tudo porque as populações merecem — elas próprias ser pazes de fazer melhor se as sem e as apoiassem. Esque, mau uso que se diz estas fam zerem das casas novas que l atribuídas, interessaria saber são consequência de soluções nas e arquitectónicas pouco r (por não preverem pátios ou ses, por exemplo) e se não fàcilmente resolúveis em comu pela acção de líderes locais e sistência técnica e social — n bairros que não sejam margin casas que não sejam promíscua em última análise não se pode para o desenvolvimento quem q seja sem começar por conse cidadão normal em um «habita mal.

uldade de Ciências

belecimento, da Faculdade ou Anexo, tenha o seu Regulamento interno, aprovado pelo Conselho.

Tal disposição só num ou noutro caso isolado foi cumprida.

Pensam os assistentes que pode atingir-se um grau imediatamente aceitável de co-gestão departamental. Nela poderão tomar parte, como se pensa ser dever e direito, delegados de todas as categorias de pessoal docente, investigador, discente, administrativo, técnico e auxiliar.

Com este fim em vista propõem, portanto, os assistentes desta Faculdade um plano de Regulamento Interno de Estabelecimento, contendo as medidas mínimas consideradas mais urgentes para o bom funcionamento dos departamentos, de acordo com os princípios enunciados.

Três órgãos directivos

4. O esquema apresentado, que foi aprovado em reunião geral de assistentes, é o resultado de amplo debate e discussão, e representa o consenso geral.

Propõe-se que a gerência dos Estabelecimentos seja da competência de três órgãos:

a) Um Conselho Directivo;

b) Um (Conselho) Plenário;

c) Sectores Administrativos.

Urgente reforma

5. As medidas agora preconizadas, que se espera firmemente encontrem o apoio do Conselho Escolar, são, como atrás se disse, de natureza muito restrita, de modo a evitar qualquer obstáculo à sua imediata [illegible]da em vigor.

Por este motivo, muitos outros princípios, além do de co-gestão, houve que omitir ou tratar com parcialidade. Esses deverão ser tratados na sua proporção nas sugestões a apresentar para a esperada e urgente reforma do Ensino Superior.

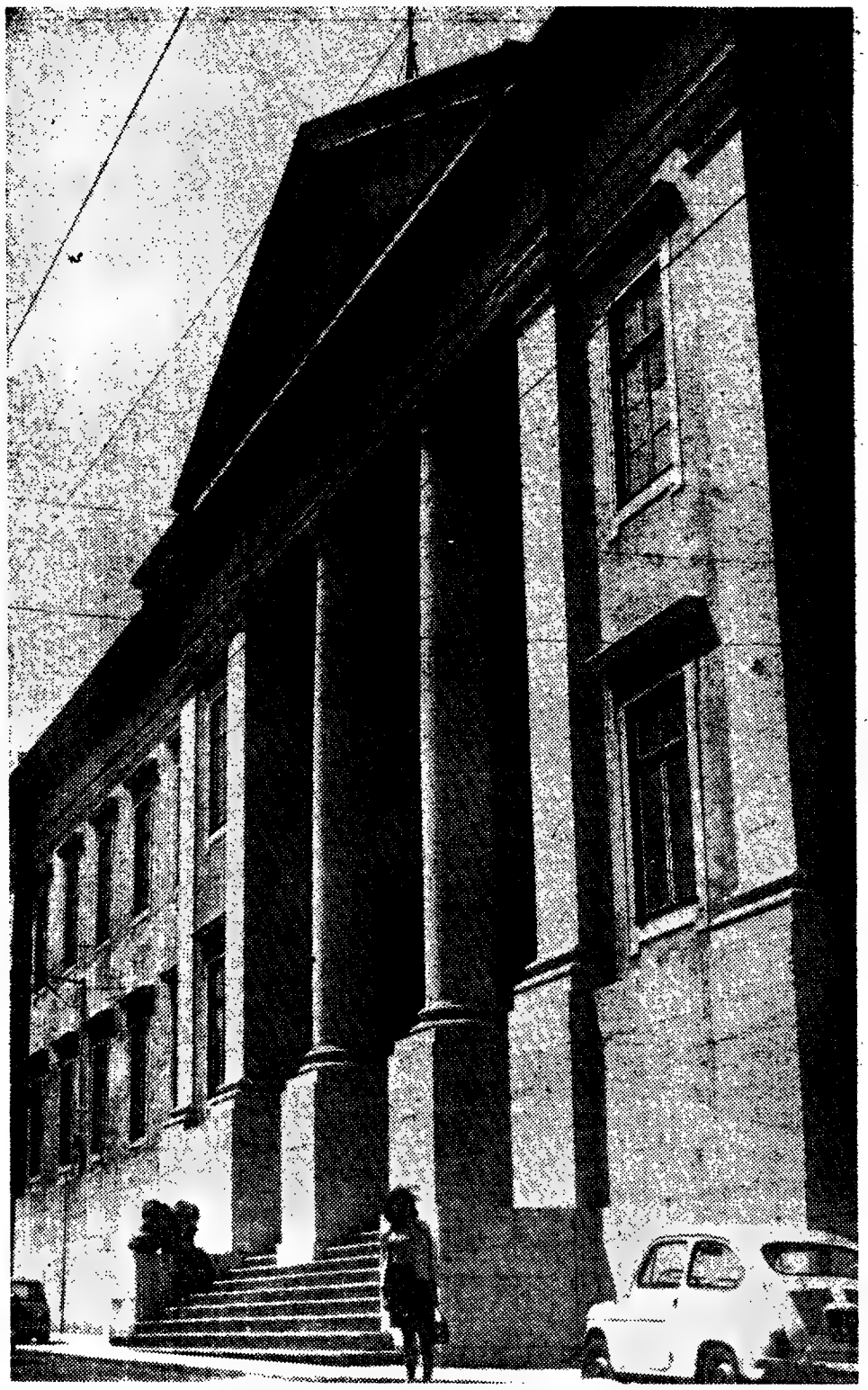
Reservam-se, portanto, os assistentes o direito de, dependendo de estudo e discussão futuros, propor medidas complementares ou mesmo de natureza diferente, dentro do convite agora aberto pelo ministro da Educação Nacional para um amplo debate acerca da Reforma.

Acreditam os assistentes desta Faculdade que o sistema que propõem, na forma de Regulamento Interno de Estabelecimento, poderá constituir um primeiro ensaio para o futuro regime administrativo d[illegible]lades.»

As principais alterações da Proposta do Regulamento Interno são a criação de um Plenário que será «constituído por todos os membros do pessoal docente e investigador, por alunos e por um representante do pessoal administrativo, um do pessoal técnico e um do pessoal auxiliar.»

As funções do Plenário são, entre outras, eleger os membros do Conselho Directivo e os representantes do Estabelecimento no Conselho Escolar.

O «Conselho Directivo» proposto pelos assistentes seria constituído pelo Director do Estabelecimento (presidente), um professor extraordinário, um professor auxiliar, um assistente, um assistente eventual, um representante do pessoal investigador e um estudante — aluno de cada uma das licenciaturas do Estabelecimento.



Faculdade de Ciências de Lisboa

qualquer rele-

soluções são
na Imprensa e
enção para as
delas consiste
divas mas por
ormal fazendo-
s em serviços
piada Musguei-
Olivais, (os
próximas dé-
sie em adquirir
de uma casa
ricadas (igual-
da menos habi-
(exemplo dos
as enxurradas
ógio, onde se
de e o preço

solução» volta
rovisórios que
mpre em terre-
bitação, segre-
e de serviço
s como sendo
ue ensinem os
e lata a viver
a-se-me que me
pécie de solu-
porque é de-
duração e a
como sobre-
leções as não
rias seriam ca-
se as deixas-
porque, sobre o
as famílias fa-
que lhes são
saber se não
soluções urba-
pouco realistas
os ou marqui-
se não seriam
m comunidade
locais e da as-
al — mas em
marginais, em
omíscuas, pois
e pode educar
quem quer que
r considerá-lo
«habitat» nor-

Volto a sublinhar a importância da declaração do presidente municipal: realojamento sempre que possível no próprio local — já que essa declaração condena a tradicional política dos bairros provisórios — eternizados para onde se começa por exilar os moradores das áreas a «sanear» (=negociar) os quais, uma vez desenraizados, removidos, quem acredita possam voltar à zona de origem ou equivalente, quando estas, após a operação de limpeza, se tornam 100 vezes mais valiosas?

Quando a carência de casas é tão grande não há provisório que se não torne definitivo — mas, passe o trocadilho, quando a carência de investimento público é tão flagrante, não há definitivo que não tenha de ser provisório — mas agora no sentido oposto àquele: o de ser pensado logo de raiz para poder ser melhorado á medida que melhora a situação sócio-económica dos habitantes *.**

O chão e as casas. É corrente os administradores só fazerem contas às segundas e mesmo assim, ano a ano, grupo a grupo de casas.

Ora um programa, seja camarário seja governamental terá de somar o chão às casas para poder fazer e manter as suas promessas.

Mas se não puder prover o dinheiro para tudo — e apesar de ser menos espectacular — terá de assegurar antes o chão, o chão para o maior número e a custo que não o empobreça — que o espaço é o primeiro direito à cidade.

NUNO PORTAS

* Para ver a gravidade da actual descoordenação bastará recordar o recente anúncio de uma linha férrea da CP, atravessando as terras entre as linhas de Cascais e de Sintra, não prevista no Plano da Região e valorizadora inevitável do custo do solo, privado, nessa área...

** E apesar disso, que juro não representa essa famosa taxa de 50$00 mensais a troco de... nenhum direito sobre o lote e nenhuns serviços de utilidade pública!

*** Sem dúvida que o maior erro dos «bairros sociais» que se têm feito, tendo os seus projectistas consciência de que a curto prazo serão insatisfatórios, é o de não darem margem para ampliações, modificações, apropriações, para além de pintar a parede, forrar o chão ou substituir os vidraços...

A parte da empresa no custo do ensino

Há pouco tempo o sr. Krister Wickman, ministro da Indústria da Suécia, afirmou numa conferência nipo-sueca, em Osaca, que as possibilidades de o seu país ter condições de competir, futuramente, no mercado internacional dependem do grau de especialização da sua indústria e da sua habilidade em inovar e em lançar no mercado novos produtos, métodos e sistemas. O orador, membro de um Governo demo-socialista (que o mesmo é dizer: arauto das novas tendências do capitalismo) defendeu que a estatização da economia, no seu país, não é meta desejada. Enalteceu o papel da iniciativa privada, numa sociedade, como a sueca, onde a investigação básica pertence ás Universidades e seus organismos e a investigação aplicada é da competência ds empresas privadas. Na Suécia, sómente 5 por cento das grandes empresas pertencem ao Estado, e normalmente trata-se de instituições de serviços públicos ou de carácter inovador, como seja a utilização pacífica da energia nuclear, investigação espacial, telecomunicações, etc.

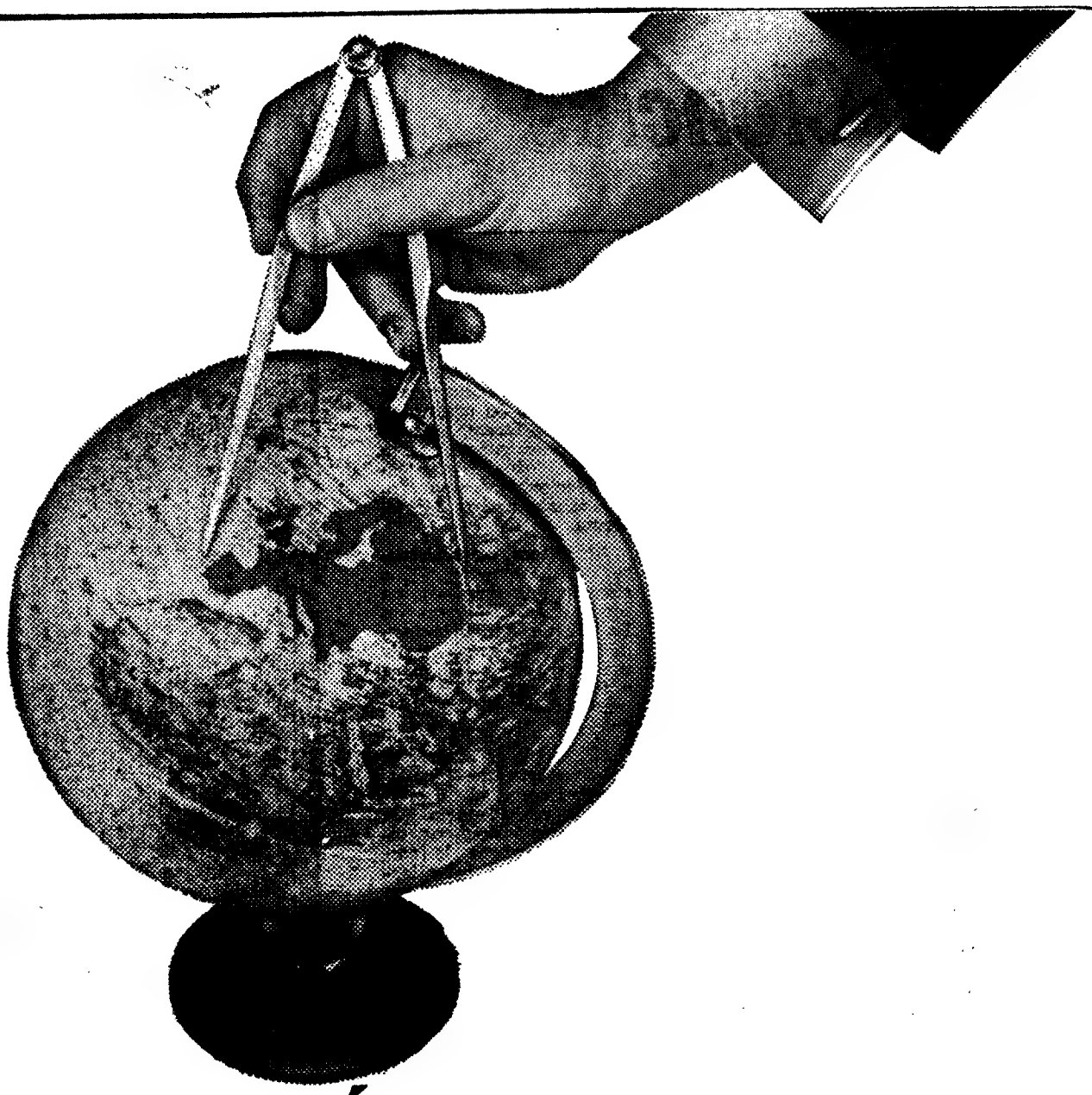
Ora, acontece que também entre nós este tema tem sido, nos últimos tempos, muito debatido. O capitalismo baseia-se, precisamente, no direito sagrado da iniciativa privada, apoiada num sistema político conforme. Mas, numa sociedade como a nossa, com um grau de desenvolvimento industrial quase inexistente, acontecem coisas paradoxais que nos deixam, por vezes, perplexos: se as coisas correm bem, proclama-se o tal sagrado direito á liberdade empresarial privada. Se as coisas correm mal são os próprios empresários que estendem os braços ao Estado a pedir socorro e a lembrar-lhe os seus deveres para com a economia nacional. Fora da engrenagem, estão o trabalhador e o consumidor, impotentes para deter e sanear os muitos casos de má administração, de incompetência, de desonestidade que alienam o futuro global da economia do País e o seu próprio (e sagrado) direito á segurança social.

Numa altura em que, agora também ao nível luso-brasileiro e luso-espanhol, se joga de novo, publicamente, na capacidade empresarial para reavivar a marcha para o desenvolvimento, julgamos oportuno relembrar um tema que já foi discutido e levantado neste suplemento: o do ensino e especialização técnica do trabalhador. Neste ponto, também, o empresário português tem gozado de prerrogativas e privilégios difíceis de compreender. A formação técnica-escolar, incluindo a investigação básica e aplicada, tem sido feita á custa do Estado — que o mesmo é dizer: á custa do povo português. Ora, essa preparação, essa especialização e essa investigação vão beneficiar directa e totalmente a empresa privada, que absorve a mão-de-obra nacional (quando esta não emigra). Os resultados são, de qualquer modo, os mesmos — ou quase. Beneficiando as empresas nacionais ou estrangeiras, o trabalhador paga os seus próprios estudos, a sua própria investigação.

É princípio de elementar justiça social que esta situação seja alterada. O País não ganha nada com ela, porque o arranque para o desenvolvimento torna-se muito mais difícil. O trabalhador também não, porque, de qualquer modo e apesar de tudo, os seus direitos no trabalho não têm em consideração aquela realidade.

Pois vai confiar-se á indústria privada a missão importante que oficialmente se lhe está a reconhecer, vamos também integrá-la no processo do ensino necessário. Sem este nada feito. A reforma custa muito dinheiro, e será injusto onerar mais a população a favor de empresas com fins absolutamente lucrativos e especulativos das condições de mercado. Pagar o ensino, aplicá-lo, pela força do trabalho, a favor da empresa e consumir, depois, os produtos fabricados através dos quais ela vai remunerar-se, com juros elevados, e recuperar largamente a força do trabalho que pagou, é um círculo a equilibrar com lato sentido de justiça.

Aqui ao lado, a Espanha (com um regime político muito próximo do nosso) já o compreendeu: a reforma do ensino vai ser suportada, em larga medida, pela empresa privada.



IMPÉRIO

uma dimensão internacional em seguros

618 mil contos de receita de prémios e 27% de crescimento em 1969

O que significa, em seguros, esta dimensão?

Maior tecnicidade. Gestão racionalizada. Produtividade. E, naturalmente, **maior segurança.**
Essa segurança, já a temos em todo o território português. Em Angola, em Moçambique, na Guiné. Tal como em todo o Portugal Metropolitano e Insular. Essa segurança é necessária para nos abalançarmos a concorrer nos grandes espaços económicos da Europa.
A Império optou pelo alargamento para além fronteiras. Já estamos presentes na Bélgica. Em breve, em Londres. E outros pontos da Europa se seguirão. Esta orientação não é apenas um desejo de crescer. Esta orientação é o caminho para melhor servir o triângulo de interesses que constitui a razão de ser da empresa: **o cliente, o accionista e o colaborador.**
É o caminho para o servir melhor.

A dimensão Império é possível porque a Império é uma companhia de Marketing

Ser uma companhia de Marketing, é viver com a atenção posta no cliente. É existir em função dele. É construir as soluções — em termos de segurança — que o cliente necessita.
Tão importante para a sua segurança, como o seu seguro, é a atitude da Império quando se debruça sobre a opinião do cliente. Efectua estudos permanentes sobre os seus interesses e as suas preocupações.
E assim, tem sido possível melhorar os nossos processos e as relações com os diversos grupos com que contactamos, os segurados, os sinistrados, os terceiros.
Provam-no, os inquéritos feitos por Gabinetes de Estudos especializados, que confirmam, inequivocamente, o estilo das boas relações Império — Cliente e a compreensão e eficiência da Império ao intervir na reparação dos sinistros. **Por exemplo, em 1969, no ramo automóvel, só um número mínimo de sinistros, teve intervenção judicial. Podemos dizer que não existiu problema em cerca de 98 % dos casos.**
Tão importante para a sua segurança, como o seu seguro, é a atitude renovadora e modernizadora da Império.
Actualiza os seus quadros. Prepara a formação dos seus colaboradores. (Em 1969, organizou 54 cursos com a frequência de cerca de 500 indivíduos).
Assim, os nossos clientes sabem que encontram, na Império técnicos altamente preparados, capazes de os elucidar e de os aconselhar no melhor aproveitamento do seguro que lhes convém.
Tão importante para a sua segurança, como o seu seguro, é a racionalização dos nossos serviços.
A Império acaba de assegurar, em comum com o grupo de que faz parte, a utilização de dois ordenadores IBM 360.
Esta maneira de existir, virada para o futuro, esta maneira dinâmica, e simultâneamente objectiva, assente no conhecimento correcto e permanente das necessidades de segurança da família e das empresas, tem levado a Império à constante actualização e à introdução de novas modalidades de seguro, inéditas em Portugal.
Lançou o **Seguro Popular Império** que abriu caminho à larga difusão do seguro de vida junto de todas as camadas sociais.
Adoptou a óptica «seguro por medida», concretizada em modalidades ajustáveis à diversidade das situações individuais e familiares.
A par dos países mais avançados da Europa, criou coberturas para riscos industriais — seguros de máquinas, montagens e perdas de exploração.
E também — seguros de grupo e pensões de reforma.
A nossa óptica de Marketing, deu-nos esta dimensão. Ela confirma que trilhamos o caminho certo. Ela dá-nos a possibilidade e o à-vontade para nos lançarmos na Europa. É o que já estamos a fazer.

Para si. Para o servir melhor.

Contacte um homem da Império. É um amigo

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

Lista branca, lista negra

Entre as notas de Rolf Hochhut, o célebre autor de «O Vigário», para a sua nova peça, encontra-se uma lista (negra e branca) das famílias em cujo poder se encontra a chave do poder ocidental.

Para informação dos nossos leitores, aqui reproduzimos essa lista que Hochhuth elaborou.

ROCKEFELLER: Standard Oil (New Jersey), Socony Mobil Oil, Standard Oil of California, Standard Oil (Indiana), Marathon Oil, Standard Oil (Ohio), Pichfield Oil, Atlantic Refining.

DU PONT: General Motors, E. I Du Pont de Nemours, Philips Petroleum.

U S.: Rubber.

FORD: Ford Motor.

PHIPPS: U. S. Steel, R. Grace, International Paper.

HALDANE: U. S. Steel.

HILL, GATES, LAPHAM: Texaco.

MELLON: Gulf Oil, Bethlehem Steel, Aluminum Co. of America, Westinghouse Electric, Pittsburgh Plate Glass, Chrysler General American Transportation, Consolidation Coal.

ROSENWALD: Sears, Roebuck.

PAINE, LA CROIX: General Telephone & Electronics.

WATSON-SMITHERS-HEWITTFAIRCHILD: International Business Machines.

BRADY: Consolidated Edison (N. Y.).

WHITE: Gardner, General Electric.

CROCKER: Pacific Gas and Electric, Southern Calif. Edison.

HARKNESS, JAMES: Southern Pacific.

DODGE: Southern Pacific, Phelps Dodge.

CHRYSLER: Chrysler.

BACHE: Chrysler.

HUTTON: Chrysler, General Foods.

HANNA: CHRYSLER, National Steel, Phelps Dodge, Consolidation Coal.

GRACE: Bethelehem Steel, W. R. Grace.

SYMONDS: Tennessee Gas Transmition.

STONE & WEBSTERN: Tennessee Gas Transmition, Transcontinental Gas Pipe-Line.

KIRBY: New York Central RR, F. Woolworth.

MURCHISON: New York Central RR.

KENAN-ACHESON: Union Carbide.

HARRIMAN-GOELET-VANDERBIT: Union Pacific R. R.

McCORMICK: International Harvester.

DEERING: International Harvester, American Smelting and Feeling.

PITCAIRN: Columbia Gas and Electric.

PROCTER-GAMBLE: Procter and Gamble.

PHILIP: Eastman Kodak.

CARTER: Eastman Kodak.

CONNOR: Anaconda.

GIMBEL: Anaconda.

GUGGENHEIM: Anaconda, Kennecott Cooper.

MATHER: Republic Steel, Youngstown Sheet & Tube, Inland Steel.

DOW: Dow Chemical.

ROSENGARTEN: Philadelphia Electric.

SCHOELKOPF-MACHOLD-EASTON-LEWIS: Niagara Mohawk Power.

FIRESTONE: Firestone Tire and Rubber.

RIECK: Firestone Tire and Rubber, National Dairy Products.

WOLWORTH: Firestone Tire and Rubber. F. W. Woolworth.

MEYER-WEBER-NICHOLS: Allied Chemical.

MILL: International Paper.

BROWN & ROOT: Texas Eastern Transmission.

PAYSON: Armco Steel.

REYNOLDS: Reynolds Metals, R. J. Reynolds Tobacco.

GETTY: Tidewater Oil.

MOORE: American Can.

OLIN: Olin Mathieson Chemical.

PEW: Sun Oil.

BLOCK: Inland Steel.

REYERSON: Inland Steel.

LAUGHLIN-HORNE-JONES: Jones & Laughlin Steel.

KAISER: Kaiser Aluminium, Kaiser Steel.

MATTHEWS-STEWART-EARL: Union Oil of California.

PENROSE: Kennecott Copper.

DEERE: Deere.

WARD-THORNE-AVERY-McLENNAN: Montgomery Ward.

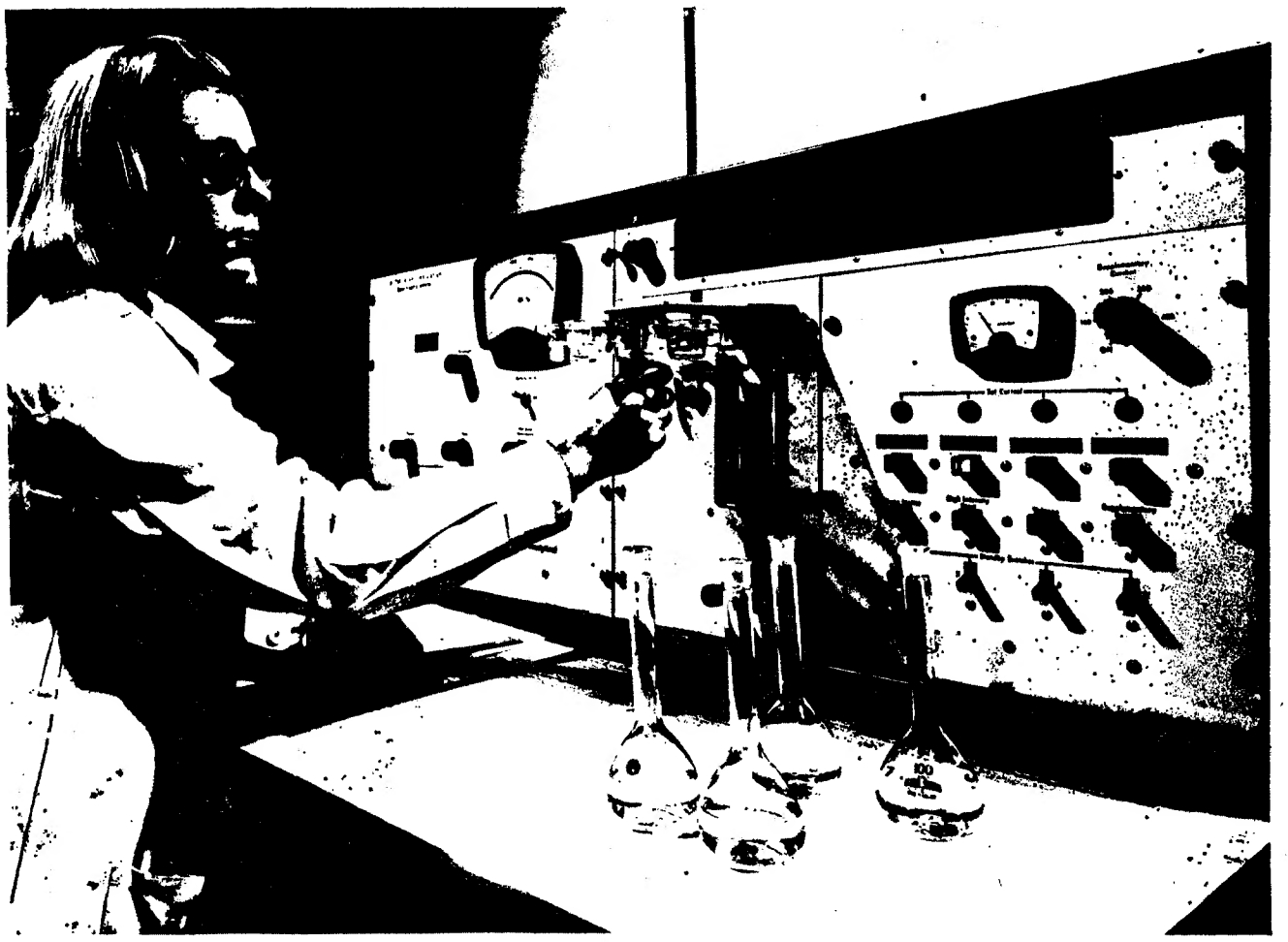
McCANN: F. W. Woolworth.

DONOHUE: F. Woolworth.

SINGER: Singer.

CLARK: Singer, Eastman Kodak.

MILLER-VOLKMAN-SCHILLING: Pacific Lighting.



A automação não é (só por si) libertadora

Alguns autores fazem da automação uma panaceia universal. Há um optimismo tecnicista cujas soluções se caracterizam por um desarmante simplismo.

Sobre este tema da automação, um capítulo do último livro de Georges Lefranc tem o interesse de *pôr um pouco de água na fervura* do entusiasmo dos que supõem que a automação, por si só, assegurará a libertação dos homens.

Nem o livro nem o capítulo referido são, longe disso, excepcionais. No entanto, a série de problemas ligados à automação que Lefranc enuncia vale a pena ponderá-la, se não queremos cair na euforia das soluções puramente técnicas.

Em primeiro lugar, *neste momento,* não é preferível a possibilidade de uma economia completamente automatizada. Há de facto indústrias que se prestam a uma automação integral, ou quase: refinarias de petróleo, fábricas de cimento, centrais eléctricas, etc. Em termos de mão-de-obra: 10%. Há um segundo grupo de indústrias que pode ser automatizado em 75%: siderurgia, fábricas de automóveis, montagens de radiotelevisão, fábricas de móveis, transportes, etc. Calcula-se que este segundo grupo englobaria 20% da mão-de-obra. Mas há um terceiro grupo de actividades que é refractário á automação. Constituem-no a agricultura, a construção, as profissões liberais e os serviços. Ora este terceiro grupo perfaz 70% da mão-de-obra.

Georges Lefranc estabelece uma relação entre a automação e os países subdesenvolvidos. Por um lado, estes tirariam assinaláveis vantagens se automatizassem um certo número de empresas, porquanto, ao industrializarem-se, se instalariam imediatamente no *estadium* mais avançado do progresso industrial, e além disto, a automação facilitar-lhes-ia o problema dos trabalhadores qualificados, dado que precisariam de um número menor, e a técnica da automação é mais fácil de assimilar do que a da mecanização simples. Completamente ou em grande percentagem automatizadas há no Próximo Oriente, refinarias de petróleo, instalações siderurgicas na América Latina, fábricas de cimento na Ásia.

Mas, por outro lado, a automação tem, para os países subdesenvolvidos, um grande inconveniente: agrava um dos seus problemas mais difíceis, que é o do desemprego.

Georges Lefranc aborda também a questão do ponto de vista da classe operária ocidental. Não há dúvida que a automação traz vantagens ao trabalhador: menos fadiga física, tempo de trabalho reduzido, possibilidade de melhores salários, etc. Mas nem por estas evidentes vantagens os sindicatos deixam de exprimir os seus receios quanto á automacão.

Em primeiro lugar, ela pode provocar o desemprego. Em 1957, uma fábrica de automóveis de Conventry automatizou a sua cadeia de fabrico de tractores.

Resultado: 2500 operários despedidos.

Há quem defenda que se a automação diminui os empregos ao nível da empresa, ao nível da indústria mantém-nos e no conjunto da economia nacional multiplica-os. Ainda assim, a automação provocaria um delicado problema de reconversão de mão-de-obra. «O operário passará a engenheiro electrónico? Pois sim, «comenta Walter Reutheur», mas digam-me *como* é que ele se torna engenheiro?»

A automação permite produzir mais e mais depressa. Mas é preciso vender o que se produz. Como alargar o mercado?

Alargar o consumo no quadro das fronteiras nacionais — talvez não chegue.

Há a solução supranacional, como a do Mercado Comum, mas conhecem-se as dificuldades que ela tem de vencer. Há ainda a solução tipo Plano Marshall: empréstimo a um país pobre ou empobrecido para que ele possa comprar ao país credor. Também aqui os problemas são imensos.

Para mais, a amortização do equipamento automatizado tem de ser rápida, porque as instalações automatizadas envelhecem depressa. Sobre o tempo de amortização, os economistas soviéticos Klimenko e Rakowski forneceram os seguintes dados à UNESCO:

Indústria química	10 a 15 meses
Siderurgia	18 a 22 »
Metais não ferrosos.....	10 a 25 »
Centrais eléctricas	10 a 25 »
Indústria alimentar	10 a 20 »

Portanto, tempo médio 15 a 25 meses. Em suma: o ritmo da generalização da automação não será tão rápido como alguns supuseram os sindicatos vêem o seu desenvolvimento com certas apreensões, os capitalistas fazem as suas contas. De nenhuma maneira a automação aparece só por si como libertadora. Tecnologia, ela é como a língua de Esopo — a melhor e a pior das coisas, depende do uso. E para se fazer o melhor uso possível dela há algumas condições prévias, que não são tecnológicas, a realizar.

Cine-clubes

Cont. da pág. 4

ção do movimento cineclubista. Importa, quanto antes, uma análise retrospectiva dos erros cometidos. Importa um Novo Encontro Nacional. Importa, antes de mais, um abordar de frente as dificuldades de cada um e, colectivamente, procurar superá-las. Não creio em soluções do género sem a realização anterior dos problemas locais. Os cineclubes têm, pela sua localização, de responder, para além das suas finalidades específicas, a outras, específicas do seu meio socio-económico dos particularismos regionais, dos condicionalismos entravantes. Penso que nesse estudo (a realizar colectivamente por odos os cineclubes a fim de se atingir um programa que ultrapasse a já clássica demagogia dos comunicados conjuntos, programa esse que explicite uma noção concreta das estruturas e um modo de actuação nelas), reside a vitória ou o marasmo do movimento cineclubista.»

Televisão: é menos prejudicial deixar de transmitir dez programas bons do que dar um de tão baixa categoria

Canções entre aspas

Cont. da pág. 1

do mau gosto, vender, em suma, «gato por lebre», é uma fraude.

— Contra a degradação do nosso património cultural. Porque colaborar na fraude (organizando, interpretando, transmitindo, apadrinhando), atribuir-lhe foros de grande acontecimento e, desse modo, ajudar a falsear a verdadeira natureza da *música* e da *canção* e a verdadeira face do povo português e da sua arte, é um atentado à cultura, pensado e amadurecido (com a agravante da premeditação, dir-se-ia em direito penal).

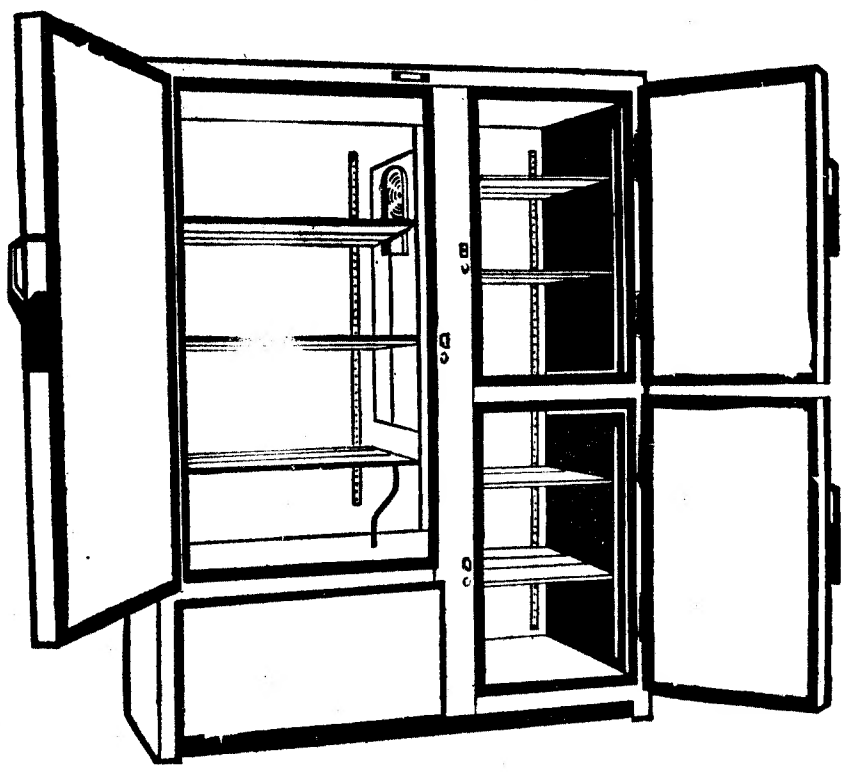
— Contra a perversão da sensibilidade e da inteligência dos espectadores (designadamente as crianças e adolescentes, que estão na fase de formá-las e desenvolvê-las).

Infelizmente, os principais circuitos de informação (e, desde logo, a TV) abrem todas as portas a esta e a outras vagas aflitivas. Os responsáveis ainda não quiseram perceber que, na balança da educação, esta tem de pesar nos dois pratos. Em paráfrase à conhecida máxima de um grande educador (e pensando sobretudo na RTP) diríamos que «é preferível *não admitir* na televisão dez programas sérios e educativos do que *admitir* um de efeito imbecilizante». Por outras palavras: a ausência de dez programas de categoria é menos nociva do que a presença de um só festival deste tipo.

MÁRIO VIEIRA CARVALHO

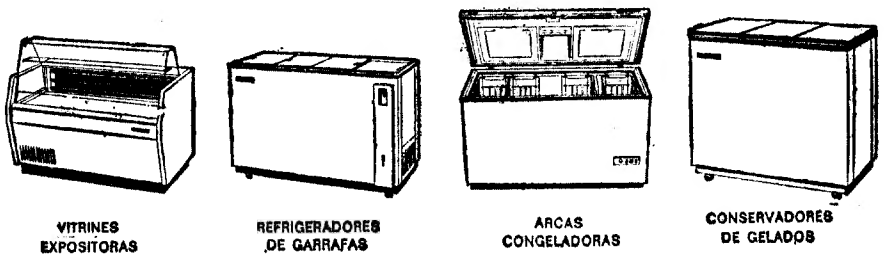
Kelvinator

a marca americana de fama mundial



ARMÁRIOS FRIGORÍFICOS

EM REFRIGERAÇÃO, CONGELAÇÃO OU MISTOS
CAPACIDADES DE 500 A 1200 LITROS.



VITRINES EXPOSITORAS — REFRIGERADORES DE GARRAFAS — ARCAS CONGELADORAS — CONSERVADORES DE GELADOS

sequel

Trav. do Moinho de Vento, 28 C
Tel. 67 32 94 / Lisboa 3

Inquérito

Cont. da pág. 3

tradições do sistema, somando-as ás que lhe são próprias; são as contradições, em processo de agudização, entre o carácter social de produção e o carácter privado da propriedade, no caso a propriedade fundiária.

O cooperativismo aparece-me como solução precária e limitada porque é forma que se insere no todo social, que se subordina (ou é rejeitado) aos objectivos do todo social. Solução precária e limitada, mas que pode ter o maior valimento, se assim entendida por quem a formalizar, à partida ou na própria prática cooperativa.

Não considero que o cooperativismo resolva contradições, na agricultura ou em qualquer outro tipo de actividade, sobretudo as contradições não técnicas, as de base, as de reflexo do processo global. Mas considero que pode ser muito útil como ilustração dos limites das soluções limitadas, a dos caminhos de cooperação como caminhos de soluções efectivas, como meio educativo (cooperativas-homens a procurar soluções em conjunto, em discussão, em colectivo).

É claro que seria de perguntar, no relativo à agricultura: cooperatismo de quê? e onde? e com quem? e com que formas de concretização? e com que participação?

Mas isto já não é responder a uma pergunta...»

Moçambique: saldo fortemente negativo na balança de pagamentos

«Economia de Moçambique», revista mensal editada na Beira, publica, num estudo sobre a balança de pagamentos de Moçambique, em 1969, alguns comentários oportunos:

«A balança de pagamentos da Província apresentou em 1969 um saldo negativo de 1 287 927 contos, negatividade essa que se começou a manifestar logo nos primeiros meses do ano e que não foi possível debelar, tendo-se, desse modo, batido todas as marcas anteriores no tocante a este indicador.

No nosso número de Maio de 1969, ao tratarmos do mesmo tema, afirmávamos «...a menos que se tomem medidas imediatas, o saldo negativo do ano em curso poderá criar já algumas pequenas dificuldades á liquidez externa da Província».

Nessa altura o saldo firmava-se em cerca de 213 mil contos negativos.

Pelo nível alcançado pelo saldo final da balança de pagamentos não é difícil antever as dificuldades por que se deve ter passado no tocante á liquidez externa.»

AGRAVAMENTO

A balança de pagamentos de Moçambique fechou o exercício de 1969 com um «déficit» de 1279 milhares de contos contra 318 mil, em 1968. O agravamento (de 961 mil contos) foi mais do triplo em relação ao ano anterior. A curva dos saldos negativos deu, assim, um salto brusco, fornecendo um indicador importante sobre a crise que aquela publicação refere.

Em 1969 os 1279 milhares de contos, do saldo negativo, representam uma recessão muito significativa se o relacionarmos com os saldos negativos, de 1958 a 1968. Esses saldos foram, em milhares de contos: 1958, 77; 1959, 252; 1960, 274; 1961, 440; 1962, 83; 1963, 386; 1964, 223; 1965, 218; 1966, 399; 1967, 333; 1968, 318. De 1963 a 1968 os saldos negativos da balança de pagamentos nunca ultrapassaram os 400 milhares de contos, mantendo-se entre os 218 mil e os 399 mil contos, com flutuações máximas de 181 mil contos (de 1965 para 1966) bem longínquas da actual variação de 961 milhares de contos.

O volume global de receitas desceu de 1968 pra 1969, o que contribuiu para o agravamento da situação. Passaram de 8432,4 milhares de contos, em 1968, para 8162,9 milhares de contos, em 1969. A quebra foi de 269 500 contos. A segunda mais importante fonte de receitas de Moçambique, logo após a prestação de mercadorias, continua a ser a «prestação de serviços» (transportes). O valor das receitas de transportes foi de 2030 milhares de contos (24 por cento das receitas globais), dominando, apesar de um decréscimo de 70 milhares de contos, de uma forma acentuadíssima, os saldos positivos (75 por cento em 1969).

TRANSFERÊNCIAS PRIVADAS

As transferências privadas e as «mercadorias» são «porquês» fundamentais do agravamento. A Província pagou mais 780 100 contos de mercadorias e recebeu menos 407 400 contos (diminuição do volume global de matérias-primas ou diminuição do valor unitário das matérias-primas?). Esta diminuição do valor de mercadorias é acompanhada de uma significativa existência de «transferências privadas» para o exterior: em 1968 e 1969 saíram mais de 500 milhares de contos, entrando menos de 84 milhares. Estas duas indicações sugerem maior dependência de Moçambique em relação ao capital lá investido.

URGÊNCIA

«Economia de Moçambique» alerta, nas conclusões do seu estudo, que «a liquidez externa, mesmo com o estrangeiro, atingiu já alguns valores tão baixos que o problema tem de ser estudado com a maior urgência».

A descoberta dos desacertos e contradições da sociedade actual preocupa os jovens e leva-os a reagir contra ela.

Explosão demográfica e desenvolvimento

No seu relatório anual, o embaixador Adwin McCammon Martin, presidente da Comissão de Ajuda ao Desenvolvimento (C. A. D.) do O. C. D. E. preocupa-se com o que é preciso fazer durante o próximo decénio — «o segundo decénio do desenvolvimento. A frente dos seus cuidados está a necessidade do pleno emprego, sobretudo nos países menos desenvolvidos, defendendo o princípio de que, ao contrário de um crescente descompromisso, deve, isso sim, aumentar-se o volume do auxílio prestado pelos países desenvolvidos. «Acima de tudo, será necessário atacar o desemprego, porque um homem sem trabalho não pode ter o sentimento de participar num esforço comum.» Quer diga respeito a pessoas que tenham — ou não — recebido uma formação, o desemprego não é sòmente um grande desperdício económico e a fonte de numerosos males sociais, mas constitui também uma força explosiva no plano político.

Depois de referir que os países desenvolvidos fizeram do «pleno emprego» o eixo central da sua política nacional, o presidente do C. A. D. frisa a indispensabilidade de desenvolvidos e subdesenvolvidos darem as mãos para resolver o problema. «Um trabalhador será tanto mais produtivo quanto for saudável e instruído. A melhoria da nutrição pode reduzir sensivelmente as despesas médicas e melhorar também a eficácia das despesas do ensino». Contudo, não basta ter especiais cuidados com a alimentação das crianças, ter uma mão-de-obra qualificada e de boa saúde: é preciso criar novos empregos e, sobretudo, «o desemprego só poderá chegar a níveis toleráveis se as taxas de natalidade baixarem considerávelmente. A escolha é simples, mas fundamental: a explosão demográfica ou a melhoria das condições de vida. Trata-se de uma escolha pessoal e nacional. Não deve ser imposta, mas deve ser feita em pleno conhecimento das realidades».

O drama reside, pois, no pleno conhecimento das realidades. Mas quais realidades? Uns, os preocupados com o lado humano da nossa existência, dizem que nem uma terça parte das potencialidades alimentares existentes na Terra está explorada. Outros, os homens da produção, afirmam o terror da explosão demográfica e reduzem o problema da formação do homem e do seu direito ao trabalho a termos de «deve» e «haver» a condição-base do desenvolvimento.

Pleno conhecimento das realidades? Talvez nos falte, também ao nível de sociedade de consumo, um pleno e desejável conhecimento do equilíbrio. Há muitos factores em jogo, os mais importantes dos quais tendem a ser fàcilmente esquecidos. Um deles parece continuar em causa: o da escravatura — do homem perante a máquina ou desta perante o homem.

Factos que explicam uma crise reconhecida

Toda a gente sabe — professores, alunos, pais de alunos, Governo — que a Faculdade de Letras de Lisboa não funciona como devia.

Num recente artigo da revista Ocidente, *n.º 385, Maio 1970, «A Situação da Faculdade de Letras de Lisboa, alguns aspectos», A. H. de Oliveira Marques, António José Saraiva e Vitorino Magalhães Godinho, que conheceram de dentro aquele estabelecimento de ensino superior, iniciam uma análise da estrutura e do funcionamento da instituição, que põe em evidência certos factos explicativos da sua actividade deficiente. Eis alguns dos factos mencionados no referido trabalho.*

— O quadro docente das Faculdades de Letras de Lisboa e de Coimbra é pràticamente o mesmo do instituído pela reforma de 1918.

— No grupo de Filologia Clássica, há vago um lugar de catedrático e dois de professor extraordinário. A lei estipula dois lugares de catedrático e outros tantos de professor extraordinário.

— No grupo de Filologia Germânica passa-se exactamente a mesma coisa que no de Filologia Clássica.

— Em Pedagogia a lei prevê um professor catedrático. O lugar não foi preenchido depois da morte de Delfim Santos.

— Feitas as contas totais verifica-se que 48% dos lugares de quadro se encontram vagos.

— Considerando que na Faculdade de Letras há noventa e seis cadeiras, os autores do artigo concluem, partindo do princípio razoável de cada professor poder reger duas cadeiras, que o actual corpo docente é entre 1/3 e 1/4 do que deveria ser. Mas de facto Vitorino Nemésio regeu até hoje 9 cadeiras, Prado Coelho 10, Lindley Sintra 7, Maria de Lourdes Belchior 6, Gonçalves Rodrigues 6, Orlando Ribeiro 10, Moreira de Sá 6 (desde História dos Descobrimentos a Psicologia Experimental). Pobres professores da Faculdade de Letras que, como nós jornalistas, têm de saber de tudo!

— Da falta de professores preenchendo os quadros resulta que muitas das cadeiras são regidas por assistentes. Naturalmente, pelo menos em alguns casos, o nível dos cursos ressente-se.

— Acresce que, segundo os autores do artigo, reinam na Faculdade favoritismos de vária ordem, e até o nepotismo, no recrutamento dos assistentes. Uma sobrecarga de trabalho (horários, correcção de pontos, etc.) deixa-lhes pouco tempo livre para alargarem o seu horizonte intelectual. Não admira pois que dos 70 assistentes que de 1936 a 1964 entraram na Faculdade só 24 se tenham doutorado e 13 chegado a professores.

(Os autores informam, e insistem, que 5, dos 70 citados assistentes, morreram já. Morreram de Faculdade de Letras?)

— Atente-se nos ordenados dos assistentes: 2.º assistente 4600$00, 1.º 6500$00. Por cada cadeira que regem recebem mais 1200$00.

— Posto isto, não admira que Mariano Feio ensine hoje na Universidade de S. Paulo, Rosado Fernandes no Queen's College de Nova York, Gentil da Silva trabalhe no C. N. R. S., etc. Portugal, exportador de cérebros!

— Outros factos apontados por Oliveira Marques, António José Saraiva e Vitorino Magalhães Godinho: cadeira de História de Portugal: 1122 alunos, 1 assistente; Filologia Românica: entre 1957-58 e 1960-61 inscreveram-se 216 estudantes, entre 1963-64 e 1966-67 licenciaram-se 26 estudantes, percentagem, portanto, de 12%.

A face disto não admira, pois, que a Faculdade de Letras funcione deficientemente.

P. S. — Há dias, no Porto, o ministro da Educação Nacional anunciou uma nova reforma da Faculdade de Letras.

Uma nova experiência cooperativista

Cont. da pág. 5

tro superadas estas dificuldades e com um capital inicial de mil e cem escudos, iniciou-se uma campanha no meio universitário e garantiram-se as instalações num prédio em decomposição.

Nesta primeira fase, deu-se andamento às obras de que as instalações, muito deficientes necessitavam, tentando-se a criação dum supermercado. Só sete meses depois as obras chegaram ao ponto de permitirem o funcionamento de outra secção (bar e restaurante).

Carlos Ribeiro, secretário-geral da Direcção, forneceu-nos uma síntese das actividades recentes:

— Após a montagem do supermercado e dum serviço muito deficiente de bar, verificámos que as instalações se estavam a tornar exíguas e a exigirem modificações. Tivemos, portanto de reestruturá-las e de torná-las mais propícias ao convívio juvenil. Um aumento, ao longo do segundo ano, de 50 por cento dos sócios trouxe-nos melhores perspectivas ao trabalho futuro.

— Quais as actividades futuras previstas? — perguntámos a Manuel Strecht, presidente da Direcção.

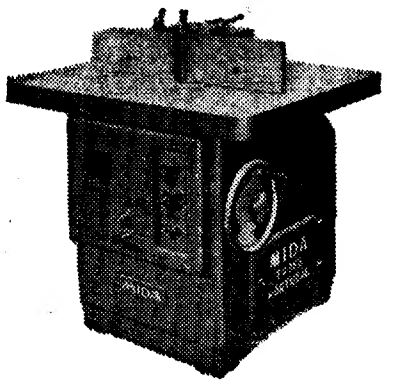
— A partir do saneamento económico começaremos a pensar em novas iniciativas, nomeadamente uma secção fotográfica, exposições, distribuição domiciliária, creche, jardim infantil ao serviço dos pais universitários ou trabalhadores.

— É necessário recordar — disse-nos Leonida Miranda, secretária da Direcção — *que a Cooperativa visa servir a cidade no seu conjunto e não só os universitários. Para já temos muitos sócios não estudantes, empregados de escritório, operários (e até comerciantes) e temos como objectivo prioritário abrir serviços em zonas limítrofes da cidade.*

— A Cooperativa teve, desde a sua fundação, alguma ajuda ou subsídio oficial? — perguntámos a Carlos Fraião.

— Não. Temos contado com a boa-vontade dos associados. Mas, neste momento qualquer ajuda ou subsídio seria de louvar. Se não conseguirmos um saneamento económico, podemos deparar com largas dificuldades, a curto prazo.

«MIDA»



UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

TUPIA VERTICAL
Mod. TV-6

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

CONSERVATÓRIO NACIONAL

Decénios de estagnação

JOAQUIM BENITE

Prova de exame no Conservatório

Os exames dos alunos de «arte de representar» do Conservatório Nacional, a que os jornais recentemente se referiram, oferecem suficientes motivos de amarga meditação. Para lá da apreciação crítica do mérito daqueles que prestaram provas — à qual, aliás nem sequer as críticas que saíram atribuíram grande significado — o que há a reter deste, acontecimento, é a evidente esclerose do nosso «ensino» de teatro, o seu carácter absolutamente antiquado, reconhecido hoje por todos os sectores teatrais, desde o actor menos culto ao mais informado, desde a crítica mais moderada à mais exigente.

No meio teatral, o desprestígio do Conservatório é completo. Uns, habituados a um êxito que não exige qualquer conhecimento, olham o instituto de ensino de teatro com um desprezo que decorre naturalmente da sua ignorância e da observação comezinha de que a ninguém se exige um curso para triunfar nos palcos. Para esses, que acreditam que se nasce actor, que ser actor não consiste no resultado de uma preparação técnica, mas numa espécie de predestinação (e nesta perspectiva o estudo é substituido pelo jeito, a técnica pela improvisação), naturalmente que o Conservatório (este ou qualquer outro) será visto apenas como um ornamento desnecessário. Para os outros., os que beneficiam de uma informação relativamente actualizada ou dedicam o seu tempo, realmente, a um estudo profundo dos problemas teatrais (e estes são raros, diga-se), o Conservatório aparece também como uma instituição absolutamente inadequada e, pior do que isso, prejudicial.

TRÊS ANOS GASTOS (PERDIDOS)

Que factor está na origem deste desprestígio?

No final do exame dos alunos finalistas deste ano, fizemos a dois deles uma pergunta singela: «*O palco do Conservatório tem teia?*». Ambos nos olharam embaraçados e ambos confessaram não saber o significado desta palavra. Numa disciplina que se chama pomposamente «Arte de representar e encenação», os alunos desconhecem até uma coisa tão simples como a linguagem rudimentar de designação técnica dos elementos do palco.

Mas é isto de estranhar? Claro que não. Durante os três anos que *gastam* no curso, os estudantes do Conservatório não pisam um palco. O seu estudo desenvolve-se nas salas de aula e os seus exercícios não ultrapassam o espaço minúsculo de um dispositivo cénico sem quaisquer condições. Sair, vir até ao teatro, aprender na prática uma profissão para que se estão preparando, é coisa que não se proporciona aos alunos do Conservatório. É o mesmo que um estudante de Química não entrar num laboratório senão na altura do exame final, ou um estudante de Botânica sair para o campo sòmente no último dia do curso, para classificar plantas que conhece apenas da descrição literária ou das imagens dos livros...

Esta situação observa-se em todos os sectores do ensino oficial de teatro no nosso País. Aspectos tão fundamentais, no teatro moderno, como o da iluminação, são absolutamente ignorados pelo candidato a actor. Nenhum dos alunos que completaram o curso havia já trabalhado com luzes, desconhecendo os efeitos que os projectores poderiam ter na sua actuação. As suas provas, deixadas inteiramente não só à sua escolha, mas também à sua inteira responsabilidade de preparação, são o melhor reflexo do tempo perdido durante três anos. A falta de imaginação dos alunos traduz apenas a falta de imaginação dos professores, a pequena dimensão de um curso obsoleto. É possível que actores novos, formados em 1970, numa altura tão rica de problemas, de interrogações, de encruzilhadas nos caminhos de teatro, se apresentem com textos tão estafados como «Os malefícios do tabaco», de Tchekov, ou as cenas de Claudel e Cocteau que foram representadas? Então não há nada de novo, nada que pudesse significar uma experiência pessoal, uma forma até de ilustrar ideias próprias do actor sobre o teatro do seu tempo?

MAIS DE MEIO SÉCULO IGNORADO

Mas que sabe o aluno do Conservatório sobre o teatro do seu tempo? Que sabe ele dos grandes movimentos teatrais, desde o início deste século? Alguma vez ouviu falar em Stanislaswsky? Foi-lhe proporcionado estudar as teorias de Meyerhold, Antoine, Craig, Copeau? que ideia fará de Brechet, Grotowsky, Julian Beck?

Mais: que sabe do seu teatro, do teatro do seu país? Que aprende, na disciplina de «História de Teatro», de Eudico Lisboa Filho, senão um somatório de datas, de nomes, de acontecimnetos que estão para o ensino teatral como o Matoso para certo ensino liceal? Que raízes encontrará para a inserção do seu trabalho, quando for chamado a responsabilizar-se perante a profissão que escolheu, e á qual tem obrigação de se entregar com toda a seriedade?

Não. O teatro já não é o que era no século passado, quando Garrett criou o Conservatório. O actor já não é o virtuoso que aprende uma série de regras, uma série de truques, baseado apenas na arte da imitação do seu professor. O teatro é qualquer coisa de muito mais complexo hoje, e os problemas de preparação que ele levanta exigem uma cultura de base actualizada, uma visão informada da interligação do fenómeno teatral com uma série de campos de conhecimento: desde a sociologia à filosofia, desde a ciência prática à investigação, desde a psicologia ao estudo dos grandes movimentos da Arte.

E que preparação têm para isso os alunos do Conservatório se apenas se lhes exige o exame da 4.ª classe?...

É ridículo, mas é verdade: há cinquenta anos que o teatro (desde as notáveis conquistas do Teatro Estúdio de Moscovo) atribui importância básica à disciplina de expressão corporal, que nenhuma escola moderna deixa de colocar entre as mais importantes na preparação do actor. Pois essa disciplina nunca existiu no Conservatório português.

É claro que se pratica ali uma espécie bizarra de «expressão corporal»: aquela que propõe uma expressão exterior do corpo do actor baseada no vestuário e no comportamento social. Não se exige a agilidade do corpo para preencher espaços de significação, mas exige-se o uso da gravata... Mas exige-se que as alunas usem meias... Exige-se que não se fume... Exige-se no fundo, etiqueta, contensão, artificialidade, quando se devia exigir descontracção e autenticidade. Em vez de uma escola de teatro, o Conservatório parece, às vezes, uma escola hoteleira, ou um instituto de boas maneiras.

REFORMA

Todo este estado de coisas reflecte, evidentemente, uma estrutura na qual o teatro tem um lugar mais que secundário. Entre nós o artista é olhado de forma quase tão humilhante como na Idade Média: porque o teatro é olhado também como uma forma apenas de divertimento, de recreio (e o mais doloroso é que são os próprios professores do Conservatório que assim o ensinam...).

Ora é evidente que este estado de coisas tem de alterar-se. Na exposição que endereçaram ao Presidente do Conselho, mais de uma centena de actores portugueses abordaram esta situação, solicitando uma reforma completa do ensino de teatro entre nós. Esperemos que esta reforma não se faça esperar, porque o que se está a passar no sector do teatro no nosso País é muito grave.

GUERRA NA INDOCHINA

A Tailândia não colabora?

O presidente Thieu e o primeiro-ministro do Camboja, Lon Nol, encontraram-se, há dias, pela primeira vez, em Neak Luong, na margem do rio Mekong, cerca de 40 quilómetros no interior do território cambojano.

Segundo um informador do presidente Thieu, os dois «leaders» teriam concluido que as «outras nações do mundo livre deveriam ir em auxílio do Camboja o mais rápidamente possível» e que tal assistência constituia um dever moral para os países do «mundo livre» a fim de impedir que os comunistas tomem a dianteira na guerra do Camboja.

Por outro lado, de acordo com fontes bem informadas, os dois «leaders» teriam considerado que a Tailandia não age de maneira suficientemente rápida para ajudar o vizinho Camboja. Os tailandeses esperariam, para conceder uma ajuda importante ao Camboja, receber em troca uma ajuda substancial dos Estados Unidos.

Segundo as mesmas fontes, o general Thieu e Lon Nol teriam considerado não ser conveniente constituir uma aliança anticomunista indochinesa. Lon Nol teria com efeito declarado: «Apenas os tailandeses beneficiariam de tal aliança. Os tailandeses permanecerão inactivos e são eles que terão dinheiro.»

Thieu e Lon Nol teriam também considerado ser pouco realista constituir uma aliança com o Vietnam do Sul, o Camboja, o Laos e a Tailandia, dado que o Laos e o Camboja são teóricamente neutros, enquanto que a Tailandia e o Vietnam do Sul estão ligados aos Estados Unidos e são abertamente anticomunistas.

Consideraram que, tal como o Vietnam do Sul, o Camboja deveria ter a assistência de países amigos — uma ajuda coordenada, embora sem aliança formal.

Lon Nol teria declarado ao presidente Thieu esperar que as forças tailandesas ajudariam as tropas cambojanas a defender o Norte e o Noroeste do país e que as forças sul-vietnamitas continuariam a operar no Leste do Camboja.

Vista de Saigão, a visita de Thieu ao Camboja parece constituir um esforço concertado para manifestar de forma espectacular o apoio do Vietnam do Sul ao regime de Lon Nol. Ao contrário dos Estados Unidos, que sustentou sempre não estar ligado ao Governo de Lon Nol, o regime de Thieu declarou abertamente que a sobrevivência de um regime não comunista e não dominado foi Sihanouk era vital para ele.

A escolha de Neak Luong para o encontro de alto nível entre Thieu e Lon Nol é simbólico: se esta localidade é mais próxima de Pnom Penh do que de Saigão, ela é também a mais importante base sul-vietnamita no interior do Camboja. Thieu e Lon Nol encontraram-se no quartel-general de um destacamento de «marines» sul-vietnamitas.

Thieu e Lon Nol encontraram-se durante uma hora, antes de almoçar juntos, na companhia de diversas personalidades cambojanas e sul-vietnamitas. Segundo ainda fontes bem informadas, Thieu teria aconselhado Lon Nol a constituir uma milícia local e a levar a efeito reformas económicas e sociais que dêem satisfação ao povo.

Antes, Thieu tinha visitado uma base de tropas sul-vietnamitas na região do Hamecon, onde as suas forças estavam em contacto com o inimigo a cerca de um quilómetro e meio de distancia.

ROBERT KAISER

(Exclusivo «The Washington Post»-«Diário de Lisboa»)

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 24 DE JULHO DE 1970 — N.º 54